

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO
INSTITUTO MEIRA MATTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MILITARES

AMANDA NEVES LEAL MARINI

**A 1ª GUERRA DO GOLFO SOB O OLHAR DE CLAUSEWITZ: UMA
REFLEXÃO TEÓRICA**



Rio de Janeiro

2023

AMANDA NEVES LEAL MARINI

**A 1ª GUERRA DO GOLFO SOB O OLHAR DE CLAUSEWITZ: UMA REFLEXÃO
TEÓRICA**

Texto apresentado como Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Teixeira Moita

**Rio de Janeiro
2023**

M339p Marini, Amanda Neves Leal

A 1ª Guerra do Golfo sob o olhar de Clausewitz: uma reflexão teórica. / Amanda Neves Leal Marini. —2023.

125 f.: il. ; 30 cm

Orientação: Sandro Teixeira Moita.

Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) —Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 119-125

1. Ciências Militares. 2. Clausewitz. 3. 1ª Guerra do Golfo. 4. Teoria da Guerra. I. Título.

CDD 955.054

AMANDA NEVES LEAL MARINI

A 1ª GUERRA DO GOLFO SOB O OLHAR DE CLAUSEWITZ: UMA REFLEXÃO TEÓRICA.

Dissertação apresentada à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Aprovada em 12 de dezembro de 2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SANDRO TEIXEIRA MOITA**
Data: 12/12/2023 15:43:03-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

SANDRO TEIXEIRA MOITA – Prof Dr – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Documento assinado digitalmente
 **TASSIO FRANCHI**
Data: 02/01/2024 09:44:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

TÁSSIO FRANCHI – Prof Dr – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Documento assinado digitalmente
 **AUGUSTO WAGNER MENEZES TEIXEIRA JÚNIOR**
Data: 12/12/2023 16:40:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

AUGUSTO WAGNER MENEZES TEIXEIRA JÚNIOR – Prof Dr – Membro
Universidade Federal da Paraíba – UFP

Documento assinado digitalmente
 **AMANDA NEVES LEAL MARINI**
Data: 02/01/2024 11:58:13-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ciente _____

AMANDA NEVES LEAL MARINI – Postulante
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a sua infinita misericórdia e bondade, permitindo-me chegar até aqui. Nada disso seria possível sem a sua proteção e cuidado.

Aos meus pais, Ary e Márcia, que acreditaram no meu sonho. Obrigada por nunca deixarem de me amparar em cada passo da caminhada e encorajar na realização dos meus sonhos. A vitória é nossa!

Às minhas avós, Adir e Djanira, que me ensinaram muito sobre a vida, através dos seus exemplos e condutas.

Ao meu orientador, prof. Dr. Sandro Teixeira Moita, o auxílio, os direcionamentos e as conversas durante a realização desta dissertação. Agradeço sempre as palavras de encorajamento.

Ao CMG Leonardo Mattos, o incentivo que me fez prosseguir com os meus estudos sobre Oriente Médio, para além do âmbito do NAC, e acreditar na minha capacidade.

Aos professores e profissionais do Instituto Meira Mattos. Obrigada por todo suporte e ajuda durante o mestrado.

Aos meus amigos desta jornada acadêmica, especialmente, os do IMM e do NAC/EGN. A trajetória ficou menos árdua com a amizade e companheirismo de vocês.

E, por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o fomento para a realização desta pesquisa.

“Para todas as pequenas meninas por aí, nunca duvidem de que vocês têm valor e merecem todas as chances do mundo para alcançar seus próprios sonhos.”

(Hillary Clinton, em 2016, após a derrota presidencial para o Donald Trump)

RESUMO

A presente dissertação tem como finalidade apresentar uma pesquisa exploratória, no âmbito das Ciências Militares, sobre a 1ª Guerra do Golfo (1990-91). O intuito é trazer esta temática à luz do pensamento clausewitziano, expondo assim uma reflexão teórica. Isto posto, a pergunta-problema deste trabalho é: “Por que o sistema de explicação do pensamento clausewitziano se mantém relevante em cenários como a 1ª Guerra do Golfo, a despeito das atuais críticas?” A hipótese trabalhada é que o pensamento de Clausewitz se mantém atual, devido a sua maior e contínua capacidade de resposta. Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa é entender a relevância do sistema de explicação do pensamento sobre guerra de Clausewitz no marco temporal e tendo como delineamento o cenário da 1ª Guerra do Golfo. Em relação aos objetivos específicos, optou-se por trabalhar e tecer uma análise de determinados conceitos empregados na teoria de guerra do militar prussiano, expostos no livro *Da Guerra* (1832), como, fricção e centro de gravidade, além da própria conceituação de guerra e entendimento da Trindade Notável. Como procedimento de pesquisa, adotou-se a revisão bibliográfica, seguida da aplicação de um estudo de caso único, com o propósito de ofertar uma análise e perspectiva mais aprofundada e pormenorizada, com o emprego do método histórico, sobre a 1ª Guerra do Golfo. Neste âmbito, optou-se por um recorte e ênfase na História Estratégica. Assim, este trabalho, em seu caráter qualitativo, almeja apontar e analisar como estas questões que, muitas vezes, são tão teóricas, acontecem e são postas em prática, além de ilustrar a dimensão da temática apresentada. A escolha e relevância desta temática reside no fato de ser a primeira guerra do Pós-Guerra Fria, além do fato de estar consolidado no tempo e apresentar alterações nos estudos da área de Segurança e Defesa, especialmente, Estratégia Militar. Dessa maneira, a 1ª Guerra do Golfo (1990-1991) apresenta ensinamentos para as Forças Armadas, bem como no tocante a planejamento estratégico e questões táticas. Posto isto, com base no apresentado, configura-se a proeminência de estudar esta temática, assim como a sua seriedade para o meio militar, como ensinamentos, experiências, contribuições e relevância institucional desta pesquisa para o âmbito das Ciências Militares, como um todo.

Palavras-chave: Ciências Militares, Clausewitz, 1ª Guerra do Golfo, Teoria de Guerra.

ABSTRACT

This dissertation aims to present exploratory research, within the scope of Military Sciences, on the 1st Gulf War (1990-91). The purpose is to bring this theme into the light of Clausewitzian thought, thus exposing a theoretical reflection. That said, the problem question of this work is: “Why does Clausewitzian thought remain relevant in scenarios such as the 1st Gulf War, despite current criticism?” The hypothesis is that Clausewitz's thought remains current, due to his head and continuous capacity for response. In this way, the general objective of this research is to understand the relevance of Clausewitz's thoughts on war in the time frame and with the scenario of the 1st Gulf War as its delineation. In relation to the specific objectives, it was decided to work and analyze certain concepts used in the Prussian military theory of war, exposed in the book *On War* (1832), such as friction and center of gravity, in addition to the concept of war itself and understanding of the Remarkable Trinity. As a research procedure, a literature review was adopted, followed by the application of a single case study, with the purpose of offering a more in-depth and detailed analysis and perspective, using the historical method, on the 1st Gulf War. In this context, a focus and emphasis on Strategic History was chosen. So, this work, in its qualitative nature, aims to signalize and analyze how these issues, which are often so theoretical, happen and are put into practice, in addition to illustrating the dimension of the theme presented. The choice and relevance of this theme abide in the fact that it is the first post-Cold War war, in addition to the fact that it is consolidated over time and presents changes in studies in the area of Security and Defense, especially Military Strategy. Thus, the 1st Gulf War (1990-1991) presents lessons for the Armed Forces, Operational Art, as well as regarding strategic planning and tactical issues. In this regard, based on what has been presented, the prominence of studying this topic is evident, as well as its seriousness for the military environment, such as teachings, experiences, contributions and institutional relevance of this research for the scope of Military Sciences, as a whole.

Keywords: Military Sciences; Clausewitz; 1st Gulf War; Theory of War.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fascinating Trinity - a three-dimensional System	p.32
Figura 2: The Trinitarian Analysis and Nature of War	p.33
Figura 3: Warden's five rings model	p.49
Figura 4: Limits on the rational conduct of war	p.64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCG - Conselho de Cooperação do Golfo

CSNU - Conselho de Segurança das Nações Unidas

JCS - Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos

KTO - Teatro de Operações do Kuwait

ONU - Organização das Nações Unidas

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

RAM - Revolução dos Assuntos Militares

TLAM - Missil de Ataque Terrestre Tomahawk

TRADOC - Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos Estados Unidos

USCENTCOM - Comando Central dos Estados Unidos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO: CARL VON CLAUSEWITZ (1780-1831)	17
2.1 Críticas e contemporaneidade	24
2.2 Introdução à Teoria da Guerra	29
3 O CENTRO DE GRAVIDADE NA ESTRATÉGIA MILITAR: HUB DAS AÇÕES E MOVIMENTOS NO TEATRO DE OPERAÇÕES	36
3.1 Estratégia Militar: definições, ideias e explicações	39
3.1.1 Estratégia Militar e a correlação com o entendimento da guerra	45
3.2 Centro de gravidade como integrante e fenômeno do confronto armado	46
3.3 O centro de gravidade na 1ª Guerra do Golfo (1990-91)	53
4 A TECNOLOGIA NÃO NOS SALVARÁ: A FRICÇÃO NA 1ª GUERRA DO GOLFO	60
4.1 Conceituação de fricção por Clausewitz – exemplos e alegorias	61
4.2 Análise do emprego da tecnologia bélica	68
4.2.1 (R)evolução no campo militar	73
4.2.2 Tecnologia e fricção: a campanha aérea do conflito	77
4.3 Considerações finais e comentários	81
5 ESTUDO DE CASO: A 1ª GUERRA DO GOLFO (1990-91)	85
5.1 Considerações a partir da História Estratégica	86
5.2 Antecedentes do conflito: uma perspectiva das Ciências Militares	89
5.3 Fase defensiva: Operação Escudo do Deserto (Agosto/1990)	95
5.4 Fase ofensiva: Operação Tempestade no Deserto (Fevereiro/1991)	98
6. CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a arte da guerra, Sun Tzu (2005) apresenta que esta é de notabilidade incontestável para o Estado, uma vez que delibera sobre a sua vida e a morte, promovendo segurança ou ruína. Assim, percebe-se a pertinência que o fenômeno guerra possui para o Estado, tornando-se fundamental compreender e analisá-lo. Desse modo, o presente trabalho de dissertação consiste em uma pesquisa exploratória, no âmbito das Ciências Militares, com o propósito de trazer uma reflexão teórica da 1ª Guerra do Golfo (1990-91) sob a óptica da lente clausewitziana, uma vez que o militar prussiano consolidou o seu nome à teoria da guerra de maneira tão insolúvel que se configuram pragmaticamente análogos.

Segundo Strachan e Rothe (2007, p.16): “Da Guerra é o prisma através do qual passamos a olhar para a guerra. [...] Clausewitz nos forneceu muitas ferramentas conceituais que nos permitem entender a natureza da guerra. A guerra pode mudar sua aparência, mas sua natureza subjacente permaneceu inalterada.” Embora, o contexto histórico da escrita seja as Guerras Napoleônicas, e que a teoria da guerra formulada pelo autor leve em consideração os padrões que prevaleciam no século XVIII/XIX, é relevante investigar a importância do seu pensamento, ao que diz respeito ao seu sistema de explicação, até a atualidade ao que diz respeito a compreensão dos conflitos bélicos tradicionais, como a 1ª Guerra do Golfo.

Desse modo, por conseguinte, a pergunta-problema deste trabalho é: “Por que o sistema de explicação do pensamento clausewitziano se mantém relevante em cenários como a 1ª Guerra do Golfo, a despeito das atuais críticas?”¹ Assim, o objetivo geral, deste trabalho, é entender a relevância do sistema de explicação do pensamento de Clausewitz, sobre guerra, tendo como marco temporal e delineamento, o cenário da Guerra do Golfo, visto ser foco de muitos questionamentos, como será discutido adiante. A respeito do caráter desta investigação, Soeters (2014, p. 314-317, *passim*) aponta que em pesquisas exploratórias, como o caso deste trabalho, o emprego de hipóteses faz parte de um dos itens mais básicos de pesquisa e indispensáveis nos estudos militares. Dessa maneira exposta, acrescido o fato de que as pesquisas na área de Ciências Militares possuem um maior grau descritivo, esta dissertação prioriza e foca em conter hipóteses, e posteriormente, trabalhar na análise destas. Sendo assim, a hipótese empregada é que o pensamento de Clausewitz se mantém atual, apesar dos julgamentos contemporâneos, devido a sua maior e contínua capacidade de

¹ Sobre o modelo da pergunta ser “why x despite y?”, ver Curini e Franzese (2020) e Gustafsson e Hagstrom (2018).

resposta. A respeito deste tópico, Gray (2010, p.22) apresenta que o seu pensamento não está morto, visto que as suas ideias vivem na obra-prima Da Guerra.

Sobre o entendimento e formulação da teoria da guerra, Clausewitz escreveu que o confronto bélico é composto pela tática, estratégia e política, elementos cruciais para o desenrolar no teatro de operações, e que serão analisados no desenvolvimento. Além disso, trabalha com demais conceituações ao longo do texto, algumas melhor desenvolvidas e empregadas do que outras, com definições e ilustrações, como, por exemplo, centro de gravidade, gênio militar, defesa, ataque, fricção entre outros². Assim, para compreender algumas ideias e conceitos, é preciso entender e depender de outros significados e suas relações, mostrando sua correlação textual. Desse modo, após esta apresentação, os objetivos específicos desta dissertação visam trabalhar dois conceitos clausewitzianos: fricção e centro de gravidade³.

Com base em Della Porta e Keating (2008, p.28), os métodos nada mais são do que formas, os meios para adquirir os dados para realizar a pesquisa científica. Para isso, como procedimento de pesquisa, adotou-se a revisão bibliográfica, seguida da aplicação de um estudo de caso único – com o intuito de trazer uma análise e abordagem mais detalhada –, com o emprego do método histórico, tendo como recorte a História Estratégica⁴. Sobre este aspecto, Soeters (2014, p.68) pontua que a análise histórica é apropriada, em todos os domínios do espectro de um confronto armado, desde a guerra convencional de alta intensidade até as operações de estabilidade de baixa intensidade.

A respeito da escolha do estudo de caso, nota-se que os estudos de caso único se concentram em fenômenos que são intrinsecamente importantes. Um aspecto considerável sobre trabalhar com estudos de caso é que uma parte significativa de que se tem conhecimento e compreensão sobre o mundo social e político vem de pesquisas a partir do seu uso. Outrossim, eles tiveram uma colaboração notável tanto para a subárea temática de Segurança Internacional quanto para a EPI (Economia Política Internacional). Um outro

² STRACHAN, Hew. **Sobre a Guerra de Clausewitz**. Tradução de Maria Luiza X.A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ECHEVARRIA II, Antulio Joseph. **Clausewitz and contemporary war**. New York: Oxford University Press, 2007.

³ Sobre a relevância e o porquê de trabalhar este conceito enquanto um dos objetivos específicos deste trabalho, vale retomar que é um elemento crucial na teoria e prática militar, sendo estudados até hoje pelas academias militares. Em vista disso, adiciona-se o fato de que continua sendo um alvo a ser identificado, especialmente, dentro da lógica da gramática da guerra e dos percalços da fricção e névoa da guerra.

⁴ GRAY, C. **The Strategy Bridge: Theory for Practice**. London: Oxford University Press, 2010.

GRAY, C. S. **War, Peace and International Relations: an introduction to Strategic History**. New York: Routledge, 2007.

argumento para a sua utilização, deve-se à razão de ser um método bem estabelecido na grande área de Ciências Políticas (CURINI E FRANZESE, 2020, p.1133 -1138; DELLA PORTA E KEATING, 2008, p.233). Além disso, o estudo de caso é, segundo George e Bennett (2005, p. 29): “um aspecto bem definido de um episódio histórico que o investigador seleciona para análise.” A respeito da aplicação deste método, vislumbra-se que é composto a partir de um conjunto de investigações que podem ser empregadas como evidências. Assim, possuem a capacidade de explicar uma classe de eventos, visto que é uma observação minuciosa de um aspecto de um episódio histórico visando desenvolver ou testar explicações históricas aplicáveis a outros eventos da mesma natureza. Dentro deste âmbito, o principal atributo do uso de estudo de caso é seu foco em um ou poucos casos, tendo o intuito de compreender e esclarecer as dinâmicas subjacentes mais amplas e gerais deste(s) fenômeno(s). Isso provoca a descrição de um episódio observado em toda a sua profundidade e complexidade (CURINI E FRANZESE, 2020, p.1133; DELLA PORTA E KEATING, 2008, p. 226; GEORGE E BENNETT, 2005, p.17; GERRING, 2007, p.13).

A importância deste método reside também na compreensão de que é por meio de estudos de caso que se pode alcançar níveis mais altos de validade conceitual ou até mesmo identificar e estabelecer indicadores que melhor refletem os conceitos que pretendem ser estimados e compreendidos (validade de mensuração)⁵, aspecto que fica mais notório com o estudo de caso único. “Como o termo sugere, estudos de caso único focam em um único caso, explorando a plausibilidade de uma teoria ou traçando o mecanismo causal em jogo em um contexto particular. Em comparação com projetos com mais casos, os estudos de caso único têm níveis mais altos de validade conceitual, permitindo levar em conta a complexidade dos fatores contextuais” (CURINI E FRANZESE, 2020, p.1139) (tradução nossa). Outro aspecto sobre o uso desta técnica de pesquisa é que, com base na literatura, entende-se que o uso deste método se torna mais interessante e vantajoso, quando os modelos estatísticos tendem a ser mais fracos e pouco utilizados, como o caso desta dissertação que tem um forte viés qualitativo (GEORGE E BENNETT, 2005, p.31).

A escolha da 1ª Guerra do Golfo, como exemplo aplicado, além de motivações políticas e estratégicas, deve-se ao fato de que o exame discriminado, como mencionado, de um evento histórico pode ser generalizável para outros episódios, partindo da construção da forma do pensamento indutivo. “Um estudo de caso permite observar a teoria em jogo. Também é importante distinguir entre o caso e a população mais ampla de casos aos quais a

⁵ CURINI E FRANZESE, 2020, p.1135; GERRING, 2007, p.28

teoria aspira ser aplicável” (CURINI E FRANZESE, 2020, p.1136). Sobre este aspecto, encontra-se respaldo nas próprias palavras de Clausewitz (2007, p.155), que apresenta a explicação de que “exemplos históricos esclarecem tudo; possuem além disso um poder demonstrativo de primeira categoria quando se trata de experiência empírica. Isso verifica-se na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo⁶.” Assim, este trabalho almeja apontar e analisar como estas questões que, muitas vezes, são tão teóricas, acontecem e são postas em prática, além de ilustrar a dimensão da temática apresentada. Dentro deste aspecto. Della Porta e Keating (2008, p.227) discutem e afirmam que “o estudo de caso interpretativo usa quadros teóricos para fornecer uma explicação de casos particulares, o que pode levar também a uma avaliação e refinamento de teorias.”

Ademais, a 1ª Guerra do Golfo foi o primeiro confronto armado internacional, de grande envergadura, no pós-Guerra Fria, ocasionando transformações bélicas no campo militar - com o uso intensivo de avançada tecnologia militar⁷ - e impactado profundamente os estudos sobre guerra, especialmente, Estratégia Militar, em virtude de as fases ofensivas e defensivas do confronto terem alcançado resultados avassaladores. Também promoveu transformações sem comparações na História Militar, o que confere muitos ensinamentos para as Forças Armadas⁸, ao que diz respeito, a treinamento, doutrina e equipamento bélico, correlacionando com Ciência e Tecnologia (ALVES, 2010; METZ, 2008 e SHIMKO, 2010). Um outro aspecto que corrobora para a justificativa deste desenho de pesquisa, especialmente, à escolha do referencial teórico, diz respeito à pouca produção nacional⁹ dedicada ao pensamento de Clausewitz.

Logo, com base no exposto e sobre as contribuições e relevância institucional desta pesquisa para o âmbito das Ciências Militares, configura-se a proeminência de estudar tal assunto, corroborando para a atualidade dos ensinamentos de Clausewitz, por mais que o panorama contemporâneo seja de críticas. Assim, entende-se a importância para o meio

⁶ Soeters (2014, p. 68), ao citar o Comando de Força Conjunta dos Estados Unidos (US Joint Force Command), encontra uma afirmação que corrobora com esta visão. “As war at its essence is a human endeavor, then it follows that one of the most effective ways to understand human nature is by a close consideration of history. As such, rather than futuristic vignettes, the Joint Operating Environment uses history as a principal way to gain insight into the future” (US Joint Forces Command, 2010, p. 5).

⁷ Dependendo da ótica de interpretação, encontra-se termos como Revolução Militar e Tecnológica ou Revolução tecno-militar, que embora possam vir a ser parecidos, não são sinônimos.

⁸ “As organizações militares estudam o passado na esperança de encontrar ferramentas para entender a guerra e preparar comandantes e unidades para ela. Esse interesse diz respeito principalmente aos princípios de guerra, melhores práticas e coesão da unidade.” (BAUDET, 2013, p.5) (tradução nossa)

⁹ MOITA, Sandro Teixeira; FRANCHI, Tássio. OS SABERES DA GUERRA: O PENSAMENTO DE CARL VON CLAUSEWITZ NO BRASIL. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 75-104. janeiro/abril. 2021

militar compreender o atual cenário da guerra, a partir do período histórico, além dos aprendizados obtidos sobre Estratégia e Teoria da Guerra na área das Ciências Militares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: CARL VON CLAUSEWITZ (1780-1831)

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (1780-1831), conhecido, popularmente, como Carl von Clausewitz, é conceituado como um dos maiores estrategistas e teóricos militares da História, tendo impactado profundamente o modelo ocidental de interpretar a guerra, influenciando o seu modo de guerrear e, conseqüentemente, sua Estratégia Militar. Dessa maneira, percebe-se como condicionou o pensamento militar do Ocidente, promovendo contribuições notáveis para a área, que anos mais tarde, viria a ser cunhada como Ciências Militares¹⁰.

Clausewitz era membro do corpo de oficiais da Prússia, tendo ingressado nas Forças Armadas da Prússia¹¹, ainda muito novo, com apenas 12 anos de idade. Nesta época, foi designado para o 34º Regimento da Infantaria, tendo o seu “batismo de fogo” a batalha em que o Exército prussiano conteve e repeliu os franceses na região da Renânia. Além disso, também lutou nas Guerras Napoleônicas, ambiente que foi propício para a elaboração e desenvolvimento dos seus pensamentos e argumentações a respeito da guerra. Desse modo, sua carreira como militar abrangeu todo o curso das Guerras Revolucionárias e Napoleônicas. Além de ter participado da guerra contra a França, em 1792, obtendo contato direto com o novo exército francês, Clausewitz foi parte do principal estímulo e cenário de reforma e modernização do Exército da Prússia (HOWARD, 2002; PARET, 1984; PROENÇA JÚNIOR, 1999; SOUCHON, 2020; STRACHAN e ROTHE, 2007).

Isto posto, grande parcela dos seus escritos e reflexões a respeito da formulação da teoria de guerra é derivada da sua própria observação individual e deste contexto histórico. Desta forma, sobre seus apontamentos, Clausewitz se portou muito mais como um teórico que, a partir das experiências pessoais no campo de batalha, se debruçou sobre o fenômeno de umas das atividades mais corriqueiras da humanidade; do que um soldado, um militar, escrevendo para outro correligionário (HOWARD, 2002; SOUCHON, 2020).

¹⁰ O presente texto considera como Ciências Militares o termo utilizado em BELLVÉ, 1895 apud DA CUNHA; MIGON, 2019, p.13-14. “[...] todas as disciplinas cujo conhecimento interesse de modo directo à conduta da Guerra. A Ciência Militar analisa, examina, compara e deduz, enquanto a Arte Militar executa [...] sendo a Sociologia o domínio dos conhecimentos relativos à existência das sociedades humanas, às Ciências Militares são parte integrante da Sociologia” (BELLVÉ, 1895 apud DA CUNHA; MIGON, 2019, p.13).

Assim como a definição composta na portaria nº 734 do Comandante do Exército, de 19 de agosto de 2010, que define como sendo: “o sistema de conhecimentos relativos à arte bélica, obtido mediante pesquisa científica, práticas na esfera militar, experiência e observação do fenômeno guerra e dos conflitos.”

¹¹ “O Exército ao qual ele se juntou em 1792 era uma pequena força profissional homogênea” (HOWARD, 2002, p.11).

“Clausewitz buscava educar a mente do soldado para que ele estivesse adequadamente equipado intelectualmente para resolver seus problemas. Não é de surpreender que os soldados de todos os períodos, embora às vezes valorizam uma compreensão profunda da natureza da guerra e da estratégia, tenham se mostrado mais interessados em encontrar respostas para as dificuldades estratégicas do momento. Clausewitz, deve-se dizer, forneceu respostas brilhantes para perguntas que poucas pessoas, se é que alguma, fazem. Soldados e seus mestres políticos precisam saber como vencer, ou pelo menos como evitar perder demais.” (GRAY, 2009, p.16) (tradução nossa).

Este âmbito oportuno para a formulação, ponderação e raciocínio dos seus pensamentos a respeito do confronto armado e teoria de guerra, possibilitou que durante o biênio 1803-1805¹², Clausewitz iniciasse seus escritos e desenvolvesse suas ideias, aplicando princípios filosóficos e científicos, que iriam, anos mais tarde, compor o manuscrito *Da Guerra*. Neste período também desenvolveu e publicou o seu primeiro artigo, onde refuta as ideias de von Bülow, sobretudo, as noções de estratégia, tática e batalha, já apresentando a relevância política no confronto armado. Sobre este ponto, Clausewitz discorre que a guerra consiste em tática – que perpassa a questões comuns e rotineiras -, estratégia¹³ – que é definida como sendo o uso do engajamento para fins de guerra e que invoca a coragem moral e o gênio militar do comandante - e política – encarregado do governo, utilizando meios para atingir seu fim militar (STRACHAN e ROTHE, 2007; COKER, 2017; HANDEL, 2005; MOHNKEN e MAIOLO, 2014).

Além disso, após a eclosão da guerra contra a França, em 1806, e o resultado da Batalha de Jena-Auerstedt (1806)¹⁴, especialmente, a Paz de Tilsit (1808), intensificou seus trabalhos em prol de trazer uma reforma militar prussiana, e com isso reorganizar o Exército Prussiano - que era baseado, neste momento, em serviço obrigatório apoiado por unidades territoriais de voluntários -, remodelando as estruturas das instituições militares da localidade. A derrota da Prússia, em 1806, confirmou que a guerra não deve ser observada e estudada, isoladamente, visto o componente político. Assim, ao longo da escrita, Clausewitz pontua o confronto bélico como sendo um processo dinâmico, complexo, unitário, mas nunca um ato isolado em si mesmo (PARET, 1984, p.16). Este fato deve-se, demasiadamente, ao infortúnio

¹² Estes anos vão do período em que Clausewitz se graduou no *War College* - sob a direção do general von Scharnhorst -, passando pelo estágio em que se tornou assessor do príncipe Augusto da Prússia, até a sua promoção como capitão, em 1805 (HOWARD, 2002; SOUCHON, 2020).

¹³ De acordo com Stone (2017, p.468), Clausewitz tem muito a ensinar e falar sobre estratégia. Para ler mais sobre estratégia militar e planejamento da guerra, ler a seção 3.1 desta dissertação.

¹⁴ “Em 14 de outubro de 1806, o exército prussiano, e com ele a própria Prússia, sofreu uma das derrotas mais abrangentes do tempo presente no teatro de operações de Jena-Auerstedt. Clausewitz tornou-se prisioneiro de guerra” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.30) (tradução nossa).

ocorrido em Jena, visto que revelou como as tropas prussianas não eram páreas às francesas, mas também ressaltou o escasso contato e participação da população perante o fato - o que se relaciona fortemente com a importância de entender os três elementos da Trindade, especialmente, o povo, para analisar a guerra, como será demonstrado posteriormente (COKER, 2017; GRAY, 2007; HOWARD, 2002; SOUCHON, 2020).

Ademais, no âmbito da expansão francesa sob o comando de Napoleão Bonaparte, Clausewitz acreditava que as agressões oriundas por parte da França teriam provocado alterações da balança de poder - com o propósito de transformar vários Estados em *satellite armies*¹⁵ - com ênfase no período de 1814 a 1815, até o Congresso de Viena. Além do mais, em 1818, após vinte e cinco anos de vasta e diversificada experiência profissional - com destaque ao ano de 1812, período em que serviu o corpo do Estado-Maior da Rússia - e com muitos escritos já realizados sobre os aspectos da guerra, Clausewitz aceitou ser diretor do *War College*¹⁶ (HOWARD, 2002; SOUCHON, 2020).

Nesta posição, ele entendia que teria oportunidades para influenciar a política - visto que entendia que uma transformação política seria necessária para ter uma participação popular mais intensa - e o pensamento militar dos corpos de oficiais da Prússia. Contudo, suas tarefas eram extremamente administrativas e suas propostas de reformas foram rejeitadas em um primeiro momento (GRAY, 2007; HOWARD, 2002). Além disso, após anos estudando, revisando, corrigindo e acrescentando novas informações¹⁷ aos seus esboços e ensaios acadêmicos, em 1827, Clausewitz, após ter redigido seis dos seus oito livros, entendeu que havia encontrado o "fio condutor", o ente que uniria todas as conceituações, que era a ênfase na primazia da política¹⁸. Nesta compreensão, acentua a política¹⁹ como objeto, tema

¹⁵ Estados satélites e, conseqüentemente, em torno da França, podendo ser utilizados de acordo com os interesses de Napoleão.

¹⁶ Também conhecida como Academia de Guerra Prussiana.

¹⁷ A obra da Guerra é baseada no estudo detalhado de mais de 130 campanhas e numerosas guerras (SOUCHON, 2020, p.139).

"Seguindo o conselho de Scharnhorst, Clausewitz enfatizou a necessidade de estudar as campanhas em profundidade. A história era, portanto, uma ferramenta crítica, [...], uma forma de ver o quão robusta era uma teoria. Clausewitz às vezes gostava de sugerir que a história levava à teoria, e não vice-versa, e suas histórias de campanha da década de 1820 reforçam essa impressão, mas não é aquela criada pela leitura de Da Guerra como um texto isolado" (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.53) (tradução nossa).

¹⁸ "Assim como a guerra e as suas instituições refletem o seu ambiente social, todo aspecto do combate deve ser banhado pela sua motivação política, seja ela intensa ou moderada. A relação adequada entre a política e a guerra ocupou Clausewitz durante toda a sua vida, mas até mesmo os seus primeiros manuscritos e cartas revelam a sua percepção da interação existente entre elas" (PARET, 1984, p.5).

¹⁹ Neste quadro, um aspecto a ser trabalhado é a questão política, uma vez que fins econômicos resultam de maneira fácil em fins políticos, e estes, por sua vez, podem ser representados em fins militares. Muito se discute sobre a tradução do termo Politik, mas no contexto, proferido por

unificador da guerra, uma vez que irrompe até mesmo nos componentes puramente militares²⁰, além de sua dupla natureza, limitada e total/absoluta (GRAY, 2010, p.29; PARET, 1984, p.5; PROENÇA JÚNIOR, 1999, p.75; STRACHAN, 2008, p.80).

O prussiano não explicita a guerra como um fenômeno independente, ato isolado, mas como um processo dinâmico, algo a ser compreendido como parcela de uma referência maior, que é o domínio político. A sentença mais difundida e propagada, da sua obra, evidencia que a guerra é a continuação da política por outros meios, ou ainda, que a guerra não é apenas um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação do intercuro político, realizado por outros meios²¹. Assim, há um vínculo entre os dois elementos, visto que a política permeia toda a ação da guerra, a influenciando. Ao mencionar sobre este elemento, Clausewitz acaba discorrendo sobre a gramática da guerra²², evidenciando o papel do caráter contemporâneo da guerra, assim como a predominância da lógica política. Em síntese, esta relação²³ deve-se ao fato de que o propósito, objetivo político e o alvo militar coincidem, além de situar o confronto armado precisamente e com firmeza no campo político, tornando sua teoria de guerra mais científica e completa (HEBERG-ROTHER, 2007, p.154; PARET, 1984, p.6; ECHEVARRIA II, 2007, p.4-6; SOUCHON, 2020, p.135).

“A última das ideias sobre a natureza da guerra a ser citada do cânone clausewitziano é a distinção que ele faz entre a lógica política e a gramática da guerra. Com essa distinção, ele insiste que, embora a guerra deva estar subordinada aos propósitos políticos que a causaram, lançaram e, em última análise, a dirigiram, a violência organizada, em qualquer período, tem uma integridade militar própria. Quando um formulador de políticas ordena ‘vá’, a máquina militar deve lutar da única maneira que é capaz, sujeita, naturalmente, à interferência do inimigo. O que Clausewitz está dizendo é que, embora a guerra seja, e deva ser, um instrumento político, ainda é um confronto armado e tem uma ‘gramática’, um caráter técnico e humano único em si mesmo e particular de um tempo e lugar” (GRAY, 2009, p.26) (tradução nossa).

Clausewitz, vislumbra-se que pode ser conceituado pela junção entre política interna e política externa.

²⁰ “O Da Guerra não tolerava a ideia de uma guerra estanque, desvinculada do restante da vida política e social, regida por etiquetas militares. Ao contrário, reconhecia-a como claramente inserida num mundo complexo, dinâmico, difuso, e profundamente marcado por uma quantidade inesgotável de ligações e relações, principalmente políticas” (PROENÇA JÚNIOR, 1999, p.75-76).

²¹ Também pode ser encontrada como, a guerra é a continuação da política por meios militares (CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*, 2007, pp. 10, 16, 59, 283).

²² “A guerra pode ser um instrumento político, primeiro e último, mas, em suas palavras, tem sua própria “gramática”” (GRAY, 2010, p.22).

²³ “A relação entre guerra e política foi tratada sob um título separado, *Politik und Kriegführung*, e a última palavra passou a significar não apenas a condução da guerra em um sentido operacional, mas a combinação de fatores políticos e militares pelos poderes supremos” (MOHNKEN e MAIOLO, 2014, p.439) (tradução nossa).

Dentro deste cenário, Clausewitz (2007, p.62) aborda que: “a guerra é um ato de violência destinado a obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade, o seu objetivo seria sempre e unicamente derrotar o inimigo e desarmá-lo.” Nesta perspectiva, Clausewitz faz uma distinção entre as guerras, entre exterminar o oponente e destruir sua identidade política - destruí-lo como organismo, ente político -, o que se relaciona com o propósito da guerra, de aniquilar as forças adversárias e enfraquecer o oponente o suficiente para impor sanções e forçar acordos de paz. “A intenção deve ser danificar as forças do inimigo de modo que ele não possa levar a guerra adiante ou não possa fazê-lo sem perigo para si [...] destruir o exército do inimigo” (CLAUSEWITZ, 2007, p.62; STRACHAN, 2008, p.76).

Sobre esta temática, entende-se sobre destruir as Forças Armadas, capacidade de reação e agressão, aniquilar, desarmar o adversário ou prescrever os acordos, termos de paz²⁴ após o confronto. Assim, o militar prussiano ao considerar esta dupla natureza da guerra, aponta que o inimigo se considera derrotado quando não tiver mais capacidade de lutar, seja material e moralmente, sendo esta fase decisiva para o resultado da guerra, visto ser o principal propósito das operações. Esta compreensão relaciona-se diretamente, com o conceito clausewitziano de guerra, como a continuação da política com a entremistura de outros meios violentos (STRACHAN, 2008, p.21-31, passim).

Ademais, sobre a concepção de guerra, Clausewitz também a descreve como um verdadeiro camaleão, devido a rápida adaptação das suas características e aparência. Assim, já postula a conceituação e proximidade com a compreensão de Trindade, visto que a guerra possui alterações pontuais em cada caso concreto, porém, quando considerada como um todo e em relação às tendências que nela dominam, é algo contínuo, com elementos intrínsecos.

“A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão que adapta ligeiramente as suas características ao caso concreto. Como um fenômeno total, suas tendências dominantes sempre fazem da guerra uma trindade paradoxal – composta de violência primordial, ódio e inimizade, que devem ser considerados como uma força natural cega; do jogo de acaso e probabilidade dentro do qual o espírito criativo é livre para vagar; e de seu elemento de subordinação, como um instrumento de política, que o torna sujeito apenas à razão.” (CLAUSEWITZ, 2007, p.61) (tradução nossa).

“A implicação aqui é que a guerra pode de fato ser um camaleão, na medida em que muda ligeiramente sua natureza em cada caso individual, mas não sua natureza em geral, que é composta pela trindade. Assim, chegamos a uma tradução que diz: 'a guerra não é apenas um verdadeiro camaleão', porque muda ligeiramente de natureza em cada caso concreto, mas é

²⁴ “O uso da força militar só é sensato se – como condição necessária e suficiente – servir para alcançar um propósito político mais elevado e estiver selado no acordo de paz pretendido.” (SOUCHON, 2020, p.26) (tradução nossa).

também, em sua aparência geral, em relação às suas tendências inerentes, uma trindade notável.” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.18).

Com base no seu pensamento, Brodie (1984, p.59) argumenta que: “a guerra é diferente de qualquer outra coisa. Assim, por mais que ela possa mudar em si mesma de uma época para outra, as suas características essenciais permanecem distintas de todas as outras atividades do homem.” Acrescido a este fato, Clausewitz estabelece que a guerra possui um caráter, natureza objetiva e outra subjetiva, esta pautada na ideia e comparação, da guerra como sendo um camaleão, e a outra com características inalteradas. Este somatório e conjunto fomentam a essência do conflito armado, que como já abordado, é visto como a continuação da política com adições de outros meios, tendo fins militares e políticos (GRAY, 2009, p.24-29, passim).

Entretanto, apesar de grandes contribuições e conceituações importantes²⁵, ressalta-se que a obra *Da Guerra*, também entendida como um tratado filosófico é um manuscrito inacabado e sem a revisão completa de todos os seus capítulos. Mesmo neste cenário, tornou-se relevante e de suma importância para o estudo e prática das Ciências Militares (GRAY, 2010, p.29; HOWARD, 2002, p.20; PARET, 1984, p.6; SOUCHON, 2020, p.56).

"Sua experiência inicial havia sido em campanhas de manobra e guerra de cerco no século XVIII. Antes dos 40 anos, ele participou de algumas das maiores batalhas da história da guerra e viu os exércitos de Napoleão invadirem a Europa até Moscou, apenas para serem expulsos novamente com pouca expectativa de desempenho. Tudo isso fora resultado de operações militares, mas era claro para Clausewitz, ainda muito jovem, que a explicação para o sucesso ou fracasso dessas operações não deveria ser buscada apenas no campo de batalha. A análise militar, para ter algum valor prático para a posteridade, precisava ser levada a um nível mais profundo do que nunca." (HOWARD, 2002, p.11-12) (tradução nossa).

Não obstante, Proença Júnior (1999, p.72-73) aponta e complementa que esta obra, publicada em 1832, é o primeiro esforço minucioso de designar uma teoria sobre a guerra, “sistematizando o conjunto de reflexões clausewitzianas sobre a guerra e as enquadrando em um arcabouço teórico de grande envergadura.” Assim, nota-se que *Da Guerra* é um diálogo fundamentado entre teoria e prática. Tanto sua experiência como militar, no campo de batalha,

²⁵ “A teoria da guerra de Clausewitz é considerada aqui a partir de duas grandes perspectivas: o que ele tem a dizer sobre a relação entre política e guerra; e depois sobre a natureza da própria guerra. Pode ser importante neste momento reafirmar exatamente por que um livro sobre a história estratégica dos últimos dois séculos requer uma discussão da teoria estratégica. A explicação mais sucinta é que tudo o que foi estratégico na história desses 200 anos foi regido pela teoria de Clausewitz” (GRAY, 2009, p.22) (tradução nossa).

quanto a História Militar, à qual ele foi apresentado por Scharnhorst²⁶, foram os testes de realidade dessa inclinação à abstração, possibilitando uma posição privilegiada para se debruçar a respeito da teoria da guerra. Sobre este aspecto, o prussiano enfatiza que a teoria vem em primeiro lugar, e a partir de então, inicia-se um diálogo por meio da História Militar, como ele mesmo aponta “exemplos históricos esclarecem tudo” e “fornecem o melhor tipo de prova nas ciências empíricas” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.34-53, CLAUSEWITZ, 2007, p.155).

Entretanto, vale ressaltar que, durante as décadas seguintes à sua edição e lançamento²⁷, o livro chamou pouca atenção do público em geral, ante a prevalência das ideias de Jomini, estas que tendem a ser reducionistas e simplistas, enquanto o pensamento de Clausewitz é mais reflexivo²⁸ e apurado. Esta situação só foi alterada a partir do começo da década de 1870²⁹, quando Helmuth von Moltke³⁰ prestou reverência a Clausewitz, como contribuinte fundamental para o sucesso militar obtido, pois seus ensinamentos e reflexões foram vitais para a vitória prussiana do final do século XIX contra a França. Neste sentido, tudo o que Moltke sabia de guerra tinha sido por meio das lições de Clausewitz, que foi recebida como a revelação de um grande enigma (GRAY, 2009, 2010; STRACHAN e ROTHE, 2007; HOWARD, 2002).

Assim, em resumo, quando o Exército prussiano emergiu apoteótico em 1871, as demais Forças Armadas europeias, o buscaram como forma de inspiração, e acabaram descobrindo o pensamento clausewitziano sobre a guerra. Desse modo, nos anos de 1870, a reputação de Jomini começou a ser suplantada pela de Clausewitz. A partir deste momento, intérpretes e influentes autoridades começaram a conhecer e a ter acesso a esta relíquia, lendo e aplicando em seus estudos, a saber: von Moltke, Lenin, Liddell Hart, Hahlweg, Ludendorff,

²⁶ Gerhard Johann David von Scharnhorst (1755-1813) foi general e chefe do Estado-maior prussiano, exercendo grande influência sobre Clausewitz, especialmente, com a ideia de reforma do Exército Prussiano.

²⁷ Após a morte de Clausewitz, em 1831, Marie von Clausewitz, sua viúva, assumiu a função de compilar todos os trabalhos e publicar a obra *Da Guerra* (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.32).

²⁸ “Deliberadamente, Clausewitz não procurou escrever um “livro de receitas” de estratégia, um manual passo a passo para a vitória” (Gray, 2009, p. 16) (tradução nossa).

²⁹ “Da Guerra desfrutou de uma posição incontestável entre os tratados gerais sobre guerra e estratégia desde o início da década de 1870” (Gray, 2010, p. 22) (tradução nossa).

“Em 1873, o principal jornal profissional da época, *Militär-Wochenblatt*, declarou que Clausewitz era a primeira autoridade em Ciência Militar; em 1876, no dicionário de biografias nacionais, *Allgemeine Deutsche Biographie*, Ferdinand von Meerheimb disse que as guerras de 1866 contra a Áustria e a de 1870 contra a França foram travadas no espírito de Clausewitz; e em 1891 Max Jähns em sua história de três volumes das Ciências Militares descreveu a influência de Clausewitz como 'quase mística’” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.34) (tradução nossa).

³⁰ Helmuth von Moltke (1800-1891) foi um imponente militar prussiano, no século XIX. Dentre os seus principais feitos militares, destaca-se o fato de ter liderado uma numerosa divisão do Exército prussiano durante o período da Unificação Alemã e na Guerra Franco-Prussiana.

Mao Tsé-Tung, Raymond Aron, além de demais historiadores e teóricos militares, que propagaram seu trabalho por meio de interpretações e traduções, como Howard, Paret, Bassford, Herberg-Rothe, Strachan e Echevarria II (BAUDET, 2013; GRAY, 2007; 2009; HOWARD, 2002; PROENÇA JÚNIOR, 1999).

Portanto, o teórico prussiano capturou o vigor da estratégia de Napoleão, sendo que esta, configura-se como a ponte entre o poder militar e o propósito político, para escrever e formular uma ciência da guerra, assunto que para ele soava tão familiar. Assim, seus escritos são, em primeiro momento, um reflexo e investigação da guerra vivenciada, como militar, nas campanhas, com base nas transformações e adventos promovidos por Napoleão³¹, naquele contexto histórico. Suas investigações sobre o confronto bélico têm como suporte e foram influenciadas, como observado, por meio das suas próprias reflexões e vivência nos campos de batalha, e que a partir delas traçou a percepção e desenvolvimento sobre a teoria da guerra, adotando um modelo de pensamento indutivo (GRAY, 2009; STRACHAN e ROTHE, 2007, passim).

2.1 Críticas e contemporaneidade

Com o término da Guerra Fria, novas ameaças oriundas de entes não-estatais, como grupos paramilitares, atentados terroristas, fundamentalismos, genocídios, ataques cibernéticos, desastres e catástrofes humanitárias, entre outros, passaram a ter uma maior projeção no Sistema Internacional defronte confrontos e guerras interestatais protagonizadas pelas potências. Assim, os anos 1990 foram um período crítico e de muita contestação seja pela emergência da Nova Ordem Mundial, cenário do pós-Guerra Fria, seja crescimento da participação, atuação e poder de atores não estatais, em um momento em que os Estados Unidos passam a ser a única superpotência mundial. Com base no exposto, entende-se que este período a paz não exerceu domínio supremo em todo o mundo, visto que foi uma das décadas mais ensanguentadas e violentas do século XX, pelo menos ao que se refere a confrontos bélicos que não entre grandes potências (MAHNKEN E MIOLO, 2014; STRACHAN, 2008; GRAY, 2009).

³¹ “Sem Napoleão, Da Guerra nunca poderia ter sido escrito. O livro é, em primeiro lugar, uma exploração da guerra como Clausewitz a experimentou e refletiu o fato de que pelo menos o caráter da guerra, se não sua natureza subjacente, foi fundamentalmente alterado por Napoleão” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.32) (tradução nossa).

Acrescido a este fato, acadêmicos famosos e com certo destaque como La Maisonnette (1998), Mary Kaldor (1999), Martin Van Creveld³² (1991) e John Keegan (2006) começaram a contestar a validade do pensamento de Clausewitz, da guerra como sendo um ato de força destinado a realizar os objetivos da política, afirmando que estava arcaico. Eles entendiam e defendiam que seria o surgimento de um novo momento, postulando dois tipos de guerra, a “velha” e a “nova”, esta baseada, em grande parte, em confrontos, em sua maioria, intraestatais, protagonizados cada vez mais, por entes não-estatais, conferindo um caráter irregular ao teatro de operações. Largamente difundida, a tese proposta era de que as, então, “velhas guerras” seriam aquelas entre os Estados e suas respectivas Forças Armadas convencionais oriundas do momento da Era Industrial. O alicerce dessa argumentação consiste em repensar a guerra como sendo não apenas um embate entre atores estatais e suas respectivas Forças Regulares com vistas a alcançar um determinado objetivo político, como proferido por Clausewitz (2007), mas sim uma ampliação deste conceito (MAHNKEN E MIOLO, 2014; GRAY, 2009, p.227-233, *passim*).

Desse modo, a questão de análise desta dissertação, especialmente, ao que tange, as atuais críticas ao pensamento clausewitziano, gravitam em torno das críticas de Mary Kaldor ao seu sistema de explicação. Kaldor não considerava as decorrências e repercussões destas interpretações diversas, focalizando obcecadamente na construção pós-westfaliana e afirmando que a guerra na era de Clausewitz ocorria entre Estados e para o interesses e fins políticos destas instituições, o que, em suas palavras, não configura-se mais como universal e totalmente verdadeiro. Nesta interpretação, aponta que segundo Da Guerra (1832), a guerra é um ato de violência com objetivo de obrigar o adversário a cumprir a nossa vontade, desse modo, existia uma vertente e leitura de “nós” contra “eles”, que sempre seriam os Estados, objeto em que tudo gravita em torno, como as vontades, o que não se aplica em sua integridade, no pós-Guerra Fria, em sua leitura. (STRACHAN e ROTHE, 2007; KALDOR, 1999)

Contudo, infelizmente, debates e compreensões como estas começaram a se expandir, impactando o entendimento da natureza da guerra. Neste ensejo, Kaldor (1999) argumenta que guerras protagonizadas, tradicionalmente, por Estados, conduzidas por suas forças convencionais, passam a ser algo cada vez mais obsoletas³³, assim como o pensamento de

³² “Van Creveld distorce as declarações de Clausewitz, as reduzindo ao entendimento e compreensão dos termos da Trindade.” (SOUCHON, 2020, p.6) (tradução nossa)

³³ “A maioria de suas ideias, conceitos analíticos e discussões sobre a guerra são válidas e úteis. Fricção, acaso, incerteza ou fatores morais sempre influenciarão a guerra e o conflito; a análise trinitária é relevante para todos os tipos de guerra em todas as épocas; e sua ênfase na natureza

Clausewitz, o que se percebe claramente como errôneo, visto os últimos confrontos internacionais desde então. Neste embate de considerar Clausewitz ultrapassado, os teóricos abordados afirmaram que ele havia teorizado apenas o conflito interestatal, e que a Trindade Notável, item a ser abordado na próxima seção, corrobora para este pensamento, uma vez que apresenta apenas o povo, as tropas militares e o governo, e que no pós-Guerra Fria, supostamente, o conflito armado não é mais um mero empreendimento conduzido por governos com Forças Armadas em prol de suas sociedades (GRAY, 2009; SOUCHON, 2020; STRACHAN e ROTHE, 2007).

Em *Da Guerra*, Clausewitz apresenta que a guerra é o resultado das relações essencialmente voláteis e oscilantes entre violência e paixão, acaso e gênio, razão e política. Desse modo, Clausewitz estava muito mais suscetível, acessível e aberto, em sua teoria da guerra, ao surgimento e incorporação de atores não estatais do que seus críticos recentes concluíram e afirmaram. Assim, elucida-se que a pertinência das conceituações de Clausewitz, hoje, perpassam o predomínio de guerras civis e conflitos entre atores não-estatais. Dessa maneira, esta associação se torna válida e justificada em todos os tipos e para guerras de quaisquer caracteres, e não apenas interestatais (GRAY, 2009, STRACHAN e ROTHE, 2007).

“Após o fim da Guerra Fria e a proeminência da guerra com atores não estatais (por exemplo, forças de guerrilha, insurgentes, grupos terroristas), críticos tomaram essa trindade derivada de governo/militares/população como um sinal da derrocada de Clausewitz, uma vez que as forças rebeldes, ou senhores da guerra, não podiam ser descritas nas categorias simples de um governo, um exército (profissional) e uma população distinta. [...] É sua trindade primária - violência-ódio-inimizade - que fornece os “três ímãs” entre os quais a guerra se move como um objeto de metal suspenso, seguindo constantemente sua atração. [...] Essas variáveis em si estão interligadas: a tendência à violência pode ou não ser cerceada pelos líderes políticos, os militares podem ou não ser influenciados pela paixão (ou desinteresse) da população como um todo, as vitórias ou derrotas dos militares podem ou não despertar as paixões do povo, e a liderança política pode ou não ter perseguido seus interesses com cuidado suficiente para ter preparado bem as forças armadas para seu propósito na guerra. Essas ideias continuam a ser ferramentas analíticas brilhantes ³⁴” (CLAUSEWITZ, 2007, p.29) (tradução nossa).

política da guerra é crítica como uma declaração factual e normativa.” (HANDEL, 2014, p.71) (tradução nossa).

³⁴ Notas de introdução feitas pela acadêmica Beatrice Heuser, na edição de 2006, do livro *On War*, da editora Oxford University Press.

Além disso, sobre este tópico, Souchon (2020, p.8) apresenta que os fatores da Trindade³⁵ são aplicados nos teatros de operações do mundo, o que possibilita identificar o oponente, o jogo de forças, as consequências da violência, do ódio e da inimizade, assim como as relações entre os entes de comando militar (o comandante, as Forças Armadas) e o político (governo), corroborando para a contemporaneidade do pensamento prussiano. Não à toa, Souchon (2020, p.26) contribui para este entendimento ao afirmar que desde o início da Idade Contemporânea, há relações estreitas entre as Forças Armadas, o Governo e os objetivos estatais para travar uma guerra e obter sucesso e vitória ao que tange a alcançar o propósito em jogo.

Outrossim, neste cenário, não somente a compreensão do que é Trindade, mas, de maneira geral, as ideias de Clausewitz costumam ser mal interpretadas e pouco estudadas, muito devido à ideia de ser uma obra cujo tamanho e grandeza atemorizam. Em relação à questão dos críticos ao sistema explicativo de Clausewitz, na atualidade, há um foco em uma leitura seletiva e pouco precisa da obra, não observando a imensidão do texto, cujo alcance amedronta. Não à toa, Howard (2002, p.62) argumenta que Clausewitz é muito conhecido, mas pouco lido. Esta questão tem muita relação com o fato de que há uma certa herança de projetar em Clausewitz, o que ele pretendia dizer ou escrever, trazendo muitas vezes, interpretações errôneas, díspares e contraditórias.

Ao observar ao longo da história, a Rússia czarista tinha pouca inclinação por Clausewitz, apesar do fato de que Marx, Lênin e Engels o admiravam e leram sua obra. Entre os bolcheviques, a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) transformou a discussão de Clausewitz, sobre a dialética entre guerra e política, mais significativa, uma vez que os dois entes eram meios para outro fim, o da revolução. Do ponto de vista historiográfico, as visões e leituras do pensamento de Clausewitz apresentavam interpretações diversas do ponto de vista cultural, local, geracional e político. Desse modo, foi empregado, sincronicamente, e nem sempre por razões opostas ou leituras seletivas, onde cada um aplicava o que mais lhe interessava, desde Karl Marx, até Adolf Hitler, passando pelas democracias liberais do Ocidente (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.45-52, passim) (tradução nossa).

Assim, muitos questionadores, com o passar dos anos, a fim de afirmar seus pontos de vista, tomaram posse de expressões, compreensões e até mesmo parágrafos e lições isoladas, fora do contexto, deturpando o entendimento exposto na obra. Ademais, a respeito da questão

³⁵ “Essa trindade pode ser resumida como violência-ódio, acaso e objetivos políticos ou, em termos eulerianos, a guerra é uma função das variáveis violência-ódio, da sorte e das habilidades dos militares e dos objetivos da liderança política” (CLAUSEWITZ, 2007, p.30) (tradução nossa).

temporal, o militar prussiano percebe que quem se apoia apenas nas perspectivas do seu próprio momento histórico está fadado a tratar o que existe de mais atual como sendo o melhor, se ofuscando do que vem anterior e posteriormente, achando improvável atender o que é diferente. (HENDEL, 2014, p. 62; STRACHAN, 2008, p.31; GRAY, 2009, p.21; STRACHAN e ROTHE, 2007; GRAY, 2009; STRACHAN e ROTHE, 2007).

Um outro ponto de questionamento, é que as rápidas mudanças tecnológicas na indústria bélica tornaram a compreensão da natureza de guerra ainda mais complexa do que na época que Clausewitz escreveu sua teoria. Entretanto, Howard (2002, p.12) postula que Clausewitz transcendeu as limitações impostas por percepções das circunstâncias políticas e tecnológicas do seu tempo, e que não há estudo sistemático comparado à obra do prussiano. Este cenário deve-se ao fato de que, segundo Proença Júnior (1999, p.72), Clausewitz é o autor de um grande livro sobre a guerra; talvez, mesmo o único verdadeiramente grande livro sobre o tema, visto que suas reflexões continuam tendo valor mais de cento e cinquenta anos após a sua publicação. O autor continua e apresenta que até os dias de hoje, nenhum livro sobre a teoria da guerra pode lhe ser assemelhado. O que é corroborado por Gray (2009, p.15) na afirmação de que “não é simplesmente o maior, mas o único verdadeiramente livro sobre guerra”

Neste panorama, vale ressaltar que Colin Powell³⁶, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas dos Estados Unidos entre os anos de 1989 a 1993, argumentou que o pensamento clausewitziano apresentado em *Da Guerra* é “como um raio de luz vindo do passado e que ainda ilumina as perplexidades militares do presente” (STRACHAN, 2008, p.8). No momento de críticas, soma-se o fato do ápice da difusão dos argumentos de Van Creveld, que teve o infortúnio de emergir no contexto em que a 1ª Guerra do Golfo, um conflito convencional, chegava ao seu desfecho aparentemente esfuziante, com a fase ofensiva, a Operação Tempestade no Deserto. Dessarte, Watson (1991, p.214) e Scales (1994, p.388) descrevem que esta guerra afirma várias postulações clausewitzianas e confirma que a natureza da guerra não sofreu alterações, embora este tipo de afirmações comece a ser alvo de questionamentos e indagações. Esta operação apresenta em seu âmago o controle e posse territorial e de recursos, tendo o combate terrestre decisivo como o núcleo estratégico da guerra conjunta. E, além do mais, por mais que contassem com um arsenal bélico muito sofisticado e sistemas de comunicação de primeira linha, o objetivo político, as ideias pregadas por Clausewitz, como

³⁶ General 4 estrelas dos Estados Unidos, que também foi Secretário de Estado, no governo Bush, entre os anos 2001 a 2005.

ser um ato de violência para impor nossos interesses perante o inimigo, não mudaram (SCHUBERT E KRAUS, 1998; STEWART, 2010; STRACHAN, 2008, WATSON, 1991).

Desse modo, correlacionando as críticas ao pensamento e entendimento de Clausewitz sobre guerra e a escolha da 1ª Guerra do Golfo (1990-91) como estudo de caso, vislumbra-se como este confronto armado foi um exemplo clássico de uma guerra interestatal, ao olhar os apontamentos clausewitzianos, ao libertar o Kuwait da agressão iraquiana. Neste aspecto (Gray, 2009, p.227) descreve que havia uma leitura, muito do discutido, antecipadamente, que as novas guerras da era pós-Guerra Fria seriam, exponencialmente, intraestatais ou que pelo menos um dos lados seria um ator não estatal. Mas, ao observar o caso tratado no estudo de caso, nota-se como as Forças Armadas regulares de ambos os lados foram organizadas e equipadas de maneira não muito diversa do que ocorrera na 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

Neste panorama, Paret (2001, p. 292) pontua que compreender a guerra ainda exige muito mais explicação, e que, talvez, a lição mais importante, obtida a partir da obra *Da Guerra*, é que o confronto bélico pode ser estudado com um espírito diferente. Souchon (2020, p.50-57, *passim*) corrobora com este pensamento e pondera que as ideias de Clausewitz devem ser entendidas, assim como a História, no contexto do seu tempo e situação, e acrescenta que aprender sobre os contrastes históricos, sua dinâmica dos eventos e possíveis cursos da ação da guerra nos familiariza com a essência da guerra. Portanto, percebe-se como é uma área que precisa ser debatida e melhor analisada, visto os impactos para o desenrolar e entendimento, não apenas da guerra, mas no âmbito das Ciências Militares. Assim, a 1ª Guerra do Golfo torna-se um exemplo adequado para avaliação em um estudo de caso, visto o objetivo de entender e trabalhar a relevância do sistema de explicação do pensamento de Clausewitz, apesar das atuais críticas.

2.2 Introdução à Teoria da Guerra

Ao longo da obra *Da Guerra*, Clausewitz não desenvolveu apenas a definição da guerra como sendo a continuação da política por outros meios, tampouco só a compreensão sobre Trindade, mas também descreveu sobre propósitos e meios da guerra, gênio militar, uso da força, destruição da força oponente, inteligência no combate, estratégia, fatores morais, ataque, defesa, ofensiva, tipos de resistência, invasão, vitória, entre outros componentes, além de fricção e centro de gravidade, que como abordado anteriormente, são os objetivos específicos deste trabalho. Com base nisso, no livro VIII, intitulado, “*War Plans*”, Clausewitz discorre sobre a interdependência dos elementos de guerra, a escalada do objetivo militar e o

seu esforço, propondo uma definição mais detalhada do objetivo militar e compreensão sobre o efeito do objetivo político sobre o militar. Isto ressalta a grandeza da teoria de guerra formulada e do pensamento militar exposto pelo autor.

Como abordado, a guerra se assemelha, compara, a um verdadeiro camaleão, visto que adequa seus atributos a situações estipuladas, mesmo não mudando sua essência como um todo. Strachan e Rothe (2007, p.93) afirmam que esta metáfora com o camaleão, deve-se ao fato de que o animal, assim como a guerra, muda facilmente sua aparência superficial, sua “coloração.” “A implicação aqui é que a guerra pode de fato ser um camaleão, na medida em que muda ligeiramente sua natureza em cada caso individual, mas não sua natureza em geral, que é composta pela Trindade. Assim, chegamos a uma tradução que diz: 'a guerra não é apenas um verdadeiro camaleão, porque muda ligeiramente de natureza em cada caso concreto, mas é também, em sua aparência geral, em relação às suas tendências inerentes, uma trindade maravilhosa” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p. 18) (tradução nossa).

Assim, compreende-se como este fenômeno é complexo e mutável, dinâmico e nunca um ato isolado em si, sendo suas tendências predominantes constituídas pelo povo, comandante e seu exército³⁷ e do governo. Estes se relacionam, são apontados e percebidos como uma força natural cega, jogo do acaso, probabilidade, incerteza e espírito criativo, além do propósito e efeito político. É importante se ater ao fato de que Clausewitz não ponderou, ao longo da escrita, rigorosamente a paixão ao povo, o acaso e a criatividade ao Exército, e a razão ao governo, porém outorgou que os três aspectos da guerra dizem respeito, especialmente a essas instituições³⁸ (CLAUSEWITZ, 2007; HOWARD, 2002; PARET, 2001; GRAY, 2009; STRACHAN e ROTHE, 2007; STONE, 2017; HOLMES, 2022).

Dentro deste panorama, em outras palavras, um ponto importante de ressaltar é que por meio de uma leitura detalhada, nota-se que Clausewitz descreve uma primeira trindade, esta que seria os elementos paixão-acaso-razão, que em algumas traduções é encontrada como violência³⁹-ódio-inimizade; e uma segunda com as instituições mencionadas. Assim, faz-se a correlação entre estes entes, mas como dito, é crucial salientar que o autor não considerou com alto rigor esta porção. Assim, na lógica da trindade Clausewitziana, é útil evitar uma

³⁷ Em algumas literaturas, encontra-se como Forças Armadas, o comandante e suas tropas ou suas forças.

³⁸ “Essas tendências representam três agências diferentes seguindo conscientemente suas inclinações separadas. A primeira é impelida pelo ódio instintivo, a terceira, pela razão, ambas motivações obviamente humanas, embora díspares. Mas a segunda tendência pode parecer uma exceção se nos concentrarmos apenas no “jogo de chance e probabilidade” impessoal” (HOLMES, 2022, p.19) (tradução nossa).

³⁹ Neste ponto, Clausewitz não está discorrendo, principalmente sobre a violência física, em si, mas sobre a emoção violenta como força motriz (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.97).

compreensão inflexível e das relações apontadas. Por fim, um outro aspecto desta temática, pontua-se que estes elementos são como códigos de leis diferentes, variáveis vinculadas uns com os outros, desempenhando um papel significativo na compreensão do confronto (CLAUSEWITZ, 2007; HOWARD, 2002; PARET, 2001; GRAY, 2009).

“A guerra, então, não é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto. Mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam, uma paradoxal trindade em que se encontra, composta pela violência original do seu elemento, ódio e a animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o jogo das probabilidades e do acaso, que fazem dela uma livre e criativa atividade da alma, e, finalmente, sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura. O primeiro desses três aspectos interessa particularmente ao povo, o segundo, ao comandante e ao seu exército, e o terceiro importa sobretudo ao governo. As paixões que devem ser acesas na guerra já devem ser inerentes ao povo; o alcance que o jogo de coragem e talento terá no reino da probabilidade e do acaso depende do caráter particular do comandante e do exército; mas os objetivos políticos são assunto exclusivo do governo. [...] Uma teoria que ignorasse qualquer um deles ou procurasse fixar uma relação arbitrária entre eles entraria em conflito com a realidade a tal ponto que só por isso seria totalmente inútil. Nossa tarefa, portanto, é desenvolver uma teoria que mantenha um equilíbrio entre essas três tendências, como um objeto suspenso entre três ímãs.⁴⁰” (CLAUSEWITZ, 2007, p.61) (tradução nossa).

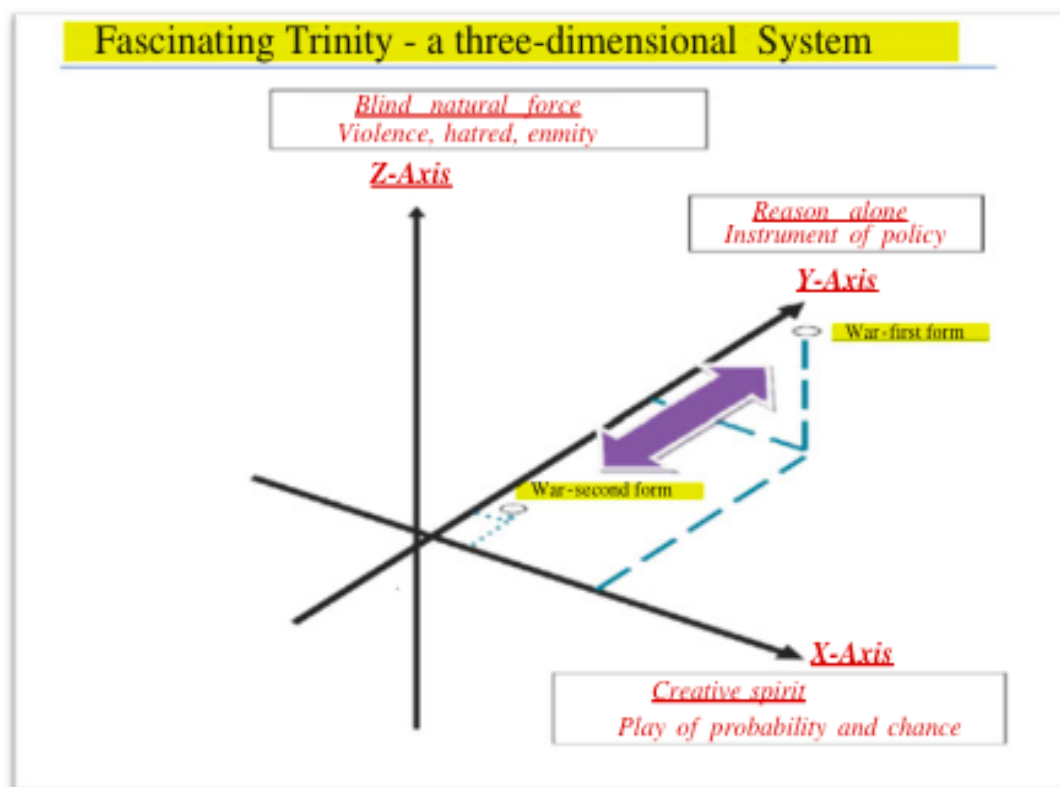
Assim, Clausewitz descreve a essência da guerra e sua síntese dicotômica sobre a guerra na forma da Trindade Notável⁴¹, esta que combina fatores essenciais para entender o confronto, a saber: violência, jogo da probabilidade e o instrumento da política. Em outras palavras, a Trindade é o compêndio⁴² do trabalho intelectual de Clausewitz sobre a teoria da guerra, visto que combina as características da guerra, estes que se relacionam, com as ações em um espaço tridimensional (ver figura 1), embora, muitas vezes, costuma ser mal interpretada e analisada. Desse modo, condensa a teoria da guerra, estruturalizado por meio de uma alegoria, estes três elementos cruciais para o entendimento do confronto armado em si, além de conferir como sendo o resultado do processo dicotômico que combina a teoria e a ação da guerra real (GRAY, 2007; PARET, 2001; SOUCHON, 2020, STRACHAN e ROTHE, 2007).

⁴⁰ Notas de introdução feitas pela acadêmica Beatrice Heuser, na edição de 2007, do livro *On War*, da editora Oxford University Press.

⁴¹ Também é encontrada na literatura especializada como *Fascinating, Miraculous, Paradoxical, Remarkable, Wonderful, Strange, Wondrous Trinity ou Trinitarian Analysis* (SOUCHON, 2020, p.71; HOWARD, 2002, p.76; HOLMES, 2022, p.12; HANDEL, 2014, p.71).

⁴² “O cerne da teoria da guerra de Clausewitz é seu postulado da trindade de paixão e inimizade, acaso e criatividade e razão política; e as relações instáveis e em constante mudança entre eles” (GRAY, 2009, p.24) (tradução nossa).

FIGURA 1

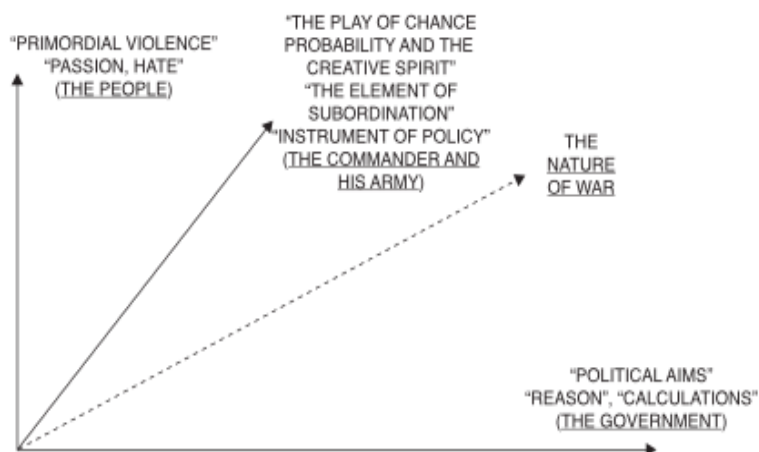
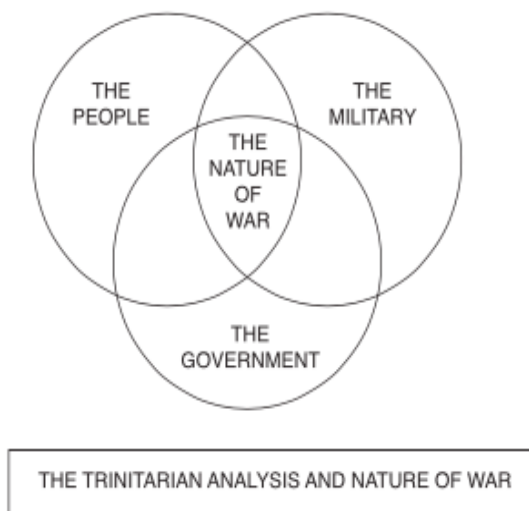


Outrossim, dentro deste escopo, Paret (2001, p. 258) argumenta que: “identificar os elementos⁴³ permanentes da guerra e vir a entender como eles funcionam interessa mais do que conceber esquemas estratégicos e medidas táticas eficazes.” Ao analisar a guerra não se pode esquecer de observar e explorar estas manifestações, que em conjunto, revelam como o confronto se vincula e impacta a vida política, a vida em sociedade, visto o seu caráter político (ver figura 2). Não obstante, estes atributos são particularmente importantes para a compreensão dos termos, fatores, prioridades e declarações centrais da teoria clausewitziana⁴⁴ (PARET, 1984, p.3; HOWARD, 1984, p.30; SOUCHON, 2020, p.66; STRACHAN, 2008, p.80; STRACHAN e ROTHE, 2007, p.90).

⁴³ “Os componentes descritos na Trindade são meras “tendências”, movimentos em direção a algum fim, não fins completos e perfeitos em si mesmos” (HOLMES, 2022, p.14) (tradução nossa).

⁴⁴ “A trindade é o conceito que une todas as muitas ideias de Clausewitz e as une em um todo significativo” (STRACHAN e ROTHE, 2007, p.90) (tradução nossa).

FIGURA 2



(HANDEL, 2014, p.64)

Outro ponto importante é que a relação entre os três componentes é dinâmica e difere em vários tipos de guerra, por exemplo, na guerra de guerrilha quando a atuação popular é, relativamente, mais acentuada do que na guerra convencional de alta tecnologia. Ainda sobre esta interação entre os elementos, é importante vislumbrar que determina o modo pelo qual cada país terá o seu modelo de guerrear, aspecto que será abordado com mais ênfase durante o estudo de caso. Em síntese, Clausewitz esclarece que a conduta de cada nação e sua capacidade de guerrear resultam desta integração entre os três grupos de fatores ou tendências: o povo, os militares e o governo (HENDEL, 2014, p.63).

Com base neste pensamento, Hendel (2014, p.63) apresenta que ao mencionar as pessoas, o povo deve-se observar sua motivação, dedicação e apoio ao governo e país. Em

relação aos militares, examinar como são seus líderes, se acatam as ordens do governo - como funcionam as relações civis-militares - se desenvolvem doutrinas adequadas e são disciplinados. E quanto ao governo, se é prudente, racional e realista em suas políticas e se viria a ser eficaz em tempos de mobilização popular para uma guerra prolongada. Assim, com base no discorrido, confere-se a relevância em entender estas relações para a compreensão e análise do fenômeno bélico.

“A guerra é constituída por uma trindade paradoxal, composta por governo, Forças Armadas e povo. A guerra se vincula de tal maneira à vida das sociedades e tão essencialmente ao seu propósito político que aqueles três componentes não podem ser separados no exame do fenômeno político. O reconhecimento do povo como um dos componentes essenciais da atividade bélica é uma invenção marcante da teoria clausewitziana. Clausewitz foi o primeiro a incorporar plenamente o povo em sua formulação, reconhecendo a sua centralidade. No limite, não bastava mais derrotar as Forças Armadas ou dobrar o governo - era preciso quebrar ou conquistar a vontade popular.” (PROENÇA JÚNIOR, 1999, p.80).

Destarte, entende como a Trindade não é uma parte isolada da obra de Clausewitz, mas que deve ser entendida e estudada como a síntese⁴⁵ do exame dialético sobre a natureza da guerra. Alvo de muitos debates, esta conceituação se centraliza na pertinência dentro do pensamento e teoria de guerra de Clausewitz, perpassando vários itens apresentados, elaborados e trabalhados. Assim, é um elemento chave, em que Clausewitz procurou estipular, com base na prática do teatro de operações, os componentes trinitários, tendo como base as guerras interestatais do presente momento. Hoje, passados dois séculos, nota-se a relevância e capacidade de resposta encontrada neste fenômeno, quando se analisam confrontos armados.

Logo, sobre a introdução à teoria de guerra, formulada por Clausewitz, é importante compreender a extensão deste pensamento. O âmago da teoria de Clausewitz é a sua proposição de que todas as guerras são conduzidas pela interação das relações instáveis e mutáveis entre a paixão, inimizade, acaso, criatividade e razão política. São termos e conceituações sinônimas, que variam muito dependendo da tradução e fontes secundárias utilizadas, mas a questão central é entender que estes conceitos estão diretamente relacionados ao povo, poder militar e poder político. Como abordado, sua escrita vai além da definição da guerra e seu objetivo, perpassando vários outros elementos cruciais para o entendimento do desenrolar do conflito, que são sintetizados na ideia e compreensão da Trindade. Sobre este pensamento, visto ser o compêndio dos seus escritos e reflexões,

⁴⁵ Nas palavras de Holmes (2022, p.22), a trindade chega a ser uma unidade, ao representar a síntese final dos pensamentos de Clausewitz sobre a guerra.

pontua-se a descrição e explicação proposta elencando os três itens, trabalhando a questão da teoria e prática na análise da guerra. Isto posto, com base em tudo que foi argumentado e apresentado neste capítulo, compreende-se o porquê da escolha e justificativa do pensamento de Clausewitz, como o referencial teórico desta dissertação.

3 O CENTRO DE GRAVIDADE NA ESTRATÉGIA MILITAR: HUB DAS AÇÕES E MOVIMENTOS NO TEATRO DE OPERAÇÕES

O militar prussiano foi pioneiro ao trabalhar e problematizar uma investigação científica rigorosa e metódica sobre o mundo bélico moderno, verificando e observando os fundamentos sobre os quais a guerra se molda e sustenta. Ademais ao fato de que elaborar e confeccionar uma teoria científica sobre a arte da guerra seria uma atividade tão complexa, o prussiano se propôs, nesta inserção, a entender os componentes físicos, intelectuais e psicológicos da existência política do confronto. Em outras palavras, entender a guerra em suas várias facetas assumidas, em seus aspectos estratégicos, operacionais e táticos. Desse modo, com base nesta assertiva, o autor trabalha e desenvolve conceitos, expressões e termos (PARET, 2001; HANDEL, 2014; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007). Neste aspecto, segundo Proença Júnior (1999, p. 78) é neste âmbito que reside a força teórica do velho prussiano, já que ao estabelecer o conceito, confrontá-lo com a realidade, o incorporando, teoricamente, à relação teoria x prática, ocorre a sua análise e desdobramento.

Isto posto, esta seção versa sobre mais uma parcela da pesquisa exploratória, do todo que é esta dissertação, no âmbito das Ciências Militares, estando em consonância com a pergunta-problema formulada⁴⁶ e com os elementos constituintes do desenho de pesquisa, apresentados no início do trabalho. Assim, a finalidade proposta neste capítulo é trabalhar uma reflexão teórica sobre o conceito de centro de gravidade, com base na óptica clausewitziana, no âmbito estratégico, trazendo a 1ª Guerra do Golfo (1990-91) como delineamento e marco temporal. Como trabalhado no capítulo I, a partir dos anos 1990, muitas são as críticas em torno da valência do pensamento de Clausewitz, que chegou a ser taxado, de maneira errônea, como obsoleto, por autores como Van Creveld⁴⁷ (1991), Kaldor (1999) e Keegan (2006). Desse modo, a escolha sobre este conflito bélico, não foi em vão, visto ser no mesmo período temporal em que estes debates emergiram. Posto isto, a hipótese empregada é que o velho prussiano se mantém com capacidade de resposta ao trabalhar as guerras interestatais.

⁴⁶“Por que o sistema de explicação do pensamento clausewitziano se mantém relevante em cenários como a 1ª Guerra do Golfo, a despeito das atuais críticas?”

⁴⁷ “O estudioso israelense Martin van Creveld seguiu Mueller ao declarar que a Guerra do Golfo foi uma aberração histórica, um retrocesso à Segunda Guerra Mundial, e não uma visão da guerra do século XXI. Van Creveld argumentou que a longa era de guerra interestatal codificada pela primeira vez pelo filósofo prussiano Carl von Clausewitz no início do século XIX havia terminado. O que ele descreveu como “guerra trinitária” Clausewitziana – baseada no nexos entre povo, governo e forças armadas – estava morto, e a teoria militar ocidental derivada da guerra clássica tornou-se obsoleta” (EVANS, 2014, p.396) (tradução nossa).

Destarte, urge retomar as ideias já apresentadas e desenvolvidas da guerra como sendo um ato de força para compelir o inimigo a exercer seu proveito, sendo uma disputa de vontades, uma vez também que qualquer discussão sobre Estratégia só deve começar após a noção do entendimento de guerra. Clausewitz (2007) descreve a guerra como uma competição entre dois organismos; onde cada um, por meio da força física, tenta impor ao outro o seu intuito; tendo como propósito decorrente aniquilar seu adversário para torná-lo inapto de executar resistência. Assim, a finalidade é desarmar o antagonista, para que não consiga se reerguer e impor sua vontade, perpassando a ideia do objetivo político da guerra, discutido amplamente anteriormente. Compreensão esta que além de nortear o pensamento clausewitziano, noticia as conceituações modernas de Estratégia. Na circunstância alcançada, retomando e relacionando com a definição da guerra ser a continuação do intercurso político com a continuação de outros meios, torna-se possível ditar os objetivos políticos ao oponente. Estes que podem variar de pontuais a extensos, atuando desde a conquista territorial, mudança governamental, instituição de novos regimentos até novas legislações (CLAUSEWITZ, 2007; BAYLIS *et al*, 2013; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007, p.159).

Clausewitz (2007) argumentou, pela primeira vez, em cartas datadas dos anos de 1810 a 1812, que para lograr esses objetivos políticos era conveniente atacar o centro de gravidade, o *Schwerpunkt*⁴⁸ do inimigo. O velho prussiano utilizou este termo da área da Física⁴⁹ e Mecânica, com um sentido e emprego, estritamente, militar, correlacionado ao domínio da Estratégia. Desse modo, o empregando como sendo o ponto mais crítico na posição do inimigo, que deve ser encontrado e atacado, convertendo-se em uma questão que, inevitavelmente, inquieta todo estrategista militar e estudioso do assunto. Assim, em outras palavras, a direção para a conquista e bom desempenho militar se relaciona em atacar um

⁴⁸ De acordo com o dicionário Michaelis alemão-português, *Schwerpunkt* pode ser traduzido como: centro de gravidade, tema central, ponto principal, acento e prioridade. Enquanto que no software *Linguee*, os significados variam em torno da ideia de enfoque, foco principal, ponto principal, principal ênfase, foco central, ponto focal, ponto mais importante, questão central, ponto fundamental, ponto de convergência, focalização, principal aspecto, foco, destaque, prioridade e atenção.

⁴⁹ “Neste caso, Clausewitz toma emprestado um conceito do mundo da física newtoniana (como faz com o conceito de fricção) e o aplica ao mundo da estratégia e das operações militares” (HANDEL, 2005, p. 39) (tradução nossa).

“Esta pequena amostra do uso de conceitos da física newtoniana por Clausewitz demonstra o valor heurístico que o mundo teórico de Newton e as teorias científicas e matemáticas de seu tempo tiveram no desenvolvimento da teoria da guerra de Clausewitz” (HANDEL, 2005, p. 294) (tradução nossa).

“Sua atenção para as variedades de um 'centro de gravidade' ou 'equilíbrio' na 'lei dinâmica da guerra' indicava a importância da mecânica newtoniana em sua mente (STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007, p. 66) (tradução nossa).

“O conceito de centro de gravidade é desenvolvido teórica, explícita e sistematicamente e é baseado na física newtoniana. O conceito é claramente definido e destina-se a fornecer orientação concreta para a ação - não apenas como uma metáfora” (HANDEL, 2005, p.294) (tradução nossa).

ponto da posição do oponente, ou seja, uma seção de suas tropas, uma divisão, um corpo ou uma outra parte muito importante que se reflete no desempenho no teatro de operações, e que ao mesmo tempo, confere-se suscetível (CLAUSEWITZ, 2007; HANDEL, 2005; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007).

Não obstante, na visão de Clausewitz, o centro de gravidade da guerra funciona como sendo o eixo convergente de todo o poder e movimento, do qual tudo depende, subordina-se, orienta-se e gravita em torno. Ou seja, em outras palavras, os pontos focais que servem para manter todo o sistema e estrutura integrado. Por conseguinte, é o cerne onde todos os esforços do oponente se concentram e devem ser direcionados para obter êxito em alcançar⁵⁰ as finalidades militares e políticas. Assim, é necessária uma determinada unidade e certa interdependência e grau de conectividade, em relação às forças e ao espaço, retomando que é onde se encontram as forças, a massa em maior concentração e densidade. Mais uma vez, retoma-se à Física e entende-se que o ponto fulcral, diz respeito, ao núcleo onde as forças e o movimento se unem, ou, em outras palavras, o ponto focal de associação das forças (CLAUSEWITZ, 2007; ECHEVARRIA II, 2007; HANDEL, 2005).

Outrossim, com base na leitura da obra *Da Guerra*, percebe-se que a compreensão do centro de gravidade, primeiro, se relaciona à campanha, batalha, como um ponto a ser atingido, uma vez que desmantelaria boa parte da logística, organização, controle e planejamento do oponente, se conectando assim, com o alvo, objetivo político e militar. Esta ação se deve ao fato de que o desenlace na guerra postula uma articulação precisa e o desenvolvimento de um consonante planejamento, com a definição e indicação dos alvos, cálculo de dispêndios e ganhos, vantagens comparativas contra o adversário e exame dos riscos e concepção das possibilidades e seleções (CLAUSEWITZ, 2007; GRAY, 2007; ECHEVARRIA II, 2007; HOWARD, 2014; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007).

Após esta breve apresentação, entende-se e calcula-se o centro de gravidade como um importante elemento, que contribui para o planejamento e eficiência militar, empregado na Estratégia Militar, esta que é uma ferramenta crucial dentro desta investigação, especialmente, ao se relacionar com a percepção de batalha. Desse modo, inicialmente, o trabalho focará na compreensão da Estratégia, e em que momento a ideia de centro de gravidade se insere nesta discussão e posteriormente, a revisão conceitual e reflexão teórica desta definição. Por fim, investigar-se-á este componente na 1ª Guerra do Golfo (1990-91), uma vez que este conceito

⁵⁰ De acordo com Handel (2005, p.14): “a identificação de um centro de gravidade estratégico e/ou operacional e o reconhecimento de que, embora o sucesso no campo de batalha deva ser explorado ao máximo, toda ofensiva atinge um ponto culminante de vitória, após o qual outras ações podem se tornar contraproducentes.”

vem sendo, cada vez mais, central na doutrina militar, sendo conclamado, desde este confronto bélico, como pedra angular da arte operacional (ECHEVARRIA II, 2002; SCALES, 1994; WATSON, 1991; HANDEL, 2014).

3.1 Estratégia Militar: definições, ideias e explicações

Como descrito no tópico anterior, esta parte do capítulo consiste, primeiro, em apreender a compreensão e descrição sobre Estratégia, antes de trabalhar com o componente centro de gravidade e como este se insere nesta discussão. Para isso, na revisão conceitual e reflexão teórica, recorreu-se a conceituações e entendimentos dos cânones da área, tendo como um foco maior a compreensão clausewitziana e de autores que se baseiam neste viés, ao olhar o teatro de operações. Seguindo esta linha de raciocínio, também serão apresentados o entendimento sobre tática, além de remontar à ideia de guerra e como esta se correlaciona com a Estratégia.

Atualmente, o termo Estratégia obteve uma dilatação do seu conceito, adquirindo uma multiplicidade dimensional e proporções imensuráveis, ultrapassando o domínio militar, e se estendendo à economia, diplomacia, tecnologia, entre outras áreas; ações estas que retiram, gradualmente, o seu sentido originário. Dentro deste aspecto, destaca-se que a correspondência de certas palavras quase como sinônimos, como “guerra” e “terror”, “estratégia” e “política”, no período pós-Guerra Fria, contribuíram para este fato, aumentando e contribuindo para a incoerência do uso da expressão em esferas para além do ambiente militar. Neste âmbito, a ideia vinculada, até então, tornou-se cada vez mais distante de ser o uso do engajamento para fins de guerra, significado clausewitziano do termo, e ao incluir vários setores, teve o seu sentido esvaziado e difuso. Posto isto, neste cenário em que a sua conceituação vem sendo cada vez mais utilizada, de maneira irrestrita, é importante remontar e entender melhor o seu significado e seu emprego. Por fim, com base em Mahnken e Maiolo (2014, p.6), Estratégia não é apenas uma questão para os historiadores, relaciona-se a todos, especialmente, aos estudiosos do assunto, visto que, diz respeito à guerra e à sua condução. Se houver um abandono da sua compreensão, esta estaria sendo esvaziada enquanto a ferramenta que auxilia a definir a guerra, a moldá-la e entendê-la (BEAUFRE, 1998; STRACHAN e HEBERG-ROTHER, 2007, p.154; HOWARD, 2014, p.430-444, passim).

Primeiramente, Estratégia origina-se do grego, *stratego*⁵¹, relacionado ao conhecimento e sabedoria proferida e dotada pelo general ou comandante (*general's knowledge or general's wisdom*) em uma batalha militar. Também apresentada como a ciência e a arte do comandante-chefe, arte da guerra ou a arte do estrategista, este conhecimento apoia-se na compreensão e ação de preparar, desdobrar e aplicar os meios bélicos com o propósito de conquistar os objetivos fixados, estes que na guerra, como visto na compreensão clausewitziana, se traduzem em aniquilar, desarmar o oponente, para impor sua vontade. Notadamente, cada parte deveria se esforçar para dismantelar seu oponente o mais rápido possível, preocupando-se em evitar estar vulnerável e ser desarmado. Desta forma, a Estratégia Militar atua como a prática para minimizar a capacidade física do adversário e seu dispêndio para o combate, focando que o objetivo seja cumprido, sendo como uma estruturação intelectual que propicia ordenamento e coerência para empenhos e diligências nas situações de confronto bélico. Com base no exposto, o desígnio implantado pela Estratégia é alvejar os propósitos fixados pela política, consumindo do melhor modo os meios de que se dispõe, sejam ofensivos ou defensivos (BEAUFRE, 1998; CLAUSEWITZ, 2007; GRAY, 2007, 2010; HANDEL, 2004; HOWARD, 2014; COKER, 2017).

Ao retornar aos cânones da Estratégia Militar, Beaufre⁵² (1998) descreve sua própria definição, como sendo a arte da dialética das vontades e interesses, utilizando a força na resolução de conflitos, tendo como finalidade persuadir o oponente que travar ou prosseguir a batalha é improdutivo. Dessa maneira, em síntese, apresenta como configuração, mobilizar, persuadir que o antagonista não completará os seus alvos pré-determinados. Em outros termos, funciona como a arte da dialética da força ou de dois pólos opostos usando a força para deliberar alguma controvérsia. Ao mesmo tempo, pode ser considerado como a arte ou a ciência de fortalecer, expandir e aplicar o poder nacional, em toda a sua abrangência, com o intuito de lograr os desígnios e finalidades propostas e estabelecidos pelo ente político. Assim, não é resultado unicamente de motivação e mera influência, mas deve ser desenvolvido de forma metódica, racional e proposital, seguindo parâmetros de investigação científica. Outrossim, também é identificada como sendo a ciência da ação, exercendo um papel fundamental para conferir condição moderada, calculada e racional às decisões pelas quais se pretende preponderar uma direção (BEAUFRE, 1998; ECHEVARRIA II, 2017;

⁵¹ Edward Luttwak analisa que as palavras gregas *stratego* e *strategia* referiam-se ao general e seu generalato, de modo específico.

⁵² André Beaufre (1902-1975) foi um importante general francês e grande estrategista militar tendo como obra mais famosa o livro *Introduction à la stratégie* (1963).

STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007; GRAY, 2010; HOWARD, 2014; CLAUSEWITZ, 2007; SOUCHON, 2020).

“A Estratégia Militar é a prática de reduzir a capacidade física e a vontade de lutar de um adversário e continuar a fazê-lo até que o objetivo seja alcançado. Ocorre tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz e pode envolver o uso da força, direta ou indiretamente, como uma ameaça. Reduzir a capacidade e a vontade de lutar de um adversário é sempre uma questão relativa; pode-se alcançá-lo construindo uma superioridade quantitativa ou qualitativa no poder militar bem antes que as hostilidades possam começar. Embora historicamente as pessoas tenham definido a Estratégia Militar, ou Estratégia, de várias maneiras, a principal tarefa do estrategista permaneceu praticamente a mesma. Simplificando, essa tarefa consiste em contrariar os pontos fortes e explorar as fraquezas de um oponente de forma a tornar cada vez mais provável a realização do propósito de alguém. Na prática, a Estratégia se resume a superar os rivais, não apenas militarmente, mas também diplomaticamente e, se possível, econômica e culturalmente, mesmo antes do primeiro choque de armas e muitas vezes bem depois que as hostilidades cessaram. Isso é verdade quer a luta seja de âmbito global ou local e quer envolva o maior ou o menor dos riscos. Independentemente do escopo, escala ou objetivo, a Estratégia Militar começa com a avaliação dos pontos fortes e fracos de um adversário conforme eles se relacionam com os próprios e com o que se deseja. Frequentemente, requer revisar os objetivos e improvisar os cursos de ação à medida que a luta avança. Termina quando uma das partes, ou a outra, chega, ou literalmente não pode fazer mais.” (ECHEVARRIA II, 2017, p.17) (tradução nossa) (grifos nossos).

Ademais, como apontado sobre o alargamento e difusão do termo Estratégia, faz-se notório retomar que este não é sinônimo de política externa, tampouco de outras nomenclaturas do meio político-militar, embora, se articule com a política⁵³. Apesar de que Liddell Hart⁵⁴ a define como sendo a arte de distribuir e aplicar os meios militares com a finalidade de cumprir os fins políticos. Preliminarmente, Helmuth von Moltke⁵⁵ apresenta e retrata que a Estratégia funciona, estritamente, na regência e conduta indiciada pela política, mas ao mesmo tempo ampara sua total independência para constituir seus meios de ação. Ele também a apresentou como uma adequação pertinente e cabível às mudanças nas circunstâncias da guerra até que a vitória fosse alcançada. Ainda neste contexto de compreensão, a Estratégia Militar é vista como a arte da batalha, sendo este o seu objetivo final, uma vez que se trata da arte de empregar as forças militares para alcançar resultados fixados pela política, pois executa a força e ação para concorrer e atingir estes fins, retomando um pouco do debate proferido sobre os elementos constituintes da guerra, a saber: estratégia,

⁵³ Clausewitz deixou pelo menos, entendido, que *Politik*, em termos conceituais, não era o mesmo que Estratégia, não se posicionando como sinônimos, embora ambos estivessem correlacionados (CLAUSEWITZ, 2007; HOWARD, 2002).

⁵⁴ Basil Liddell Hart (1895-1970) foi um importante historiador e militar inglês, também conhecido por seus pensamentos e investigações sobre a Estratégia Militar.

⁵⁵ Helmuth von Moltke (1800-1891) foi um importante militar prussiano, tendo terminado sua carreira como marechal. Entre suas principais conquistas militares, enfatiza-se o fato de ter estado à frente na liderança de uma vasta divisão do Exército prussiano durante o período da Unificação Alemã (1866-1871) e na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871).

tática e política. Desta forma, abarca todo o contexto e esfera da direção militar na guerra, em suas primordiais combinações, particularmente, as manobras, operações, batalhas e componentes para emparelhar impactos e resultados correspondentes e, por último, o objetivo proposto. Este esclarecimento, retoma a compreensão da finalidade da Estratégia ser alcançar os fins fixados pela política, utilizando dos meios de que se dispõe (BEAUFRE, 1998, p.28; ECHEVARRIA II, 2017, p.17; PARET, 2001, p.17; HOWARD, 2014, p.439).

À luz da leitura e compreensão clausewitziana, Paret (2001, p.17) argumenta que a Estratégia é a aplicação da Força Armada para aproximar os objetivos militares e, por extensão, a disposição política da guerra. Após esta breve exposição, Clausewitz⁵⁶ define Estratégia como o uso da força e da ameaça da força para atingir fins políticos, ou, em outras palavras, o uso do engajamento, do combate ou da ameaça dos combates ou das batalhas para o propósito, consecução do objetivo da guerra; mostrando que é o emprego e uso de ameaças explícitas, bem como de batalhas e campanhas para promover os propósitos políticos. Assim, sua definição tem uma orientação operacional, que sugere foco no combate. Apesar de estar focando na questão dos engajamentos, deve considerar, também, seu principal meio de execução, as forças de combate. Sobre este apontamento para o objetivo da guerra, conclui-se que Estratégia não é, meramente, lutar bem, embora isso tenha um peso importante, mas focalizar que os conhecimentos, entendimentos, compreensões e habilidades enredadas na preparação estarão correlacionados com a criação, treinamento e manutenção das forças de combate (HOWARD, 2002, 2014; SOUCHON, 2020; BEAUFRE, 1998; GRAY, 1999; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007; PARET, 2001; MAHNKEN e MAIOLO, 2014).

“Clausewitz vê a Estratégia como a compreensão entre cinco elementos. Em primeiro lugar — elementos intelectuais e psicológicos: o gênio do comandante e a experiência e o espírito do exército; em segundo lugar — elementos físicos: tamanho, composição e armamento das forças militares; em terceiro lugar - elementos matemáticos ou geométricos: linhas de operação, desdobramento e pontos de esforço principal em um ataque; em quarto lugar — elementos geográficos: rios, montanhas e desertos; em quinto lugar - elementos estatísticos: logística, suporte de serviço e manutenção. Uma estratégia vincula a força de um exército com suas capacidades qualitativas de trazer especificamente sua força para o centro de gravidade do oponente. Obstáculos geográficos precisam ser superados. O esforço logístico é eficaz quando apoia o exército. Além disso, uma estratégia no sentido de um método de ação determina o recrutamento, o desdobramento e a força do exército e garante o fornecimento dos meios necessários. O plano de guerra elaborado para um evento específico o reflete, contém condições para o desdobramento, especifica quando a guerra deve começar, define os objetivos intermediários e finais abrangentes, cronogramas e limites para as operações militares na guerra e indica cursos alternativos de ação. Ele postula as coordenadas para o fim da guerra e, finalmente, contém ideias básicas sobre como deve ser um

⁵⁶ Clausewitz era muito criterioso e seletivo no estudo da História Militar, o que se reverbera em anotações e escritas também na área da Estratégia (HOWARD, 2002; GRAY, 2010).

acordo de paz subsequente. A maior sabedoria de uma estratégia revela-se na atribuição dos meios.” (SOUCHON, 2020, p. 163) (tradução nossa).

Ainda sobre a apreensão, compreensão e descrição sobre este elemento, Souchon (2020, p.166) postula a Estratégia como um método de pensamento ou reflexão, em que o comandante deve ser capaz de colocar o planejamento em prática e ao mesmo tempo, pensar em termos estratégicos para coordenar a atividade, sendo uma atividade, essencialmente, pragmática. Dessa maneira, correlaciona como sendo uma teoria com um método de ação, onde há uma conexão e posições com a política, seguindo o pensamento clausewitziano. Ainda neste raciocínio, ao evidenciar que a guerra possui sua própria gramática, o velho prussiano inferiu que a Estratégia fazia parte dessa gramática. A política fornecia a lógica da guerra e, conseqüentemente, alcançava uma postura geral e resolutiva. Desse modo, percebe-se como funciona o relacionamento com a natureza política, já que permeia a guerra em todo o seu curso. Em síntese, Clausewitz trata sobre a interface existente entre meios militares e fins políticos, perpassando toda a noção de Estratégia (BAYLIS *et al*, 2013; GRAY, 2007; STONE, 2017; COKER, 2017; SOUCHON, 2020; HOWARD, 2014; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007).

Outro aspecto ao se abordar é que há uma observação que a Estratégia denota a ciência dos movimentos militares para além dos tiros de canhões, funcionando como um método de ação. Além do mais, nota-se, com base neste viés analítico e clausewitziano, que a melhor estratégia é ser forte⁵⁷, primeiro de maneira abrangente, e em seguida, nos pontos decisivos, onde será trabalhada a definição de centro de gravidade⁵⁸ que, como visto, aglomera os principais entes e movimentos onde a guerra orbita⁵⁹ em torno. Em contrapartida, a tática⁶⁰ é a ciência dos movimentos militares na presença do inimigo, ensinando sobre o uso de tropas armadas no engajamento militar e no teatro de operações, também interpretada

⁵⁷ Esta afirmação, se assemelha a outra ideia difundida por Clausewitz, de que a defesa é a mais forte que o ataque, e da assimetria existente entre ambas (ataque e defesa).

⁵⁸ Neste âmbito, Echevarria II (2014) entende que o centro de gravidade militar, abordado por Clausewitz, e o centro de gravidade das Ciências Exatas compartilham entre si muitas características e particularidades. Nesta área, o termo representa e indica um ponto contra o qual, após um nível de aplicação e diligência, haverá a produção para além da força aplicada, podendo também ser exercido tamanho dispêndio em outro ponto.

“Os físicos descrevem um centro de gravidade como o ponto onde as forças gravitacionais convergem dentro de um objeto; portanto, atacando ou colidindo com o centro de gravidade, deve causar o colapso do objeto ou indivíduo” (ECHEVARRIA II, 2007, p.108).

⁵⁹ “É preciso ter em mente as características dominantes de ambos os beligerantes. A partir dessas características, um certo centro de gravidade se desenvolve, o centro de todo poder e movimento, do qual tudo depende. Esse é o ponto contra o qual todas as nossas energias devem ser direcionadas” (CLAUSEWITZ, 2007, p. 273).

⁶⁰ “Todas as coisas que contam em nível tático têm suas contrapartes em outras formas de guerra, no ar e no mar, assim como na terra” (LUTTWAK, 2009, p.145).

como a arte de empregar as armas no combate, para alcançar os melhores rendimentos e efeitos, sendo encontrada em todas as dimensões humanas do combate. Em síntese, a arte da guerra, “teoria da condução da guerra”, ou “teoria do uso das forças de combate”, na interpretação mais precisa, condiciona-se, por sua vez, ser dividida em tática e estratégia⁶¹, esta que diz respeito ao uso do engajamento individual, enquanto que àquela, ao seu uso, na guerra. Desse modo, ambas, por meio do engajamento, influenciam a condução de marchas e a formação dos acampamentos (CLAUSEWITZ, 2007; HOWARD, 2002, 2014; STRACHAN, 2008; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007; LUTTWAK, 2009; SOUCHON, 2020; BEAUFRE, 1998; MAHNKEN e MAIOLO, 2014).

Assim, confirma-se como um sistema de instrumentos e formas, abarcando mais do que apenas os estudos da guerra e de campanhas militares, mas atuando como sendo a estrutura que assiste a aplicação do poder militar para alcançar objetivos políticos. Neste viés, é importante analisar e compreender que diz respeito ao confronto armado e à sua condução, sendo a ferramenta que instrui a moldar e entender o confronto armado, aumentando a relevância de estudá-la, e não banalizar seus significados e funções, entendendo o seu termo e significado, para além de usos generalistas e rasos que não condizem rigorosamente com o seu emprego. Para finalizar, segundo Beaufre (1998, p.20): “a Estratégia não deve ser uma doutrina única, mas um método de pensamento permitindo classificar e hierarquizar acontecimentos e, depois, escolher os procedimentos mais eficazes.”

“O pensamento estratégico é, inevitavelmente, muito pragmático. Ele depende das realidades da geografia, da sociedade, da economia e da política, bem como de outros fatores, muitas vezes efêmeros, que dão origem às questões e aos conflitos que a guerra pretende resolver. O historiador da Estratégia não pode ignorar essas forças. Ele deve analisar o variado contexto da Estratégia e o modo pelo qual contexto e ideias interagem, enquanto acompanha o desenvolvimento da ideia até a doutrina e a implementação, uma progressão que, por sua vez, dará origem a novas ideias. A história do pensamento estratégico não é a da razão pura, mas a do raciocínio aplicado.” (PARET, 2001, p.18).

“A Estratégia não é só a arte da preparação para os conflitos armados, com os quais uma nação pode se ver envolvida, e do planejamento do emprego de seus recursos e desdobramento de suas forças, de modo a se conseguir um resultado satisfatório. É também, num sentido mais amplo, o equivalente moderno ao que era chamado de *ragione distato* ou *raison d’etat* nos séculos XVII e XVIII. Ela é a determinação racional dos interesses vitais da nação, daquilo que é essencial para a sua segurança, dos seus objetivos fundamentais no relacionamento com outras nações e das prioridades no que concerne a tais objetivos. Essa forma mais dilatada de estratégia deveria estimular e guiar aquela mais estreita do planejamento e condução da guerra, e foi isso que Clausewitz quis dizer com sua famosa afirmação. [...]” (CRAIG e GILBERT, 2001, p.539).

⁶¹ “Se a tática trata do emprego de tropas em batalha e a arte operacional se preocupa com a condução de campanhas, a estratégia trata do uso de meios militares para atingir os fins da política” (BAYLIS, 2013, p.62) (tradução nossa).

3.1.1 Estratégia Militar e a correlação com o entendimento da guerra

Gray (2007, p.13) aborda que Da Guerra confere-se como um verdadeiro guia intelectual para aqueles que se debruçam sobre Estratégia Militar, tendo como desafio o seu uso com prudência, discernimento e autodomínio, visto que é uma temática árdua de se compreender e ainda mais de executar com maestria. Assim sendo, confere-se como uma ponte⁶², um entreposto, um tanto quanto enigmática e profunda⁶³ entre o instrumento militar e os objetivos políticos, sendo, inerentemente e simultaneamente, díspar da habilidade militar e da competência política, especialmente, ao ser posta em ação. Por conseguinte, é um tema complexo, porque a própria guerra é uma operação, expressão de interação estratégica, excepcionalmente, intrincada, profunda, labiríntica e embaraçada, fomentada por diversos elementos⁶⁴, tais como política, tática, fricção, névoa da guerra, Trindade Notável e centro de gravidade, para citar alguns dos principais itens apresentados e discutidos nesta pesquisa. Outro ponto, é que a guerra influenciou o curso da História⁶⁵, com ênfase ao mundo moderno, mais do que qualquer outra força, domínio ou interferência (STONE, 2017; GRAY, 1999, 2007, 2010).

Assim, com base no vislumbrado, a Estratégia regula-se como uma ponte, construção, relação entre o poder militar e o propósito político, baseada na História, focando muito mais na realidade proposta e apresentada, do que na abstração em si. Sobre esta questão, assim como a condução da guerra não é mais do que um instrumento de decisões políticas, a História Estratégica, que está sendo empregada em consonância com o procedimento de pesquisa desta investigação científica, não pode ser trabalhada e entendida em isolamento da História Política. Desta maneira, evidencia a correlação existente com o entendimento da guerra. Assim, desse modo, como apresentado por Mahnken e Maiolo (2014, p.6): “primeiro,

⁶² “Estratégia é a ponte que relaciona o poder militar ao propósito político; não é nem poder militar, *per se*, nem propósito político. Por Estratégia, quero dizer o uso que é feito da força e a ameaça de força para os fins da política” (GRAY, 1999, p.17) (tradução nossa).

⁶³ “Estratégia é difícil porque, entre outras coisas, não é peixe nem ave. É essencialmente diferente da habilidade militar ou da competência política” (GRAY, 2014, p.43) (tradução nossa).

“A Estratégia é difícil porque a própria guerra é uma atividade extraordinariamente complexa, na qual, tudo o que pode dar errado dará. [...] Mesmo os sistemas de comunicação e inteligência de mais alta tecnologia, por exemplo, não podem dissipar o que Clausewitz chamou de névoa e atrito da guerra, ou prever como um inimigo agirá para frustrar até mesmo a mais brilhante estratégia concebida e executada” (MAHNKEN e MAIOLO, 2014, p.6) (tradução nossa).

⁶⁴ “A guerra nunca foi – e não é – um fenômeno unitário ou mesmo inteiramente militar, mas sim uma composição de muitos elementos, que vão da política à tecnologia e às emoções humanas sob extrema tensão” (PARET, 2001, p.24).

⁶⁵ “O fenômeno da guerra pode ser mais bem entendido pelo estudo do seu passado. [...] Mas, a história da guerra deve também ser estudada para se entender o próprio passado” (PARET, 2001, p.24).

a História é necessária para contextualizar suas teorias. Temos, por exemplo, que abordar a discussão de Clausewitz sobre a relação entre guerra e política, reconhecendo que ele foi um produto da Europa Napoleônica e não da Era nuclear” (GRAY, 2007, p.27; STRACHAN, 2014, p.441).

Outro aspecto a ser trabalhado neste escopo é que ao trabalhar a Estratégia Militar em correlação com o entendimento da guerra, a melhor Estratégia continua sendo postulada em ser mais forte, desenvolvida, com vigor; inicialmente, de maneira geral, e depois nos pontos decisivos, fulcrais, o que já possibilita uma avaliação e relação com centro de gravidade. Ademais, manter as forças unidas e concentradas, raramente separadas do corpo principal, a não ser em casos urgentes, constitui-se uma destas forças e interpretações de que a melhor estratégia é ser, primeiramente, forte. Desta maneira, a Estratégia, acaba sendo desenhada como a arte de criar poder⁶⁶, mesmo este sendo um componente instável e complexo, em termos de significação, e que embora nem sempre produza os resultados almejados, é importante compensar trazendo efeitos rentáveis e produtivos de serem alcançados de outra forma. Portanto, a noção de Estratégia consiste em um amplo conjunto, complexo e interconectado a várias dimensões, como a política, sendo crucial para o entendimento do centro de gravidade (GRAY, 2007, 2010, p.21; BAYLIS *et al*, 2013, p.7).

3. 2 Centro de gravidade como integrante e fenômeno do confronto armado

Após o entendimento sobre Estratégia e como este dialoga⁶⁷ com centro de gravidade, esta parte do trabalho consiste em elucidar tal conceito, trazendo uma reflexão teórica, uma vez que, de acordo com Echevarria II (2007, p.134) este é o princípio clausewitziano mais incompreendido, especialmente, em questão de concepções e definições. Isto posto, o centro de gravidade é um termo válido até a contemporaneidade, visto que permanece sendo estudado pelas academias militares, e empregado tanto teórica quanto praticamente nos planejamentos estratégicos. Mas, antes de aplicá-lo, é importante entender melhor seu significado e delimitações. Assim, em um primeiro passo, entende-se que é um termo, na prática, aplicado ao teatro de operações, que tem como alvo, os eixos de maior sensibilidade, debilidade e também rendimento do oponente. “Um centro de gravidade não é uma fraqueza *per se*, embora possa ser fraco ou vulnerável se for exposto” (ECHEVARRIA II, 2007, p.189)

⁶⁶ Ideia esta apresentada por Gray (2007, 2010, 2014) e Freedman (2013).

⁶⁷ Vale retomar que a guerra, segundo Clausewitz, é composta por estratégia, tática e política. Outro aspecto é que o velho prussiano escreveu repetidas vezes sobre a interdependência dos eventos na guerra, o que confere mais destaque ainda do porquê o início deste capítulo ter focado em trabalhar a Estratégia, antes de tratar, em pormenores, do centro de gravidade.

(tradução nossa). Em outras palavras, seriam os pontos, onde após um ataque ou suscitação, traria mais vulnerabilidade ao adversário, facilitando a obtenção, gradual e latente, dos objetivos em jogo na guerra. Ou ainda, seriam para além da força física do inimigo, a despeito de toda sua relevância, também os pontos que levariam ao “cérebro” do inimigo, ou seja, centro da tomada de decisões, raciocínio e inteligência, utilizando tremores e desordem para produzir confusão, especialmente, mental (CLAUSEWITZ, 2007; ECHEVARRIA II, 2007; QUACKENBUSH, 2016, FREEDMAN, 2013).

Assim, como o pensamento de Clausewitz vem passando por vários debates e discussões, muitas vezes, com comentários desvirtuados e forçados, como apresentado no capítulo I, a ideia de centro de gravidade, como sendo o centro de onde todo o poder e movimento emana e depende, também apresenta contestações e argumentações constantes, devido a uma leitura e interpretação pouco atenta da obra. Dessa maneira, semelhante ao discorrido com a ideia de Estratégia Militar, o centro de gravidade é tido, como um conceito “*polluted*”, por Meyer (2022), visto ser muito usado e pouco entendido, precisando de um bom e claro conhecimento, compreensão, aplicação e precisão na teoria e prática, ainda mais por ser um elemento trabalhado e analisado na doutrina militar ocidental (CLAUSEWITZ, 2007; GRAY, 2007, MEYER, 2022).

De acordo com Clausewitz (2007, p.217), o centro de gravidade proporciona e possibilita o alvo mais efetivo e categórico para um golpe, sendo encontrados, nas localidades, em que as forças e a massa⁶⁸ estiverem densamente centralizadas e condensadas. “O conceito do centro de gravidade está mais próximo de um centro de poder do que de uma fonte de poder, mas as definições atuais gravitam em torno de capacidades críticas” (ECHEVARRIA II, 2007, p. 204) (tradução nossa). Os eixos mais focados são o cerne da liderança civil-militar, Forças Armadas, infraestruturas críticas - como baluartes estratégicos e energia-, órgãos vitais para o funcionamento básico do Estado, além de cidades e regiões com grande importância e aglomeração populacional. Sendo assim, esta compreensão de concentração da massa se aplica desde a questões demográficas, cidades e núcleos relevantes e compenetrados até pontos de tomada de decisão e inteligência. Desse modo, acrescenta-se, exemplifica e resume a sede dos poderes político e militar, como, por exemplo, a capital política, social e econômica do país, bem como infraestruturas militares, como a instituição de

⁶⁸ “Como Clausewitz explicou é contra aquela parte das forças inimigas onde elas estão mais concentradas que, se ocorresse um golpe, o efeito emanava mais longe; além disso, quanto maior a massa de nossas próprias forças quando desferem o golpe, mais certo podemos estar do sucesso do golpe. Esta simples linha de pensamento se presta a uma analogia que nos permite apreender a ideia mais claramente, ou seja, a natureza e o efeito de um centro de gravidade nas ciências mecânicas” (ECHEVARRIA II, 2007, p.188) (tradução nossa).

altos-estudos e Estado-Maior, visto ser estes os locais onde os planejamentos estratégicos e orquestramentos são dirigidos. Um outro aspecto desenvolvido, neste levantamento, é projetar e desferir um golpe eficaz contra o principal aliado do seu oponente, se este aliado for mais poderoso, em termos bélicos e estratégicos, e for dificultar a sua ação no teatro de operações (CLAUSEWITZ, 2007; QUACKENBUSH, 2016; GRAY, 2007; ECHEVARRIA II, 2002).

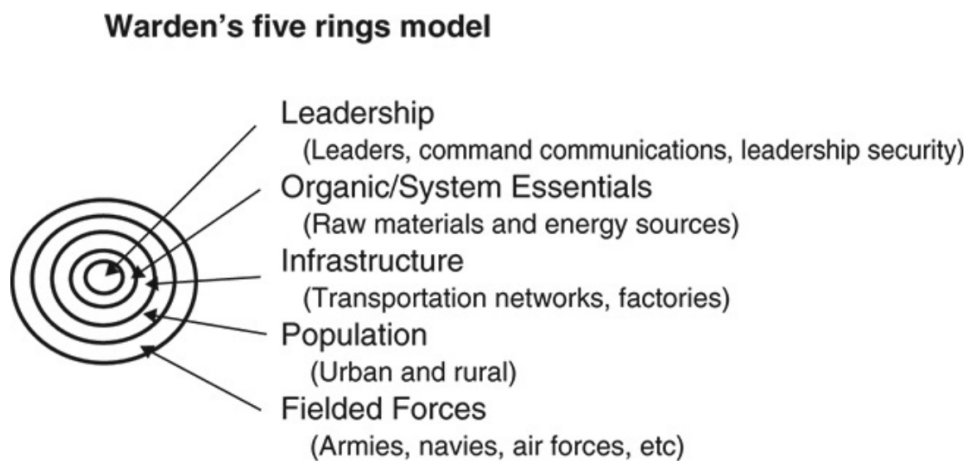
“O centro de gravidade de Clausewitz visa um efeito específico. É, portanto, um conceito baseado em efeitos, ao invés de um conceito baseado em capacidades. Deve, portanto, encorajar um pensamento mais completo, por parte dos formuladores de políticas, bem como dos comandantes, com relação aos fins que desejamos alcançar. Estimar o centro de gravidade de um oponente requer o exercício do “juízo estratégico” (*Strategische Urteil*), que deve ser aprimorado pela experiência e pela internalização do conhecimento objetivo. Embora o centro de gravidade tenha limitações importantes, ele permanece válido mesmo no contexto misto da guerra contemporânea.” (ECHEVARRIA II, 2007, p. 195) (grifos nossos).

“A hipótese do centro de gravidade se presta a tentativas super simples de aplicação no mundo real. Clausewitz parece oferecer exatamente o que um planejador militar, mesmo um grande estrategista, precisa. Pela interpretação popular, todo beligerante tem um centro de gravidade que, se destruído, gravemente danificado, paralisado, capturado ou ameaçado de forma crível – qualquer que seja a condição apropriada ao seu caráter particular – deve significar sua derrota. Apesar dos muitos problemas com esse conceito, inclusive o fato de que em guerras por objetivos limitados deve-se ter cuidado para não ameaçar o centro de gravidade do inimigo, a ideia tem mérito.” (GRAY, 2007, p. 26) (tradução nossa).

Sobre a questão da captura da capital política, social e econômica do país, bem como suas principais e mais relevantes cidades, além de configurar e trazer a guerra para o ambiente urbano, este fato é apresentado como uma ação medular, visto que, a tomada da metrópole inimiga confere um lapso na inteligência do oponente e ao mesmo tempo a posse e conhecimento da convergência de informações sigilosas confidenciais, de Estado. Assim, para quem está sobre o poder destes documentos e referências, há uma grande influência em como manuseá-lo em prol das finalidades do confronto armado em si. Sobre esta questão, Quackenbush (2016, p.377) afirma, com base no pensamento de Clausewitz de que os Estados podem obter ganhos, nas guerras, atacando os centros de gravidade dos seus oponentes, visto que fornecem pontos cruciais pela qual a convergência de informações é alcançada. Para questões além do núcleo de governo, outro aspecto remonta a noções simbólicas, que levam a um pertencimento à nação, além de questões de infraestrutura e logística. Por fim, a conquista da capital pelo inimigo revela, dramaticamente, as chances sombrias de sucesso para o esforço de guerra do estado. Com base neste pensamento clausewitziano, o coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, John Warden, formulou este modelo com um sistema dinâmico de subsistemas interconectados. Assim, retratando como uma série de círculos ou anéis concêntricos, visando identificar os pontos mais críticos e sensíveis e atacá-los de forma

sistemática visando a rendição do seu adversário ou que este ficasse paralisado estrategicamente (ECHEVARRIA II, 2002; CLAUSEWITZ, 2007; QUACKENBUSH, 2016; HOWARD, 2002).

FIGURA 3



(ECHEVARRIA II, 2002, p.49)

Dentro desta lógica, Clausewitz (2007) narra a relevância em atacar o centro de gravidade do adversário, nomeado também como *Schwerpunkt*⁶⁹, especialmente em batalhas decisivas. Neste cenário, além de possibilitar a promoção de maior debilidade ao adversário, faria com que as tropas oponentes fossem devastadas e desmanteladas de forma corrosiva. Com este feito, alcançariam, sucessivamente, os objetivos da guerra, conforme citado anteriormente, visto que as forças teriam dificuldades em se reerguer, prontamente. Contudo, o prussiano, com o passar da escrita e apontamentos, começa a compreender que o centro de gravidade se estende para além das Forças Armadas, cidades, pontos e fortificações estratégicas, mas também a fatores morais⁷⁰ das tropas e liderança, retomando a relevância do tema sobre gênio militar ou gênio do comandante (ECHEVARRIA II 2002, 2017).

⁶⁹ Clausewitz usou este termo mais de cinquenta vezes ao longo de sua obra, o que confere que é claramente importante. *Schwerpunkt* é uma palavra composta formada pelo prefixo, *schwer*, que significa “duro” e pelo sufixo, *punkt*, que significa “ponto”. Sua tradução como “centro de gravidade” é interpretativa, não literal. COG (*centre or center of gravity*) carece do dinamismo inerente à palavra alemã e foi adotado provavelmente porque Clausewitz às vezes usava *Schwerpunkt* de forma intercambiável com o termo latino *centra gravitates* e as palavras alemãs *Kern* (“núcleo”) e *Zentrum* (“centro”) (ECHEVARRIA II, 2002, p.110; 2007, p.; 186; COKER, 2017, p.33) (tradução nossa).

⁷⁰ “Os elementos morais são importantes na guerra. Eles constituem o espírito que permeia a guerra como um todo e, em um estágio inicial, estabelecem uma estreita afinidade com a vontade que move e dirige toda a massa de força [...] muitas vezes em um efeito incrível. Ao longo da História, muitos aspirantes a conquistadores não obtiveram êxito, em grande parte, porque não avaliaram plenamente estas questões enquanto centro de gravidade” (STRANGE e IRON, 2004, p.26) (tradução nossa).

“Para Alexandre, Gustavo Adolfo, Carlos XII e Frederico, o Grande, o centro de gravidade era seu Exército. Se o Exército tivesse sido destruído, todos teriam entrado para a história como fracassos. Em países sujeitos a conflitos domésticos, o centro de gravidade é geralmente a capital. Em países pequenos que dependem de grandes, geralmente é o Exército de seu protetor. Entre as alianças, está na comunidade de interesse, e nas revoltas populares está nas personalidades dos líderes e na opinião pública. É contra eles que nossas energias devem ser dirigidas. Se o inimigo perder o equilíbrio, ele não terá tempo para se recuperar. Golpe após golpe deve ser dirigido na mesma direção: o vencedor, em outras palavras, deve atacar com todas as suas forças e não apenas contra uma fração do inimigo. Não levando as coisas pelo caminho mais fácil – usando força superior para roubar alguma província, preferindo a segurança desta pequena conquista ao grande sucesso – mas buscando constantemente o centro de seu poder, desafiando todos a ganhar tudo, alguém realmente derrotar o inimigo” (CLAUSEWITZ, 2007, p. 273).

“Clausewitz define o centro de gravidade: o que o teórico tem a dizer aqui é o seguinte: é preciso ter em mente a característica dominante de ambos os beligerantes. A partir dessas características, um certo centro de gravidade se desenvolve, o centro de todo poder e movimento, do qual tudo depende. Esse é o ponto contra o qual todas as nossas energias devem ser direcionadas [...] Se o inimigo perder o equilíbrio, ele não terá tempo para se recuperar. Golpe após golpe deve ser dirigido na mesma direção: o vencedor, em outras palavras, deve atacar com todas as suas forças e não apenas contra uma fração do inimigo. Apenas buscando constantemente o centro de seu poder, desafiando todos a vencer a todos, alguém realmente derrotará o inimigo” (HANDEL, 2005, p. 39) (tradução nossa).

Ao mencionar fatores morais⁷¹, é importante relacionar além do gênio militar, também o nível de comando e doutrina, vontade de lutar, aptidão física, doutrina e treinamento, uma vez que estes itens, em conjunto, têm grande influência e impacto nas questões pessoais, morais e mentais dos combatentes. Assim, de acordo com Souchon (2020, p.103), Clausewitz ampliou este pensamento, definindo os fatores morais da guerra como sendo um produto de três variáveis, estas a saber: o gênio do comandante em curso, características do povo e virtudes militares do Exército. Sobre o pensamento, capacidade de julgamento e interpretação, o autor postula que é derivado de desenvolvimento por meio do conhecimento, doutrina, prática, técnica, aprimorado por meio do conhecimento e da experiência em ação. Dessa maneira, possibilitando e permitindo que as decisões sejam tomadas com maior assertividade e coerência, assim, sendo mais apurado ao identificar o centro de gravidade do oponente e o ponto culminante de um confronto, ao comparar todas as variáveis em jogo (CLAUSEWITZ, 2007; SOUCHON, 2020).

⁷¹ “Para alcançar um acordo duradouro de paz autossustentável, é preciso minar os centros de gravidade estratégicos e especialmente morais do inimigo. Deve haver uma ligação clara entre os objetivos da campanha no nível operacional e o enfraquecimento dos centros morais de gravidade (ou resistência) no estratégico. Isso exige mais do que o instrumento militar; a estratégia total deve abranger todos os instrumentos do poder nacional — militares e não militares. Se as operações forem independentes, é improvável que a derrota de um centro de gravidade operacional prejudique os centros de gravidade morais estratégicos” (STRANGE e IRON, 2004, p.26) (tradução nossa).

Ademais, como observado, o centro de gravidade é uma entidade primária que possui inerentemente as capacidades críticas para atingir o objetivo, um verdadeiro mosaico de situações localizadas, um fator de equilíbrio em um sistema complexo em movimento. Desse modo, portanto, dinâmico elemento físico e moral de ação ou influência com características e capacidades que derivam do seu proveito de um determinado local ou terreno. Assim, possibilita que os planejadores e tomadores de decisão concentrem melhor as suas fontes de poder no desenvolvimento e progresso de estratégias e campanhas bem-sucedidas. Por fim, este processo constituirá onde as particularidades, propriedades, capacidades e localizações pertencem, adequadamente, no planejamento e estrutura geral quando se pensa em combate. Com base no exposto, é representado por alguns elementos e instituições como as tropas militares, estando diretamente relacionados ao curso de ação escolhido, e são diligentes e interinos dependendo da situação tempo-espacial. Entretanto, vão além do que apenas ou meras capacidades críticas, são pontos que se forem atacados ou neutralizados, haverá um impacto e repercussão no curso no teatro de operações (EIKMEIER, 2016; MEYER, 2022; STRANGE e IRON, 2004; CLAUSEWITZ, 2007; STRACHAN, 2008; SOUCHON, 2020, ECHEVARRIA II, 2007).

Dessarte, no livro VI, o militar narra que o centro de gravidade é onde a massa, densidade populacional está concentrada, enquanto que no livro VIII, trabalha mais a compreensão da ideia de ser um pólo convergente de poder e movimento, o ponto onde o inimigo está mais suscetível e onde o ataque tem a melhor chance de ser decisivo, além de correlacionar com a noção de *coup d'oeil*⁷² do comandante em curso. Assim, entende-se que o centro de gravidade significa atacar o oponente, em determinados pontos estratégicos, onde se calcula como pertinente, não apenas para deixá-lo mais débil, desalinhado, desorganizado e confuso, mas para alcançar, gradualmente⁷³, os fins militares e políticos da guerra, uma vez que a cada ataque, exaure ainda mais o seu adversário. Em resumo, atacar o ponto onde o inimigo é mais prejudicável, acometido e interpelado, onde um ataque terá maiores chances de ser decisivo (CLAUSEWITZ, 2007; MEYER, 2022, GRAY, 2007).

⁷² *Coup d'œil* é um termo francês, que na tradução literal significa “golpe de olho”, sendo empregado para representar a manifestação ou indício de alguma ação que está visível sob o olhar. Contudo, em termos das Ciências Militares, possui um entendimento diferente, sendo apontado que é usado para se referir à capacidade de diferenciar, com agilidade, as vantagens táticas no teatro de operações.

⁷³ “O centro de gravidade foi definido como a principal força de combate do inimigo, enquanto o ponto culminante foi definido como a condição causada pelo “inevitável processo de enfraquecimento” que ocorre durante uma campanha e após o qual as chances de sucesso diminuem para o atacante” (ECHEVARRIA II, 2014, p.139).

Neste cenário, ao analisar o centro de gravidade um ponto importante para ser analisado é considerar a História Estratégica, como descrito, além das questões culturais⁷⁴ e da História Militar postas em ação, bem como as características dominantes e vitais dos combates. Outrossim, o entendimento sobre este componente existe em todos os níveis da guerra, podendo encontrar-se de maneiras múltiplas⁷⁵ em cada patamar, embora sejam mais recorrentes na parte operacional e estratégica. Composto por uma extensão dinâmica e transitória, que se relaciona com a competição entre vontades opostas, característico da natureza da guerra, este conceito possui uma relação com a ambientação e transformação em virtude do tempo⁷⁶ e espaço, sendo constituído por uma associação de fatores tangíveis e intangíveis de poder. Assim, são incluídas desde as capacidades mais nítidas e debilidades relativas do oponente, perpassando suas constantes alterações, bem como o progresso de uma campanha em várias fases, estágios, etapas; visto que pode sofrer alterações à medida que o conflito vai avançando (CLAUSEWITZ, 2007; MEYER, 2022; STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007).

Portanto, o centro de gravidade é entendido como sendo este eixo, força ou ponto focal contra o qual todas as energias e dispêndios devem ser direcionados, visto ser o âmago de todo poder, ações, diretrizes e movimentos, do qual tudo depende, orienta-se, gravita, se desenvolve na guerra, com a finalidade de alcançar o objetivo do confronto armado. Estes itens e circunstâncias definem a natureza enérgica, ágil e viva do centro de gravidade. Deste modo, vislumbra-se o desafio que é atingir os objetivos e propósitos dentro de um ambiente complexo, dinâmico, volátil, surpreendente, dotado por fricção em todos os níveis, do político ao estratégico, que é a guerra. Confere-se um ato de discernimento estratégico saber distinguir estes centros de gravidade das forças do inimigo e identificar suas esferas de eficácia e influência, que tantas vezes remete à ideia e concentração de poder. Assim, é importante saber ler e interpretar quanto mais concentrado, conglomerado e aglutinado estiver estes pontos, maior tende ser o foco e dispêndio de uma batalha. Em síntese, onde existe coesão no centro

⁷⁴ “Portanto, a chave é focar nos fatores críticos da situação militar relacionados ao objetivo. As forças e fraquezas críticas do inimigo não podem ser determinadas apropriadamente se não se entender completamente a sociedade e cultura militar do inimigo, tradições políticas e costumes sociais, ou se se tiver um senso exagerado de sua própria superioridade” (MEYER, 2022, p. 337) (tradução nossa).

⁷⁵ Sobre a questão do dinamismo e multiplicidade dos centros de gravidade, Meyer (2022, p. 340) trabalha que: “se um ator persegue uma estratégia de cobertura com duas ou mais estratégias simultaneamente, que utilizam diferentes forças físicas que são capazes de atingir os objetivos do ator por si só, então múltiplos centros de gravidade podem existir simultaneamente.”

⁷⁶ As primeiras gerações de discípulos de Clausewitz, não o seguiram em sua mudança de um centro de gravidade físico (na forma das forças armadas do inimigo) para um centro de gravidade metafísico (na forma de instituições públicas, vontade e moral). Em vez disso, eles concentraram-se na ideia da batalha decisiva e aniquilaram as forças inimigas no campo” (STRACHAN e HERBERG-ROTHER, 2007, p. 165) (tradução nossa).

de gravidade é onde o golpe deve ser aplicado com maior maestria, visto que o golpe mais violento deve ser o desferido para atacar o centro de gravidade (CLAUSEWITZ, 2007; ECHEVARRIA II, 2002; GRAY, 1999, 2007, 2010).

Em síntese, com base no discorrido, Clausewitz expõe a importância de atacar de alguma forma o centro de gravidade do adversário, seu *Schwerpunkt*. Desse modo, o ataque das principais forças do oponente no que deveria se tornar uma batalha decisiva, na qual o exército inimigo é derrotado de modo avassalador. Ao longo das suas investigações, anotações e ponderações, o militar prussiano começou a apontar que o centro de gravidade varia desde as forças armadas do adversário, passando pela liderança de grupos insurgentes até a honra, integridade e outros fatores morais⁷⁷ do oponente, sendo algo mais amplo do que se propôs inicialmente, apesar da mesma aplicação e inferência. Neste último ponto, assemelha-se, muito ao ocorrido na 1ª Guerra do Golfo (1990-91), em razão de ao focar em um valor moral, a vitória no campo de batalha não ser algo totalmente amplo, especialmente, na abordagem do viés político do conflito. Sobre isso, vale ressaltar que Saddam Hussein se recusava em admitir que havia sido vencido no confronto bélico, recorrendo à retórica islâmica que negava que ele fosse derrotado em espírito, apesar das perdas e sofrimento terreno. Ao mencionar esta guerra, é importante apontar que, com base em toda esta discussão e exposição teórica, de acordo com documentos da *US Army*, a 1ª Guerra do Golfo foi a primeira vez que o conceito de centro de gravidade foi aplicado, nestes moldes, pelo Estado-Maior dos Estados Unidos em uma guerra desde sua introdução na doutrina⁷⁸, o que confere ainda mais legitimidade e argumentação para a relevância desta pesquisa.

3.3 O centro de gravidade na 1ª Guerra do Golfo (1990-91)

O propósito desta última parte consiste em descrever o centro de gravidade no contexto da 1ª Guerra do Golfo⁷⁹ (1990-91) - tendo como fases defensiva e ofensiva, as operações Escudo do Deserto e Tempestade no Deserto, respectivamente - visto a relevância

⁷⁷ “Primeiro avaliar o caráter moral e físico de um inimigo para incluir seus centros de gravidade moral e física. Não há alternativa, atalho ou modelo analítico para compensar a avaliação imprecisa do inimigo ao decidir sobre os centros de gravidade (STRANGE e IRON, 2004, p.27) (tradução nossa).

⁷⁸ MEYER, Eystein L. The centre of gravity concept: contemporary theories, comparison, and implications. *Defence Studies*, v. 22, n. 3, p. 344, 2022.

⁷⁹ “[Esta guerra] envolveu mais de trinta países e toda a panóplia de equipamento militar convencional moderno existente. No pequeno teatro de operações – a fronteira desértica do Kuwait com a Arábia Saudita, o território do país ocupado (Kuwait) e parte do sul do Iraque – concentraram-se mais de um milhão de combatentes. A batalha que aí se desenrolou lembra, em consequência do número de soldados e equipamentos envolvidos e do caráter absolutamente convencional da contenda, as realizadas nos conflitos mundiais da primeira metade do século XX” (ALVES, 2010, p.193).

deste componente dentro da doutrina militar, especialmente, ao que tange à Arte Operacional. Dentro deste cenário, este confronto armado foi um divisor de águas importante na História Contemporânea, e sob o prisma das Relações Internacionais, debutou o período conhecido como pós-Guerra Fria. Além do mais, foi um dos maiores conflitos militares convencionais da última metade do século XX. Ainda sobre este panorama, os objetivos estratégicos postos foram delimitados como sendo a retirada das forças iraquianas⁸⁰ do Kuwait e a restauração do governo legítimo no país, além da garantia da segurança e da estabilidade da região do Golfo Pérsico e a proteção de civis e militares americanos. Desse modo, os fins táticos deveriam ter ofertado às forças da coalizão o que necessitavam para concentrar seus esforços com o intuito de alcançar estes intentos (ALVES, 2010; ECHEVARRIA II, 2002, 2007, 2014; GRAY, 2007; GORDON, 2010).

Após esta breve introdução, retoma-se à ideia central do centro de gravidade, enquanto relevante e útil para os planejadores e tomadores de decisão no âmbito da condução em tempos de guerra, funcionando assim, como o ponto de apoio no esforço do planejamento. Dentro desta lógica, um outro aspecto é que os estrategistas devem ser capazes de identificar as características mais proeminentes do conflito, tanto político quanto militar, para a partir de então, saber como poderiam manejar, proceder, usar e influenciar. Assim, possibilita uma melhor compreensão da aplicação dos esforços concentrados, além de auxiliar no planejamento⁸¹, melhorando a compreensão e eficiência no âmbito militar. Vale retomar que a ideia de centro de gravidade pode ser aplicada a todos os níveis e tipos do conflito e pode acomodar uma ampla gama de eixos. Desse modo, torna-se, mais uma vez, importante ressaltar que este conceito é desenvolvido a partir de incursões da Física Moderna, no âmbito geral das Ciências Naturais, tendo como entendimento e representação o ponto onde as forças convergem dentro de um elemento (GRAY, 1999, 2007; ECHEVARRIA II, 2002; LUTTWAK, 2009).

⁸⁰ “Para tanto, seria preciso destruir as divisões da Guarda Republicana que haviam invadido o minúsculo país do Golfo e, posteriormente, ocupado posições ao sul do Eufrates. Uma coalizão de forças de países do Ocidente e árabes organizaram-se para tal fim” (GORDON, 2010, p.43). “Durante grande parte da década de 1980, os Estados Unidos viam o Iraque como uma espécie de aliado, um baluarte contra a disseminação do fundamentalismo e da influência iraniana. A natureza inesperada da Guerra do Iraque de 1991 nos lembra que as nações e seus militares nem sempre se dão ao luxo de lutar contra os oponentes para os quais se prepararam e treinaram” (SHIMKO, 2010, p.26) (tradução nossa).

⁸¹ “A utilidade no contexto do papel do conceito centro de gravidade no planejamento militar tem quatro critérios: melhora a compreensão, concentra o planejamento, melhora a eficiência e não é uma distração. Assim, este elemento, juntamente com seus fatores críticos, é uma ferramenta que promove esse tipo de entendimento. Contribui oferecendo sentido a sistemas complexos e chegando a algumas conclusões razoáveis sobre possíveis comportamentos. Isso permite um entendimento suficientemente bom e a uma previsibilidade razoável que permite o planejamento contínuo” (ECHEVARRIA II, 2003, p.6) (tradução nossa).

“Um objeto físico pode ser pensado de duas maneiras: como um composto de muitas partículas menores, cada uma das quais sofre a ação da gravidade; ou como um único objeto, que sofre a ação da gravidade apenas em um único ponto. Compreensivelmente, os físicos preferem o último, uma vez que torna muito mais fáceis outros cálculos relativos à interação de força e matéria. No entanto, os físicos também reconhecem que o centro de gravidade equivale a pouco mais do que uma aproximação matemática, uma vez que a gravidade atua sobre todos os pontos de um objeto simultaneamente” (ECHEVARRIA II, 2002, p. 15) (tradução nossa).

Assim, objetiva alvos em meio à uma unidade e concentração, contudo, ao aplicar esta compreensão teórica no campo de operações, percebe-se que ocorreram falhas, relacionado à ideia desenvolvida por fricção e névoa da guerra, discutida no capítulo III. Após esta apresentação e seguindo o que fora apresentado e discutido sobre centro de gravidade, Eikmeier (2017) postula que durante as Operações Escudo no Deserto (1990) e Tempestade no Deserto (1991), o general Norman Schwarzkopf⁸², ao fazer a leitura do cenário, identificou como centros de gravidade três pontos, estes: liderança de comando e controle, forças oriundas da Guarda Republicana⁸³ e armas de destruição em massa⁸⁴. Desse modo, se encaixam nos eixos de liderança civil-militar, Forças Armadas e baluartes estratégicos. Já o comandante da força aérea, o general Charles Horner⁸⁵, desenvolveu ideias concorrentes dos centros de gravidade, e identificou doze conjuntos de alvos, estes que perpassam desde a liderança e comando e controle até infraestrutura, como ferrovias e portos. Contudo, o resultado sucedeu-se de combates separados, em decorrência é consequência de fraca unidade⁸⁶ de esforço e sincronização, que se acumularam, independentemente, em diferentes

⁸² Herbert Norman Schwarzkopf Jr (1934-2012) foi um general do Exército dos Estados Unidos, tendo servido entre os anos de 1956 à 1991. Ano este em que comandou as forças de coalizão internacional contra o Iraque, na 1ª Guerra do Golfo.

⁸³ “A Guarda Republicana constituía um centro de gravidade em 1991 não só porque estava bem treinada e equipada, mas porque era uma ameaça ao VII Corpo. Foi novamente identificado como um centro em 2003 porque era vital para a defesa de Bagdá” (STRANGE e IRON, 2004, p.24) (tradução nossa).

⁸⁴ “As instalações nucleares estavam entre os alvos de alta prioridade durante a Guerra do Golfo Pérsico de 1990-91. Nos estágios iniciais da guerra, aeronaves da coalizão atingiram o *Tuwaittha Research Facility* perto de Bagdá e os F-117 repetidamente bombardearam esta planta durante a campanha. Os Estados Unidos também atacaram uma instalação suspeita de produção de matéria-prima de urânio perto de Mosul e uma instalação de extração de urânio em *Al Qaim*. Esses ataques foram mistos em termos de danos à infraestrutura nuclear do Iraque. Em 1991, os principais pontos de estrangulamento relevantes para o programa de armas do Iraque foram as instalações e os programas de enriquecimento por centrifuga de gás” (KREPS e FUHRMANN, 2014, p.249) (tradução nossa).

⁸⁵ Charles Albert Horner (1936 -) é um general quatro estrelas da Força Aérea dos Estados Unidos, tendo comandado as forças aéreas da coalizão liderada pelos Estados Unidos durante a Operação Escudo do Deserto (1990) e Tempestade no Deserto (1991).

⁸⁶ “Os centros de gravidade só existem onde as partes separadas de um adversário estão conectadas o suficiente para formar uma única entidade; pode-se dizer que eles possuem uma espécie de forças centrípetas, que agem para manter sistemas ou estruturas unidas. Golpear ou neutralizar os pontos focais, portanto, deve causar o colapso dos sistemas” (ECHEVARRIA II, 2007, p. 193) (tradução nossa).

pontos dos centros de gravidade, produzindo fricção para além do já pressuposto, apesar dos sucessos⁸⁷ e resultados⁸⁸ únicos em termos de História Militar e ter sido uma vitória avassaladora⁸⁹ com um baixo número de óbitos (ECHEVARRIA II, 2007, 2014; EIKMEIER, 2017).

Ao observar os números, torna-se difícil contestar a argumentação do sucesso da campanha, ainda mais, visto que foram 148 mortes do lado da coalizão ante mais de meio milhão de combatentes em ação, além da maneira rápida conquista da superioridade aérea, que possibilitou a destruição de quase 1/3 das forças terrestres iraquianas, degradando grande parte do arsenal do até então 4º maior exército do mundo, em pouco mais de 100 horas durante a operação Tempestade no Deserto. Assim, em termos quantitativos, não há dúvidas de que a Guerra do Golfo obteve sucesso, apesar das questões que remontam ao êxito político-estratégico. Como apresentado no capítulo III, mesmo com este saldo, a guerra apresentou casos de fricção em todos os níveis e revelou deficiências, o que revela não apenas a diferença entre teoria e prática, mas que nem tudo é perfeito e sem estigmas. Assim, com base no exposto e resumindo este arranjo, apesar da destruição de boa parte e desmantelamento em termos de equipamentos bélicos das Forças Armadas iraquianas, uma importante parcela das forças da Guarda Republicana, inclusive a considerável composição e disposição que constituía seu quartel-general, conseguira escapar sem grandes perdas durante o conflito (ALVES, 2010; SHIMKO, 2010; ECHEVARRIA II, 2014).

“Eventualmente, a Tempestade no Deserto foi chamada de “triunfo sem vitória” ou uma “vitória vazia”. Por que isso aconteceu? Militarmente, os Estados Unidos poderiam ter consumado o sucesso estratégico. Quando o presidente Bush interrompeu a ofensiva, o Exército dos Estados Unidos tinha dois corpos de exército no Iraque, a coalizão tinha controle total do ar e o exército iraquiano estava em desordem. A história oficial do Exército dos EUA sobre a Guerra do Golfo afirma: “Apesar do fato de que muitas unidades de combate estavam quase esgotadas após

⁸⁷ “A arrasadora vitória dos blindados e da infantaria dos Estados Unidos nas batalhas que se desenrolaram teve, na superioridade tática e operacional, condição *sine qua non*” (ALVES, 2010, p.205).

⁸⁸ “O desfecho da Guerra do Golfo Pérsico foi uma vitória contundente que alcançou o objetivo limitado da Coalizão, libertar o Kuwait” (STRANGE e IRON, 2004, p.26) (tradução nossa).

⁸⁹ Sobre este aspecto, o *Field Manual 100-5*, ano 1993, do Exército dos Estados Unidos continuava enfatizando a relevância de alcançar uma “vitória decisiva”, visto os resultados orquestrados no Golfo Pérsico e o novo contexto que emergiu, trazendo os Estados Unidos como a potência solitária. Por fim, este documento reforçava o papel do Exército na dissuasão e a capacidade de projetar poder em qualquer localidade (ECHEVARRIA II, 2014).

“[Esta] guerra foi um ponto de virada para os militares americanos, no entanto, parece quase incontestável. Enquanto as forças americanas e da coalizão se reuniam no deserto da Arábia no inverno de 1991 para lutar contra o Iraque, as memórias do Vietnã e as dúvidas que a guerra gerou nunca estavam longe da superfície. O resultado no Vietnã abalou profundamente as Forças Armadas dos EUA, e a recuperação na década e meia subsequente foi difícil e às vezes dolorosa” (SHIMKO, 2010, p.26) (tradução nossa).

dias de combates e movimentos ininterruptos, o CENTCOM poderia ter sustentado as operações por muito mais tempo. Os iraquianos, por outro lado, atingiram seu ponto culminante quando a Guarda Republicana foi destruída”. Mas Schwarzkopf e Powell não pressionaram por uma marcha sobre Bagdá. Os líderes militares estavam preocupados com o fato de que as unidades em campo, muitas das quais haviam sido destacadas por meses em condições difíceis, estivessem se aproximando da exaustão. [...] Ao levar a Guerra do Golfo ao ponto da vitória no campo de batalha, mas não do sucesso estratégico final, o governo Bush evitou enfrentar o problema de ter um exército que não foi otimizado para atenuar as ameaças à segurança e, em vez disso, as conteve.” (METZ, 2008, p.41-45, passim) (tradução nossa).

“Muitas lições aprendidas desde a Guerra do Vietnã foram aplicadas com proveito na Guerra do Golfo, mas ainda há algumas lições a serem aprendidas sobre o término da guerra. Muitas vezes, uma vitória decisiva no campo de batalha não é definitiva nem mesmo em termos militares. Apesar da vitória militar sem precedentes alcançada sobre o Iraque, a vitória foi incompleta no sentido político. Clausewitz observa que no nível operacional a importância da vitória é determinada principalmente pelo vigor com que a perseguição imediata é realizada. Ou seja, a perseguição compõe o segundo ato da vitória e em muitos casos é mais importante que o primeiro. A Estratégia neste ponto se aproxima da tática para receber dela a tarefa concluída; e seu primeiro exercício de autoridade é exigir que a vitória seja realmente completa. A Guerra do Golfo foi encerrada prematuramente porque seu centro de gravidade foi incorretamente identificado (de acordo com termos militares tradicionais) como as forças armadas iraquianas, enquanto a derrota dessas forças foi de fato apenas uma condição preliminar por atacar o verdadeiro centro de gravidade político: o próprio Saddam Hussein. O problema aqui era, em parte, que na tradição ocidental de guerra se supõe que um líder político sofrendo uma derrota tão vergonhosa renunciará ou será removido por outros. Mas mesmo que Saddam Hussein tivesse sido identificado como o verdadeiro objetivo da guerra, as leis americanas e as circunstâncias políticas tornavam impossível atingir um líder dessa maneira.” (HANDEL, 2005, p. 11) (tradução nossa) (grifos nossos).

Ademais, após todo este cenário de guerra, Washington foi muito criticado pelo fato de que não fora decidido, ainda nesta ambientação, um golpe conciso para destituir Saddam Hussein, visto que ele estava esmaecido, após o final das operações. Mas, a deposição do líder iraquiano não fora um objetivo explícito, especialmente, da Operação Tempestade no Deserto, levando a esta dualidade e tensão. Além disso, outro ponto a ser levantado é que a Força Aérea atacou várias instalações que acreditavam que Saddam poderia estar localizado e se esconderam, e até mesmo, localidades do Partido Baath, que de acordo com a parte de inteligência dos Estados Unidos, seriam suportes importantes que auxiliam no poder do líder iraquiano, mas mesmo assim em ambos os ataques não obtiveram êxito. Outrossim, um outro aspecto importante de ressaltar é que a despeito do total de forças lideradas pelos Estados Unidos na Coalizão Internacional sob a égide do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), o potencial de destruição foi desencadeado de modo controlado, ordenado e cessado quando as tropas iraquianas se retiraram do Kuwait, apesar de toda imensidade vista e empregada. Ao observar os objetivos estratégicos propostos, o motivo basilar para o combate havia se cumprido, entretanto, a questão sobre a permanência do governante no poder ainda gerava dúvidas e desafios dentro do Pentágono, tanto a curto quanto a médio-longo prazo,

uma vez que poderia perpetuar a presença dos Estados Unidos em questões locais da região do Golfo Pérsico, ainda mais neste contexto histórico, de potência solitária. (GORDON, 2010, p.43-44; ECHEVARRIA II, 2014, p.183-196, passim).

Muito disso tudo, deve-se também ao fato de que quando o confronto chegou ao fim, em agosto de 1991, o governo Bush entendeu que este seria o fim de Saddam Hussein, julgando que o ditador iraquiano seria derrubado pelos generais descontentes e humilhados. Contudo, não foi isso o ocorrido, o que promoveu ainda mais um desenlace e resolução complexo e emaranhado, de uma guerra, aparentemente, decisiva, promovendo assim, um dilema para Washington: realizar-se com a vitória ou expor-se ao impasse e dubiedade de se envolver no conflito interno iraquiano, que transbordava, regionalmente. Neste contexto, o general Colin Powell⁹⁰, chefe da JCS (*Joint Chiefs of Staff*⁹¹), contentava-se com o término do confronto, na disposição em que se encontrava, divergindo de Paul Wolfowitz⁹², ex-chefe da assessoria política de Cheney no Pentágono, que entendia que a vitória, sem a queda de Saddam Hussein, ficaria maculada (GORDON, 2010, p.43-44).

Sobre a questão operacional, a prática operacional americana na Operação Tempestade no Deserto foi ao mesmo tempo ramificada e contenciosa, avaliando as interferências díspares das teorias contemporâneas do poder terrestre e do poder aéreo. Este que procedeu, em pouco mais de cem horas de combate, no desmantelamento de grande parcela das instalações de comando e controle iraquianas e defesas antiaéreas, articulando com o uso extensivo de mísseis de cruzeiro e algumas missões de F- 117. Em contraposição, a teoria do poder terrestre, basicamente, defendia as concepções da Batalha Aérea, que sustentava que o desenlace para o sucesso militar viria de uma manobra ar-terra coordenada que obrigasse o oponente a recuar ou ser destruído. Os principais subsídios dessa teoria foram, principalmente, confirmados durante a fase Tempestade no Deserto (ECHEVARRIA II, 2014, p.171).

Sobre as lições e ensinamentos que ficam dessa descrição e análise da interpretação do centro de gravidade na Guerra do Golfo, para além da ideia de “vitória avassaladora” ou “vitória decisiva”, como contido no *Field Manual 100-5 de 1993*, a Guerra do Golfo também protocolizou o contínuo, progressivo e sucessivo deslocamento geográfico do foco da

⁹⁰ Colin Luther Powell (1937-2021) foi um importante general do Exército dos Estados Unidos, ocupando o cargo de Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, entre 1989 a 1993, e Secretário de Estado de 2001 a 2005.

⁹¹ Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos

⁹² Paul Dundes Wolfowitz (1942-) foi chefe da assessoria política de Dick Cheney no Pentágono, durante este panorama. Foi um ator importante na arquitetura em torno da invasão do Iraque em 2003, e vice-secretário de Defesa entre 2001 e 2005.

estratégia dos Estados Unidos da Europa o Sudoeste Asiático, apesar de que isso estivesse em curso há décadas. Assim, a invasão do Kuwait por Saddam Hussein revelou ainda mais a importância da região, especialmente em termos de Segurança e Defesa, mas também geoeconomicamente, principalmente, devido à riqueza petrolífera. Desse modo, o confronto bélico teve uma proeminência muito maior do que somente reverter a agressão iraquiana e restaurar a independência política do Kuwait (METZ, 2008, p.30).

Além disso, sobre os aprendizados desta guerra, lideranças políticas e militares não se aterem a uma das lições mais ricas: os Estados Unidos detinham uma Estratégia Militar que conduzia ao sucesso no campo de batalha, mas não, obrigatoriamente, à vitória estratégica determinada como a conquista de objetivos políticos de médio a longo prazo. Dentro deste âmbito, a administração Bush ao olhar o centro de gravidade, focou muito mais na capacidade física e nem tanto no estratégico-político, que foi a razão pela qual, este confronto armado ficou um tanto quanto difamado, reverberando em uma série de embates diplomáticos ao longo da década até o ápice que fora a invasão de Bagdá, em 2003. Assim, portanto, após toda esta discussão, conclui-se que ponderar o nível operacional da guerra, pode divergir da direção da política externa. Por fim, sobre o centro de gravidade, as lideranças militares tinham lido como sendo a Guarda Republicana, enquanto que na realidade, o verdadeiro “hub” das ações e movimentos, no teatro de operações, o “centro de todo o poder”, era o governo regido por Saddam Hussein (METZ, 2008, p.34-40, *passim*; BAYLIS *et al*, 2013, p.67).

4 A TECNOLOGIA NÃO NOS SALVARÁ: A FRICÇÃO NA 1ª GUERRA DO GOLFO

Como discutido no capítulo I, a obra *Da Guerra*, publicada, em 1832, apresentando o pensamento de Clausewitz sobre a teoria da guerra, será o referencial teórico que guiará toda esta dissertação e discussão proposta. O prussiano argumenta, ao longo das passagens, que a guerra não deve ser estudada com um viés positivista ou como ciências exatas, e sim trazendo e problematizando a natureza humana em questão. De fato, ele conclui que a guerra não se encaixa no arcabouço da arte⁹³ nem de ciências exatas⁹⁴, mas como um intercurso do ato humano, perpassando a compreensão do que se conhece como ciências sociais (HANDEL, 2014, p. 54).

Isto posto, esta seção consiste em uma parcela da pesquisa exploratória, no âmbito das Ciências Militares, com o propósito de trazer uma reflexão teórica do conceito de fricção, apresentado por Clausewitz, tendo como recorte temporal a 1ª Guerra do Golfo (1990-91). O procedimento de pesquisa aplicado consiste, primeiro, na revisão conceitual da definição de fricção. Além disso, em seguida, adotou-se a aplicação de um estudo de caso único sobre o confronto armado, com o emprego do método histórico, caracterizando por ser uma pesquisa qualitativa.

A escolha desta temática baseia-se no fato de ser a primeira guerra do Pós-Guerra Fria, com o uso de sofisticado arsenal tecnológico, emprego de tecnologias de última geração, sem precedentes, além de repercutir nos Estudos de Segurança e Defesa, com destaque, a Estratégia Militar. Ademais, é importante ressaltar que a explicação de Clausewitz sobre fricção foi, inicialmente, correlacionada à sua análise da interação entre ataque e defesa, o que explica com mais nitidez o estudo investigar como ocorreu este fenômeno, nas operações Escudo no Deserto e Tempestade no Deserto, na 1ª Guerra do Golfo. Assim, acrescenta-se como o trabalho de Clausewitz transcendeu as limitações impostas às suas percepções pelas circunstâncias políticas ou tecnológicas de seu tempo, sendo a perspectiva mais apropriada, academicamente, para o desenvolvimento deste capítulo (ALVES, 2010; HOWARD, 2002, p.54).

Dessa forma, este capítulo foi organizado e dividido nas seguintes seções, a saber: apresentação do conceito de fricção, seguida da análise sobre o emprego da tecnologia bélica

⁹³ “Embora seja, em última análise, uma arte que requer soluções criativas (não dogmáticas) que reflitam situações específicas ou únicas” (HANDEL, 2014, p.54) (tradução nossa).

⁹⁴ “A guerra não pode ser simplesmente reduzida à álgebra ou a qualquer outra ciência exata” (HANDEL, 2005, p.19) (tradução nossa).

na guerra, e por fim, seus resultados e desempenhos, bem como comentários e considerações gerais e finais.

4.1 Conceituação de fricção por Clausewitz – exemplos e alegorias

Carl von Clausewitz (1780-1831) ao desenvolver seus estudos e formular a teoria da guerra, não discorreu e definiu, apenas, o axioma mais evidente do seu trabalho: a guerra como sendo a continuação da política com a entremistura de outros meios⁹⁵. O teórico militar também apresentou e abordou os objetivos políticos do conflito bélico, a concepção de trindade notável, de estratégia, tática e ofensiva, centro de gravidade, além de descrever um fenômeno que é inerente a todo e qualquer confronto armado: fricção, objeto de estudo e análise deste capítulo.

Ao desenvolver suas principais ideias sobre a guerra, destacar o que a diferencia da teoria e a realidade, Clausewitz se assemelha ao método de Isaac Newton⁹⁶, que primeiro discute as leis da física em um mundo simplificado, “ideal”, sem fricção e depois a ajustou em um mundo onde este elemento é reinante⁹⁷. Assim, o conceito de fricção foi empregado nos escritos de Clausewitz, pela primeira vez, ao longo da campanha militar de 1806, na Batalha de Jena-Auerstedt. Clausewitz empregou, pela primeira vez, este conceito, ao longo da campanha de 1806, ao apresentar e discorrer sobre os empecilhos enfrentados por Scharnhorst. Esta temática foi abordada de maneira mais categórica, na obra *Da Guerra*, livro I, “Da Natureza da Guerra”, capítulo VII, intitulado “A fricção na Guerra”, onde o autor apresenta a ideia e a ilustra por meio de várias alegorias. Ao decorrer da escrita, ele expõe que os incidentes, impasses, adversidades e objeções nas guerras, limitavam a eficácia e eficiência das batalhas, influenciando o desempenho e resultados dos conflitos, devendo ser analisados e estudados detalhadamente. Por fim, define fricção como:

“Tudo parece simples. O conhecimento necessário não parece ser extraordinário e as opções estratégicas são tão óbvias que, comparado com

⁹⁵ CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**, 1984, pp. 6, 29, 41, 70, 91, 717, 761, 764, 831.

⁹⁶ Isaac Newton (1643-1727) foi físico, astrônomo e cientista inglês conhecido, mundialmente, pela formulação da lei da gravitação universal e leis do movimento, além da descrição de fenômenos óticos e demais contribuições notáveis para a Ciência.

“Clausewitz toma emprestado conceitos do mundo da física newtoniana (como faz com o conceito de fricção) e o aplica ao mundo da estratégia e das operações militares” (HANDEL, 2005, p.39) (tradução nossa).

⁹⁷ É algo que também se assemelha a Química, quando retrata sobre condições ideais ou gás ideal. Várias definições famosas da obra de Clausewitz, como fricção e centro de gravidade foram extraídas do que conhecemos por Física e do que em sua época era conhecido como Ciências Mecânicas (COKER, 2017, p.33).

“Newton sabia que não havia mundo sem atrito e Clausewitz percebeu que a guerra na realidade estava longe de sua forma ideal” (HANDEL, 2005, p.249) (tradução nossa).

elas, o problema mais simples de alta matemática apresenta uma impressionante dignidade científica. Quando a guerra é realmente vista, as dificuldades tornam-se evidentes, mas ainda é extremamente difícil descrever o que não foi visto, o elemento que impregna tudo e que causa esta mudança de perspectiva. [...] Tudo é muito simples na guerra, mas a coisa mais simples é difícil. [...] Inúmeros incidentes de pequena importância - do tipo que você nunca pode realmente prever - combinam-se para reduzir o nível geral de desempenho, de modo que ficamos sempre aquém da meta desejada. Uma força de vontade férrea pode superar esta fricção.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.131).

Dessa maneira, partindo das sentenças apresentadas, a fricção não é um elemento unitário, mas sim composto por um conjunto de fatores⁹⁸ que se acumulam. Ou seja, não existe um fator singular que leva a fricção, mas a aliança, aglutinação, somatório de vários elementos, que causam dificuldades intrínsecas e provações a qualquer ação da guerra⁹⁹. As dificuldades, o acaso, o caos, as incertezas, os imponderáveis e os eventos inesperados são traços marcantes em qualquer conflito bélico, e inerentes ao percurso da guerra. O acúmulo de adversidades e dificuldades não previstas, tampouco calculadas, erros casuais, e confusões na batalha, muitas derivadas de questões psicológicas, como será debatido posteriormente, impedem o avanço da guerra em ambos os lados¹⁰⁰ (PARET, 2001, p.278). Assim, Proença Júnior (1999, p.74) discorre que a fricção é definida pelas dificuldades intrínsecas de qualquer ação na guerra: o somatório de dúvida, desgaste, cansaço, medo, erros e acidentes. E, correlacionando a esta interpretação, que a guerra é a província da incerteza e do acaso, vulnerável a várias causas, como apontado sobre os elementos que levam à fricção.

Desse modo, a definição proposta compreende a fricção como sendo uma categoria de ações, como, por exemplo, a incerteza sobre o inimigo, a confusão mental que afeta a saúde e capacidade cognitiva do combatente, falta de informação completa e precisa, além da dificuldade de interpretá-la corretamente, além de fatores físicos, como o clima e o terreno. Estes são alguns fatores, dentro de inúmeros outros incalculáveis, que em conjunto, fomentam a fricção. Em outras palavras, é tudo aquilo que torna difícil, em um ambiente de guerra, o que aparentemente é fácil, trazendo a realidade para a formatação do planejamento estratégico

⁹⁸ “Se a guerra era o reino da incerteza e do acaso, ainda mais era o reino do sofrimento, confusão, exaustão e medo. Todos esses fatores se combinaram para criar o elemento que Clausewitz denominou fricção: o ambiente em que toda ação militar ocorreu” (HOWARD, 2002, p.25) (tradução nossa).

⁹⁹ “Um estrategista militar contemplando a complexidade da guerra deve considerar fatores como o número impressionante de variáveis envolvidas; o fato de que os elementos-chave não podem ser claramente medidos, isolados ou controlados; a natureza recíproca da ação e reação; o papel do atrito, do acaso e da sorte, [...] a natureza paradoxal do risco e a influência de fatores morais” (HANDEL, 2005, p.31) (tradução nossa).

¹⁰⁰ Contudo, é importante compreender que enquanto a fricção produz um efeito de impotência, também cria oportunidades, tendo um resultado paradoxal, visto que também afeta o exército oponente (SOUCHON, 2020, p.100).

do conflito, distinguindo o planejamento estratégico e a realidade no teatro de operações. Neste entendimento, a fricção difere a guerra nos ambientes teórico e prático, distinguindo estes dois mundos. Assim, entende-se como este elemento dialoga com a realidade, estando presente no teatro de operações de qualquer conflito e impactando nos resultados (CLAUSEWITZ, 1984, p.17; HOWARD, 2002, p.26 e p.54; PARET, 2001, p.279; SOUCHON, 2020, p.26 e p.99; STRACHAN, 2008, p.150).

Além disso, a guerra inclui elementos racionais e não racionais¹⁰¹, fatores físicos (ou materiais), morais (ou espirituais, não-materiais), planejamento e controle, assim como a incerteza, probabilidade e fricção. Estes componentes permeiam todas as dimensões do confronto e são complementares, embora, em alguns casos, possam parecer contraditórios. Neste cenário, enquadra-se também a compreensão sobre a névoa da guerra, discorrida no capítulo VI, nomeado como A Defesa, a mesma parte que narra sobre a defesa ser mais forte que o ataque. Este conceito é descrito como sendo as perpétuas imprecisões e confusões do intelecto. Neste sentido, destaca que a guerra é o domínio da incerteza. “Três quartos dos fatores em que baseiam-se os combates na guerra estão envoltos numa névoa de maior ou menor incerteza. É necessário um discernimento sensível e perspicaz é uma exímia inteligência para descobrir a verdade” (CLAUSEWITZ, 1984, p.109).

Consequentemente, neste panorama, Clausewitz (1984, p.143) apresenta que a fricção, assim como a mecânica, não pode ser restringida a apenas alguns pontos, uma vez que está localizada em todos os ângulos, produzindo efeitos que não podem ser medidos, exatamente porque devem-se em grande parte ao acaso. O prussiano, ao explicar o porquê da natureza da guerra se diferenciar teoricamente da atualidade, analisa que ela tem a influência de fatores como cálculos políticos¹⁰², acrescido de outras diferenças tais como: inabilidade das forças, conhecimento insuficiente ou impreciso sobre a força relativa do adversário, aversão ao risco ou outras considerações psicológicas entre outros (HANDEL, 2005; Id., 2014, p.58).

Ademais, as ideias desenvolvidas por Maquiavel tiveram interferências em Clausewitz, especialmente as expressões como *fortuna* e *virtù*, visto que ao expor as Forças Armadas, o militar prussiano descreveu a discrepância, como já observado, existente entre os planos da guerra e a realidade do confronto armado. Esta assimetria, entendida como fricção, é formada por um agrupamento de ocorrências inesperadas, súbitas, casuais e caóticas que

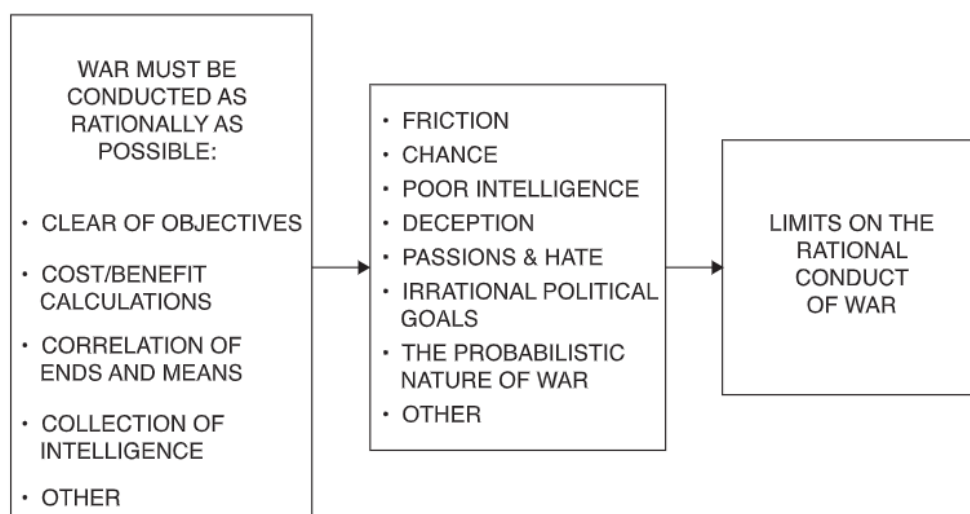
¹⁰¹ Segundo Handel (2014, p. 58), na estrutura apresentada por Clausewitz, há um reconhecimento da relevância de fatores não racionais, bem como racionais, como carisma, criatividade, genialidade militar, inteligência, moral e motivação da população, efeito da incerteza, probabilidade, previsão e fricção na capacidade de prover cálculos racionais para o curso e desempenho no campo de batalha.

¹⁰² Assim, retomando a importância e centralidade da política para o entendimento do bélico, tratado no capítulo 1, seção 1.1.

contrariam os planejamentos e não podem ser previstos pela razão e conduta humana. Ao retomar-se ao fato da influência de Maquiavel na obra e pensamentos de Clausewitz, observa-se, assim, como estes conceitos se refletem no âmbito da fricção e constituem a base da compreensão sobre as qualidades morais do comandante e suas tropas (SOUCHON, 2020, p.95).

FIGURA 4

LIMITS ON THE RATIONAL CONDUCT OF WAR



(HANDEL, 2014, p.58)

Ao ilustrar este fenômeno, Clausewitz comparou a guerra com uma máquina¹⁰³. Ambas sofrem com atrito, e, dentro deste panorama, para operar com eficiência, e desempenhar suas funções, é necessário um grande esforço. Uma das maneiras, dentro de um corpo armado, de amenizá-la seria por meio de treinamentos mais árduos e que simulem, dentro do possível e realizável, os ambientes de confronto, ou seja, experiência de combate por meio de treinamento árduo. Também se soma a isso doutrina, método e a rotina, além da liderança e genialidade, em termos clausewitziano, do comandante, que saberia reconhecer e lidar com momentos de fricção. Portanto, este fenômeno é o único conceito que impede a guerra alcançar sua forma absoluta, inserindo a realidade, o factual no confronto armado.

¹⁰³ Esta comparação é derivada da observação analítica do contexto histórico da época: a Revolução Industrial que ocorrera entre os séculos XVIII e XIX.

“Em mecânica, o termo fricção descreve todos os fatores que fazem uma máquina funcionar com menos eficiência do que é capaz, pode realizar em teoria, em condições perfeitas. A fricção é descrita como a força que impede o movimento devido a fatores internos e externos” (SOUCHON, 2020, p.96) (tradução nossa).

(SOUCHON, 2020, p.26; STRACHAN, 2008, p.150, PARET, 2001, p.279). Um Corpo Armado ou Exército é composto por um grande número de soldados, cada um com suas próprias inquietações, medos e temores e suas movimentações eram retraídas por suas dificuldades e complicações inerentes. Clausewitz apresenta que nenhum dos componentes da máquina militar é feito de apenas uma peça, e não é simples de lidar, visto que cada item é composto por militares, cada qual contendo suas preocupações e questões psicológicas¹⁰⁴ (CLAUSEWITZ, 1984, p.132; STRACHAN, 2008, p.150).

A respeito do teor psicológico, o efeito da fricção altera a saúde mental e a dimensão cognitiva dos combatentes¹⁰⁵, o que promove maiores obstáculos e dificuldades no campo de batalha, visto que ao ocasionar uma variação na ordem psicoemocional, restringe a visão, capacidade de raciocínio e interpretação dos soldados. Na batalha de Jena-Auerstedt (1806), Clausewitz além de descrever a respeito da fricção, como mencionado, observou o colapso mental do outrora orgulhoso exército prussiano, após a derrota devastadora, ressaltando o componente e teor psicológico no campo de batalha¹⁰⁶. Esta parte dialoga diretamente com a descrição feita por Beaufre (1998, p.154) ao analisar que é indispensável precisar o estudo do componente psicológico da estratégia: os fatores da psicologia das multidões, dos exércitos, dos chefes e dos governos, visto que se relaciona com a hierarquia da estratégia e ao nível de táticas empregadas no campo de batalha.

Dessa maneira, entende-se, como primeiro, afeta o nível individual, o micro, prejudicando as emoções, e depois, abrange o macro, a esfera institucional. Ainda nesta interpretação, os papéis desempenhados pela fricção, incerteza, sorte, acaso, e demais outras probabilidades, assim como paixão e ódio¹⁰⁷, deterioram a perspectiva de travar a guerra como sendo uma atividade puramente racional¹⁰⁸. Clausewitz também analisa estes e muitos outros fatores que tolhem o percurso orquestrado pela tomada de decisão racional em sua discussão sobre questões morais¹⁰⁹, estas que operam como um multiplicador ou divisor de força,

¹⁰⁴ “Na presença terrível do sofrimento e do perigo, a emoção pode facilmente dominar a convicção intelectual e, nesta névoa psicológica é tão difícil formar ideias claras e completas que as mudanças de opinião se tornam mais compreensíveis e desculpáveis. Uma ação nunca pode basear-se em nada mais firme do que o instinto, uma percepção da verdade” (CLAUSEWITZ, 1984, p.117).

¹⁰⁵ “O termo fricção resume todos os desafios imprevisíveis que causam caos e confusão e provocam sentimentos de incerteza, medo, desorientação e impotência entre os soldados” (SOUCHON, 2020, p.95) (tradução nossa).

¹⁰⁶ Ibid., p.54.

¹⁰⁷ Elementos estes que remetem à Trindade Clausewitziana, destrinchada no capítulo do referencial teórico.

¹⁰⁸ Relativo à reação.

¹⁰⁹ Clausewitz desenvolve algumas considerações sobre fatores morais, como motivação, gênio criativo, intuição, patriotismo e outros fatores não tangíveis que afetam o curso da guerra (CLAUSEWITZ, 1984, p.208-210, passim).

tornando as aproximações, conjecturas e a avaliação muito mais controversas. (HANDEL, 2014, p.57-66, passim) .

Outro apontamento sobre a conceituação de fricção é que ela pode ser caracterizada e dividida em interna e externa, ou seja, se agem dentro das próprias unidades de companhia, ou se afetam as operações de exércitos inteiros por fatores exógenos. A fricção interna é descrita como derivada das fraquezas e natureza humana, quando, por exemplo, há uma colisão das partículas dentro dos próprios corpos analisados. Também pode ser especificada a falta de suprimentos bélicos e alimentícios, esforço físico extremo, dificuldades da liderança, entre outros aspectos. Porém, pode ser reduzida por meio de um planejamento minucioso, logística sólida, treinamento intensivo e doutrina. Em contraste, a fricção externa é derivada de eventos inesperados por parte do extrínseco, como fatores climáticos e geológicos, ou de movimentações surpresa e ações do oponente (SOUCHON, 2020, p.96).

Nesta lógica das divisões e agrupamentos sobre o conceito de fricção, Malkki e Malkki (2011, p.56) esclarecem e apresentam outra forma de divisão deste conceito, baseado no pensamento clausewitziano, agrupando em três níveis – o primeiro baseado na estratégia e o segundo, na fase de preparação militar - sendo neste caso abordado, o terceiro nível, uma vez que diz respeito, à natureza da guerra ao que tange a saúde física e mental, visto que expõe a preparação do combatente e suas habilidades no momento do combate. Neste contexto, acrescenta-se a análise das forças psicológicas, elementos morais, energia emocional e intelectual, inteligência emocional e determinação. A concepção de fricção também é representada por dois elementos distintos: fatores - que podem ser perigo, exaustão física, mal tempo e demais aspectos, anteriormente apresentados, - e o efeito – faculdades mentais sendo contidas, dificultando a capacidade de raciocínio e julgamento (MALKKI e MALKKI, 2011, p.45).

Ainda sobre categorizações a respeito do conceito de fricção, Watts (2004, p.37) propôs uma outra sistematização, com base nas explicações de Clausewitz, a saber: perigo, esforço físico, dificuldades de precisão das informações, resistência dentro do próprio corpo de soldados, limitações físicas para o emprego e preparo do uso da força, situações imprevisíveis da dinâmica com o oponente, entre outros. Assim, percebe-se que variam desde a natureza psicológica, perpassando o ambiente, até as condições como as informações e notícias chegam, sendo muitas vezes, imprecisas e incoerentes. De acordo com Clausewitz (1984, p.769): “o que é simples também é difícil. A atividade na guerra é como um

movimento realizado através de um elemento resistente. [...] Na guerra é difícil que os esforços normais obtenham até mesmo resultados moderados.”¹¹⁰

Além de todo desgaste físico, questões referentes à saúde mental, como cansaço, depressão e stress, necessidades fisiológicas, como sede, fome, além de fatores climáticos, como clima, chuva e demais intempéries, acrescenta-se, como fator que influencia o desempenho na guerra, a qualidade e obtenção das informações recebidas. Sobre este tópico, Clausewitz (1984, p.153) aborda que a falta de credibilidade, em geral, de todas as informações¹¹¹ representa um empecilho na guerra e que, na grande parte das vezes, os relatos parecem mais fantasiosos do que realmente são, e raramente chegam completas, e sim, em partes, por gotas. “A falta de confiabilidade em geral de todas as informações representa um problema especial na guerra: todo combate se realiza, por assim dizer, numa espécie de penumbra, que como uma névoa ou o clarão do luar tende muitas vezes a fazer com que as coisas pareçam grotescas e maiores do que realmente são” (CLAUSEWITZ, 1984, p.153). Por fim, o autor acrescenta que “em qualquer dos lados, nunca as informações relativas às baixas são precisas, raramente são verdadeiras e, na maioria dos casos, são deliberadamente falsificadas” (CLAUSEWITZ, 1984, p.268).

De acordo com Clausewitz (1984, p.769): “o que é simples também é difícil. A atividade na guerra é como um movimento realizado através de um elemento resistente. [...] Assim, por fricção, entende-se como sendo, as ações que, na guerra, muitas vezes, não acontecem de acordo com o previsto, com o que fora planejado, ou seja, os impedimentos encontrados na atmosfera da guerra. Desse modo, dificultando o desenrolar do confronto, o diferenciando e impedindo de alcançar a sua forma absoluta.

Vale acrescentar, que, de acordo com Watts (1995, p.104): “altos níveis de atrito acarretam baixa consciência da situação e vice-versa.” Como discutido antecipadamente, é o que diverge a guerra do papel, do planejamento, para o que realmente opera no teatro de operações, uma vez que a condução da guerra é muito mais complexa que o início pode prever, sendo um elemento que compõe a guerra. Por fim, como desenvolvido por Souchon (2020, p.99) a fricção não ocorre e afeta apenas no nível tático ou estratégico do confronto

¹¹⁰ “Para Clausewitz, no ambiente de acaso, incerteza e perigo que é a guerra, qualquer ação implica perdas e risco. Assim sendo, a ação na guerra é como o movimento num meio resistente, que com o passar do tempo, pode causar perdas absolutamente decisivas” (PROENÇA JÚNIOR, 1999, p. 82).

¹¹¹ “Como todas as informações e pressuposições estão sujeitas a dúvidas, e com o acaso agindo em todos os lugares, o comandante sempre acha que as coisas não são como ele esperava que fossem. [...] As informações mais recentes não chegam todas de uma vez: apenas chegam em gotas. Chocam-se seguidamente com as nossas decisões e a nossa mente deve estar permanentemente armada, por assim dizer, para lidar com elas” (CLAUSEWITZ, 1984, p.109).

armado, mas também o político, que é uma variável crucial ao analisarmos a compreensão clausewitziana sobre o conceito de guerra.

A fricção é um elemento que compõe a guerra, e embora tenha sido discutida e escrita, em 1806, mantém-se presente e relevante nos conflitos mais recentes. Segundo Malkki e Malkki (2011, p.41): “as ameaças irregulares com o uso de métodos não convencionais e assimétricos no Afeganistão e no Iraque convenceram as Forças Armadas dos Estados Unidos que caos, acaso e fricção dominaram operações terrestres tanto hoje quanto quando Clausewitz escreveu sobre estes fenômenos no pós-Guerras Napoleônicas.”

Logo, o presente trabalho visa abordar o conceito de fricção na 1ª Guerra do Golfo (1990-91), como objeto específico desta dissertação, por meio de um estudo de caso, observando as operações Escudo no Deserto e Tempestade no Deserto. Por fim, como abordado, a onipresença da fricção, fenômeno difundido a toda atmosfera da guerra, é um dos itens que permite que a guerra não atinja os extremos de violências conceituais, restringindo, além de diferenciá-la do papel para a realidade. Desta forma, trazendo a realidade do pensamento clausewitziano, que como fora abordado, embora tenha sido escrito no século XIX, se mantém presente até a contemporaneidade (HOWARD, 2002, p.26 e p.54; PROENÇA JÚNIOR, 1999, p.78-84, passim; SOUCHON, 2020, p.117).

4.2 Análise do emprego da tecnologia bélica

As Forças Armadas dos Estados Unidos, singularmente, o Exército, obtiveram um salto de transformação militar tanto no preparo quanto no emprego de suas tropas, em um intervalo de 15 anos¹¹², correspondendo do fim da Guerra do Vietnã até a 1ª Guerra do Golfo. Desse modo, tanto a fase defensiva, quanto a fase ofensiva, foram as constatações mais relevantes do poderio e capacidade das Forças Armadas, desde 1975, além de terem servido para demonstrar os avanços tecnológicos, com ênfase no poder aéreo.

Assim, a operação Tempestade no Deserto compõe e representa parcela da suplantação resultante da síndrome do Vietnã, além de também ajustar o papel desempenhado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos na Estratégia Militar do país.¹¹³ Não à toa, dentro desse cenário, compara-se com a imagem de uma fênix, que renasceu das cinzas, neste caso, de uma derrota no campo militar¹¹⁴. Um dos fatores para este feito, se deve ao elevado grau de treinamento e

¹¹² “Por quase quinze anos, os militares americanos tentaram se recuperar do desastre do Vietnã enquanto tentavam enfrentar o desafio militar da União Soviética” (SHIMKO, 2010, p.88).

¹¹³ METZ, 2008, p.13

¹¹⁴ SHIMKO, 2010, p.27

disciplina militar, com destaque, ao avanço qualitativo e quantitativo em tecnologia militar¹¹⁵ - como o emprego de mísseis anti-carro dirigidos, sistema de controle de tiro muito mais sofisticado e preciso, além de canhões de carro de combate aperfeiçoados - que levaria a um futuro mais custoso e mortal para a guerra convencional (SCALES, 1993; SCHUBERT e KRAUS, 1998; STEWART, 2010; WALDMAN, 2010; VAN CREVELD, 2011).

A 1ª Guerra do Golfo (1990-91) forneceu um vislumbre da guerra pós-moderna como o reino da alta tecnologia. Neste panorama, este conflito armado¹¹⁶ promoveu alterações no desenrolar de assuntos militares - com o uso intensivo de avançada tecnologia militar - e impactou profundamente os estudos sobre guerra, com destaque, a Estratégia Militar, em virtude de as fases ofensivas e defensivas terem alcançado resultados e desempenhos únicos na História Militar¹¹⁷. Estilo de precisão, “conhecimento dominante do espaço de batalha” e plataformas furtivas moldaram o conflito futuro. Ademais, ainda relacionando o emprego de sofisticado aparato armamentista na 1ª Guerra do Golfo, Paret (2001, p.103) postula que: “a ciência e a guerra sempre estiveram intimamente ligadas.” Dessa forma, adiciona-se neste demasiado uso de tecnologias com fins militares, instrumentos de comunicação e informação, como computadores, até satélites e mísseis balísticos (ALVES, 2010; MAHNKEN e MAIOLO, 2014; WATSON *et al*, 1991; WATTS, 2004). Metz (2008, p.47) complementa afirmando que meses depois da Guerra do Golfo, analistas de defesa civis e militares começaram a falar de uma “revolução técnico-militar” e, eventualmente, de uma “revolução nos assuntos militares”. Por fim, dependendo da óptica de interpretação, encontra-se termos como Revolução Militar e Tecnológica ou Revolução tecno-militar, que embora possam vir a ser parecidos, não são sinônimos em sua universalidade.

Grande parcela da literatura, ao retratar sistemas de armamentos e eventos militares, que promovem modificações revolucionárias, enfatiza a remoção da fricção e da ambiguidade do espaço de batalha. Assim, acreditava-se que a fricção iria se extinguir¹¹⁸, devido às mudanças postas ao campo de batalha, mas não é isso que é observado e percebido, com base em investigações científicas da área de Defesa. Apesar da abundância tecnológica e da crença

¹¹⁵ “Seus componentes materiais podem ser divididos em sistemas: sensores, como satélites e veículos aéreos não tripulados (drones); comunicações, como computadores e centros de comando; e armamento avançado, como mísseis de cruzeiro, a arma paradigmática da Revolução dos Assuntos Militares” (WALDMAN, 2010, p.350) (tradução nossa).

¹¹⁶ Lembrando que a guerra não é um ato de violência, em si, isolado, nem um fenômeno unitário ou mesmo, em sua totalidade, militar (CLAUSEWITZ, 1984, p.763; PARET, 2001, p.24).

¹¹⁷ Ver ALVES (2010)

¹¹⁸ Autoridades, como o Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, acreditavam que a transformação militar baseada na Revolução dos Assuntos Militares haveria por diminuir em seu todo, a fricção e a névoa da guerra (METZ, 2008, p.111).

exacerbada na Ciência¹¹⁹, e de todos os seus benefícios, os confrontos armados, com destaque a este estudo de caso, continuam sendo afetados pelo fenômeno da fricção. Como apresentado e postulado por Souchon (2020, p.102), “os esforços para eliminar as fricções operacionais por meio de tecnologia de ponta criaram fricções em outras áreas.” Pensamento corroborado pelas contribuições de Murray (1997) que apresenta que o intuito em usar a tecnologia para evitar a fricção, não a reduz em sua totalidade, a aumentando em outros cenários e aspectos e também por Coker (2017, p.100) que sintetiza que a fricção na guerra não consegue ser dissolvida em sua totalidade.

Com base em Watts (1995, p.2): “mesmo em um conflito inundado de armamento avançado como a Guerra do Golfo, com destaque à Operação Tempestade no Deserto, não houve falta de fricção em qualquer nível, seja tático, operacional, estratégico ou mesmo político.” Dentro deste fenômeno, o autor continua e pontua que, “as tripulações tiveram mal funcionamento do equipamento, materiais inadequados para o planejamento da missão, lapsos de inteligência em ambos os alvos e defesas inimigas, problemas de coordenação entre aeronaves de ataque e de apoio”. Dessa maneira, a despeito de todos os avanços científicos em prol da guerra, a fricção continua sendo um componente relevante e atual¹²⁰, além de revelar a contemporaneidade do pensamento clausewitziano, em um cenário de tantas críticas, como abordado no referencial teórico (WATTS, 1995, p.38).

“A névoa da guerra e os atritos que perseguem e prejudicam o desempenho estratégico não constituem um conjunto estático de desafios finitos que podem ser superados pelo estudo, muito menos pelas máquinas. Cada novo dispositivo e modo de guerra carrega o vírus de sua própria negação técnica, tática, operacional, estratégica ou política. Enfrentar a névoa e o atrito da estratégia e da guerra não é como explorar um terreno desconhecido, com cada expedição mais bem equipada do que a anterior para preencher os espaços em branco no mapa. O mapa do nevoeiro e do atrito é vivo, dinâmico e se reorganiza para frustrar o intrépido explorador. [...] Para ilustrar, as fontes de fricção que podem prejudicar o desempenho estratégico incluem aqueles familiares ao domínio militar (incompatibilidades entre os níveis de atividade militar e funções especializadas, como operações, logística e produção de armas) e, possivelmente a mais letal de todas, uma incompatibilidade entre as capacidades políticas e militares. No mundo dos estrategistas, em oposição ao dos táticos, há muito mais espaço para erros.” (GRAY, 2007, p.43-44) (tradução nossa).

Contudo, apesar das impressionantes conquistas tecnológicas, e a sua posição de destaque, não se deve colocar todas as crenças na superioridade tecnológica, pois assim como

¹¹⁹ “A fricção que desfaz a estratégia aplicada pode ser frustrada pela tecnologia moderna” (GRAY, 2007, p.42) (tradução nossa).

¹²⁰ “Os estudiosos modernos mostraram a influência da fricção nas guerras do século XX e defenderam sua persistência no futuro previsível” (GARDNER, 2021, p.86) (tradução nossa).

essa guerra não foi vencida apenas pela implementação de tecnologia de ponta, nenhuma guerra moderna foi vencida apenas pela tecnologia superior. Em outras palavras, apesar da utilidade das novas tecnologias postas em combate, por si só, não é garantia de bom desempenho e vitória militar. A tecnologia não reduz e ainda produz outros tipos e situações de fricção no campo de batalha, elemento este inerente a qualquer confronto. Desse modo, a proposta desta seção não é contestar o desempenho das operações Escudo no Deserto e Tempestade no Deserto, mas ressaltar que toda guerra, por mais bem sucedida que seja, com o emprego de tecnologia bélica avançada, apresenta elementos de fricção. Desse modo, valem-se as palavras de Coker (2017, p.100), que com base na leitura clausewitziana, pontua que em qualquer guerra a fricção nunca pode ser eliminada e, com eles, o risco que todo conflito acarreta. Em outras palavras, toda guerra apresenta elementos de fricção, independente do seu resultado, ou seja, mesmo em momentos de vitória avassaladora, como foi a 1ª Guerra do Golfo, houve momentos de obstáculos e dificuldades (COKER, 2017; HANDEL, 2005; GARDNER, 2021; MALKKI e MALKKI, 2011; WATTS, 2004).

Com base em toda argumentação e dados, argumenta-se que mesmo com o emprego de equipamentos tecnologicamente mais sofisticados e de último nível, nem mesmo a tecnologia de ponta conseguiu eliminar, em sua totalidade, o elemento de fricção no teatro de operações. Segundo Malkki e Malkki (2011, p.41): “nenhum avanço tecnológico pode eliminar os efeitos do atrito enquanto o acaso continuar a ser um fator na guerra e enquanto a guerra continuar sendo um processo humano no circuito.” Pensamento que dialoga com as ideias apresentadas por Gardner (2021) e Watts (2004) de que a fricção continuará a ser central no entendimento sobre guerra, independentemente das mudanças tecnológicas e do seu o impacto na incidência de fricção geral na guerra, concluindo assim que a fricção é quase impossível de ser eliminada e que é integrante da natureza da guerra. Em síntese, Handel (2005, p.19) é analítico ao descrever que:

“Muitas das mais recentes teorias e doutrinas militares assumem tácita ou explicitamente que as guerras do futuro serão travadas com informação e inteligência perfeitas ou quase perfeitas (“Dominância da Informação”). Essas teorias vislumbram um cenário em que o lado tecnologicamente avançado, com comando, controle e comunicação impecáveis, sempre identificará e atingirá os alvos com precisão. No entanto, essa visão é uma quimera, porque implica que o atrito na guerra será bastante reduzido, se não eliminado. Por definição, o atrito não pode ser eliminado quando duas (ou mais) forças se chocam, pois apenas o movimento cria atrito. [...] Claramente, cada estado ainda deve tentar explorar a tecnologia mais recente, mesmo mantendo-se consciente de seus limites inerentes. A tecnologia é apenas um meio na guerra, que não pode produzir vitória completa e sucesso por si só. Numa era de progresso e mudança material e tecnológico estonteantes, quando buscamos instintivamente soluções

tecnológicas e científicas racionais, tornou-se mais importante do que nunca identificar as dimensões que permaneceram constantes.” (HANDEL, 2005, p.19) (tradução nossa).

Além disso, dificilmente, as guerras evoluem como se imagina, por isso, a escolha dos sistemas de armamentos ou de táticas não é uma questão puramente técnica. Assim, pode-se articular o conceito de fricção, que é o extremo impasse em fazer com que as ações e deliberações aconteçam durante e no campo de batalha. Um exemplo, na Guerra do Golfo, é o fato de que o general Schwarzkopf, comandante da USCENTCOM¹²¹, identificou os “centros de gravidade”¹²² como sendo Saddam Hussein e a Guarda Republicana, mas não conseguiu desempenhar ataques bem-sucedidos contra nenhum deles, embora tenha empregado o armamento aéreo com vantagem avassaladora (CALLUM, 2001, p.64; COHEN, 2004, p.22; SCHUBERT e KRAUS, 1998, p.294).

A 1ª Guerra do Golfo reforçou a ideia do papel da tecnologia como um marco, mostrando novas formas de desenvolvimento da informação, computação e rede permitiriam uma velocidade e complexidade operacional, além de uma precisão de tiros muito maior do que nas guerras anteriores e uma consciência do campo de batalha, amplamente, melhorada, por parte dos militares avançados. Contudo, mesmo com todas estas ferramentas tecnológicas, sistemas sensíveis de inteligência e espionagem, não foi possível conter o obstáculo referente à informação durante o conflito (METZ, 2008, p.56-58, passim).

Assim, no âmbito informacional da guerra, raramente as notícias chegavam completas, e sim, fragmentadas, em parcelas, muitas, das quais, ambíguas, vagas e desconexas com a realidade. Um exemplo, neste contexto, seria do próprio general Norman Schwarzkopf que criticou veemente a qualidade e o nível de informações que obtinha, além de afirmar que não estava recebendo em um tempo hábil e o fato de que as fotografias aéreas, quando chegavam, estarem desatualizadas. Neste âmbito, as expectativas de que a tecnologia da informação produziria uma mudança revolucionária no modo de guerrear dos Estados Unidos, eram, portanto, muito altas e precisavam ser revistas. Assim, as melhorias, aperfeiçoamentos e mudanças tecnológicas – como o GPS – possibilitadas pela tecnologia da informação trouxeram mudanças significativas no caráter e desenrolar da guerra, embora não tenham

¹²¹ CENTCOM ou USCENTCOM é o Comando Central dos Estados Unidos, sediado no estado da Flórida. Possui como missão, o comando de combate unificado na área de responsabilidade que se estende desde o Chifre da África, passando pelo Golfo Pérsico até a Ásia Central.

¹²² Item trabalhado no capítulo III.

restringido, em sua íntegra, os obstáculos inerentes ao campo de batalha¹²³ (ECHEVARRIA II, 2014, p.31; MAHNKEN e MAIOLO, 2014; SCHUBERT e KRAUS, 1998, p. 247).

Um outro elemento que vale ser discutido, sobre informação, é que anteriormente, ainda na campanha aérea, com o apoio terrestre e naval, em fevereiro de 1991, o CENTCOM não reconheceu a enorme dificuldade e derrota que os iraquianos tiveram nas batalhas na fronteira do Kuwait, em janeiro. Ao lutarem, na fase Tempestade no Deserto, as tropas iraquianas, já estavam desgastadas e sem grande parcela dos seus aparatos, inclusive com a falta de vários equipamentos bélicos. A respeito deste assunto, e de como este se relaciona com o conceito de fricção, após a Operação Tempestade no Deserto, os analistas do Pentágono e da CIA apresentaram reclamações sobre os dados que chegavam. Eles estimaram o desgaste das forças iraquianas em níveis menores do que as investigações do USCENTCOM, que tinham muito otimismo nos dados mais promissores apresentados pelos pilotos (SCHUBERT e KRAUS, 1998, p. 251; WATTS, 1995, p.96).

Neste cenário, inundado pelas ferramentas e sistemas tecnológicos, ocorreu um dos erros de cálculo do general Norman Schwarzkopf, que foi o fato da Guarda Republicana ter emergido do confronto praticamente intacta, sendo utilizada, posteriormente, por Saddam Hussein na repressão das insurreições xiitas e curdas, ao Sul e Norte do país, respectivamente. Esta questão somada ao fato do centro de gravidade, tópico debatido no capítulo anterior, e da retirada ou não do governo de Saddam Hussein, vai ser um fato latente durante a década de 1990 e importante para entender o desenrolar de outro confronto, desta vez a Guerra do Iraque (2003-2010) (GORDON, 2010, p.44).

4.2.1 (R)evolução no campo militar

Ao decorrer dos anos 1990, com base no desempenho das fases da Guerra do Golfo, as especulações em torno de uma revolução e mudança técnico-militar na condução da guerra, e em consequência, ao modo de guerrear americano, começaram a se intensificar, tanto no meio político e militar quanto acadêmico. Assim, devido ao uso dos avanços científicos na guerra, correlacionando tecnologia, assuntos militares e confrontos armados, muito se discute a

¹²³ “A névoa da guerra resulta em grande parte da ausência de informações precisas, seja uma incapacidade de obter as informações necessárias em primeiro lugar ou uma falha em levá-las a quem precisa delas em tempo hábil.” (SHIMKO, 2010, p.40) (tradução nossa)
Neste caso, foi mais relacionado à dificuldade em obter informações cruciais em um primeiro estágio e conduzi-las, com rapidez, ao alto escalão.

respeito de uma RAM¹²⁴ (Revolução dos Assuntos Militares), esta que pode representar ou constituir um avanço fundamental em termos tecnológicos, doutrina ou organização que torna obsoletos os métodos existentes até então na condução de um conflito bélico. Em outras palavras, simboliza metamorfoses na composição das Forças, novos procedimentos de batalha e uma desproporção, tanto numérica quanto do emprego de materiais bélicos, impactando nos resultados e desempenhos dos confrontos. Contudo, sobre este aspecto é importante se ater que o termo “revolução” é muito difundido e pouco compreendido e aplicado em seu significado como um todo, além de muito mais usado que definido rigorosamente (ECHEVARRIA II, 2014, METZ, 2008, SHIMKO, 2010, VAN CREVELD, 2011, MCKERCKER, 1996, OSINGA, 2021).

Ainda neste cenário, para abranger e incorporar as inferências e pressuposições de uma nova RAM e potencializar sua competência, é crucial, primeiro, aferir e compreender seu propósito e natureza. Este fato – identificar seu caráter e elementos centrais – fornecerá o auxílio aos formuladores de políticas e tomadores de decisão a executar e explorar o potencial de tal revolução para o campo de batalha. Desse modo, uma RAM pode servir a vários propósitos e finalidades, podendo ser internos ou externos. Mas também, ser compreendida como um desenvolvimento de adaptação às mudanças contínuas ou um modo de ser um catalisador de novas tecnologias. Assim, combina tecnologias militares e outras não oriundas do meio militar com a finalidade de melhor equipar as Forças Armadas. Relacionando com a Guerra do Golfo, a demanda das Forças Armadas dos Estados Unidos, moldou uma conflagração tecno-militar por tecnologias e estruturas que aumentassem e melhorassem a sua eficiência e eficácia no combate¹²⁵. Dessa maneira, corrobora-se de maneira mais nítida a relação existente entre o desenvolvimento tecnológico e finalidades bélicas (MCKERCKER, 1996, p.173-175).

O conceito de revoluções militares não é algo novo, sendo as transformações derivadas a partir da Guerra do Golfo, um episódio que compõe parte importante destas alterações¹²⁶. Mudanças tecnológicas não acarretam, inconscientemente, em uma RAM, mas

¹²⁴ Também conhecida como RMA: A Revolution in Military Affairs, nas palavras de Mckercker (1996, p.175).

Dependendo da óptica, encontra-se como Revolução Militar e Tecnológica ou Revolução tecno-militar, que embora possam vir a ser parecidos, não são sinônimos em sua universalidade.

¹²⁵ Ver BROOKS e STANLEY (2007), GRAY (2007), MILLET *et al* (1986, 2010).

O autor analisa que usando a taxonomia de fricção de Watts (2004) como uma ferramenta analítica, argumenta-se que, embora estas armas e todo o avanço tecnológico tenham o potencial de tornar a fricção resultante das limitações humanas, mais fluída, mas não eliminá-las, provavelmente ampliarão a incerteza informacional e a escalada não intencional (GARDNER, 2021, p.86).

¹²⁶ “Para entender por que muitos viram a Guerra do Golfo de 1991 como o ponto de virada crítico nessa transição, imagine o vídeo dos F-117 atacando alvos no centro de Bagdá na primeira noite da

desenvolve um ambiente oportuno para que esta seja desenvolvida. Novos armamentos bélicos e tecnologias militares precisam ser orientadas por uma Doutrina Militar, se guiando pela Estratégia Militar também, além de uma reforma organizacional para que a competência, habilitação e realização enquanto uma Revolução seja atingida. Assim, o destaque de uma mudança nem sempre se confere suficiente para ser taxada ou qualificada como uma RMA. Por fim, o uso do termo revolução, neste contexto, é facilmente justaposto à evolução, o que transmite uma sensação de gradualismo (SHIMKO, 2010, p.20).

A mudança promovida, a partir da 1ª Guerra do Golfo, que de acordo com Van Creveld (2011, p.160), seria uma Revolução dos Assuntos Militares (RAM), embora não seja algo pacificado pela literatura¹²⁷, introduziu capacidades de ataque de precisão e tecnologias de informação correlacionadas¹²⁸. Além de ter como objetivo aperfeiçoar a primeira gramática da guerra, esta que é a derrota do inimigo, a destruição da sua capacidade de combate, e a imposição da vontade do vitorioso. Sobre esta relevância para a temática tecno-militar, o general William DePuy¹²⁹ é enfático ao afirmar que após o confronto, houve um emergente e distinto estilo americano de guerrear¹³⁰, formado essencialmente em conjunto¹³¹, aproveitando as capacidades únicas de cada serviço por meio de planejamento centralizado e execução descentralizada, onde a tecnologia bélica, tem um papel de destaque (ECHEVARRIA II, 2014, p.16-17, passim).

“Questões sobre RMA contemporâneo não podem ser tão facilmente dissociadas de políticas e preocupações políticas. Mesmo o olhar mais superficial para os jornais militares revela quão profundamente os debates sobre RMA estão enredados em lutas sobre o futuro da política de defesa

guerra, junto com imagens de bombardeios aliados em Hamburgo ou Tóquio durante a Segunda Guerra Mundial” (SHIMKO, 2010, p.10) (tradução nossa).

¹²⁷ Ver SHIMKO, 2010.

¹²⁸ A aparente facilidade com que a coalizão liderada pelos Estados Unidos derrotou o Iraque durante a Guerra do Golfo fez com que muitos observadores americanos e de outros lugares concluíssem que a revolução da informação estava provocando uma nova Revolução nos Assuntos Militares. Sobre esta tecnologia, como o GPS e *Blue Force Tracking*, acreditava-se que de fato estavam possibilitando alterações fundamentais no desenrolar, condução do conflito e no modo de guerrear das Forças Armadas dos Estados Unidos, além de mudanças revolucionárias. Isso revela como as crenças no seu uso e invenções eram altas e precisavam ser revistas. A revolução nos assuntos militares fora impulsionada pela tecnologia da informação, a era da informação, esta que não substitui a existência da fricção, visto que a guerra na prática difere da guerra na teoria (MAHNKEN, 2014, p.346; GARDNER, 2021, p.86-8,7; ECHEVARRIA II, 2014, p.31).

“A proliferação de armas de precisão e informação tecnológica são a chave para a inovação doutrinária” (OSINGA, 2021, p.7) (tradução nossa).

¹²⁹ Primeiro comandante do TRADOC (*United States Army Training and Doctrine Command*)

¹³⁰ As interpretações sobre o estilo de guerrear dos Estados Unidos mudam não apenas com novas ideias sobre o confronto armado, em si, mas também com a introdução de novas armas.

¹³¹ Neste período, ocorreu um aumento das considerações e conjecturas sobre uma revolução nos assuntos militares (RMA) baseada na união de ataques de precisão e tecnologias de informação. Essa revolução militar tornou-se associada a uma nova maneira americana de travar a guerra, como visto no Golfo Pérsico.

americana, que inevitavelmente envolve competição por prioridades e recursos. [...] Todos concordam que as RMAs são caracterizadas por mudanças significativas na condução da guerra. Quaisquer que sejam as mudanças na tecnologia, doutrina e/ou organizações militares, se elas não alterem significativamente a forma como as guerras são travadas, não há RMA. Como resultado, as reivindicações de um RMA devem ser avaliadas ou testadas antes de mais nada contra as realidades da guerra. Para uma RMA contemporânea, qualquer avaliação deve começar com a Guerra do Iraque de 1991”. (SHIMKO, 2010, p.21-22) (tradução nossa).

Ademais, as forças da coalizão, de acordo com Watts (2004, p.23) utilizaram grande parcela dos sistemas militares, tecnologicamente, mais avançados que existiam, incluindo comunicações por satélite e armas de alta letalidade e guiadas com precisão - por exemplo, bombas guiadas a laser *Paveway III* e o Míssil de Ataque Terrestre Tomahawk (TLAM) - e aeronave observável (F-117)¹³². A respeito dessa evolução militar, a Guerra do Golfo¹³³ caracterizou a transição entre as fases embrionárias e imaturas da revolução dos ataques de precisão, com destaque a combinação da furtiva aeronave F-117 *Nighthawk*¹³⁴ e PGMs¹³⁵, que permitiram uma eficácia extremamente alta por parte das Forças Armadas dos Estados Unidos. Sobre estes equipamentos, eles eram aptos a operar, de maneira quase imperceptível no espaço aéreo iraquiano, possibilitando ataques estratégicos contra alvos, centros de comando e sistemas de radar¹³⁶.

Ademais, sobre os PGM's¹³⁷, estes proporcionaram um acréscimo tanto na intensidade da letalidade quanto na capacidade dos ataques aéreos. Outro ponto é que essa ação permite uma melhor relação e coordenação ar-terra para a conquista do terreno. A operação Tempestade no Deserto representa, um primeiro momento no confronto bélico, em que a campanha terrestre apareceu para apoiar a campanha aérea, e não o contrário, o que foi algo

¹³² “No confronto, B-52s da Força Aérea lançaram ataques com mísseis de cruzeiro, aeronaves furtivas F-117A Nighthawk atacaram alvos em Bagdá e navios da Marinha lançaram mísseis Tomahawk Land Attack Cruise (TLAMs) em vários alvos no Iraque” (METZ, 2008, p. 53) (tradução nossa).

Ver WATTS (2004, p.23) e ECHEVARRIA II (2014, p.171)

¹³³ Michael Ignatieff – acadêmico e político canadense renomado - conectou a RMA e o estilo americano de guerra diretamente, alegando que a Tempestade no Deserto havia demonstrado “até que ponto o RMA havia transformado o modo de guerra americano (Ibid., p.25; SHIMKO, 2010, p.22) (tradução nossa).

¹³⁴ Lockheed F-117 Nighthawk é um caça-bombardeiro furtivo operado pela Força Aérea dos Estados Unidos.

¹³⁵ Precision-guided munitions.

¹³⁶ OSINGA, 2021, p.7

¹³⁷ “Os PGMs também melhoraram muito a letalidade dos ataques ar-solo, pois agora um caça pode atacar vários alvos em uma missão, incluindo tanques escavados e artilharia. O impacto na guerra terrestre foi enorme: unidades terrestres iraquianas foram dizimadas do ar e estradas e pontes que levavam ao Kuwait foram interditadas, isolando as forças iraquianas e destruindo às vezes mais de 50% dos blindados e equipamentos de artilharia iraquianos” (OSINGA, 2021, p.7) (tradução nossa).

muito significativo (WALDMAN, 2010, p.350; MAHNKEN e MAIOLO, 2014, p.346; SHIMKO, 2010, p.80).

Como observado, a RMA corresponde, em sua gênese, ao desenvolvimento de novas formas que permitam a aplicação de capacidades tecnológicas de maneiras revolucionárias, no campo de batalha. A elevada preocupação com armamento de alta tecnologia, foi importante para o resultado do conflito, contudo possibilitou compreender apenas uma parcela do todo, sendo superestimado. A crença desmedida e superestimada do uso e efeito da tecnologia, no teatro de operações, com base na convicção na década de 90 e início dos anos 2000, se transformou em um empecilho para a análise deste tema (ECHEVARRIA II, 2014, p. 30-31).

“A nova forma de guerra que surgiu naquela época tornou-se quase inseparável da agenda de transformação das Forças Armadas dos EUA e, como resultado, os sucessos e fracassos das campanhas da coalizão no campo foram frequentemente atribuídos à solidez dessa agenda e à validade dos princípios que sustentavam a RMA. O novo modo de guerra americano era, em essência, a RMA em ação” (ECHEVARRIA II, 2014, p.36).

Com base nesta perspectiva, nas últimas décadas foi proclamada uma profunda alteração militar, com base na tecnologia, tendo como seus proponentes mais extremos acreditando que removeria a fricção e a incerteza, que não foi o que ocorreu. A tecnologia influencia na expansão da eficácia e eficiência das Forças Armadas que comandam as operações e intervenções de sistemas modernos, mas não altera, por completo, o sistema em si¹³⁸. Assim, observa-se que houve alterações tecno-militares e que a Guerra do Golfo foi um momento importante para esse fator, centrada no impacto das novas tecnologias, embora não decisivo em sua totalidade. Em outras palavras, mesmo com o surpreendente da Guerra do Golfo, com o uso de tecnologias, isso não evidencia tampouco comprova a existência de uma completa Revolução (RAM). Este fato apenas postula que alterações estão em curso e devem ser aprimoradas e analisadas, para um melhor uso e eficácia (SHIMKO, 2010, p.79).

4.2.2 Tecnologia e fricção: a campanha aérea do conflito

Em 17 de janeiro de 1991, iniciou-se a Operação Tempestade no Deserto, com objetivos políticos e militares melhor determinados e encaminhados, após a Operação Escudo no Deserto, esta que tinha um caráter mais logístico e diplomático. A operação ofensiva era dividida em quatro fases, dos quais dois eram de campanhas aéreas¹³⁹, ressaltando a

¹³⁸ SHIMKO, 2010, p.19

¹³⁹ Fase I – Campanha Aérea Estratégica contra o Iraque
Fase II – Campanha Aérea do Kuwait, contra as unidades aéreas iraquianas no Kuwait

importância do poder aéreo para o desenrolar deste pronto. O poderio aéreo começou a definir uma nova imagem da guerra e do seu modo de combate, renunciando uma profunda evolução em termos militares¹⁴⁰.

Assim, uma das consequências dos avanços tecno-militares do desenrolar da Guerra do Golfo¹⁴¹ foi no poder aéreo dos Estados Unidos, este que teve um crescimento e investimento quanto à sua eficácia¹⁴². Neste contexto, a expansão das capacidades do poder aéreo fora notória, assim como dos seus conceitos e doutrinas, como aponta o revisional bibliográfico¹⁴³, adaptando o novo modo de se guerrear para as Forças Armadas do Estados Unidos.

Contudo, apesar dessa expansão das capacidades do poder aéreo e devoção à tecnologia, houve uma minimização acerca da fricção e dos seus pormenores¹⁴⁴, como descrito na seção anterior, devido à forte crença na tecnologia de combate e nas mudanças científicas agora implementadas, de um novo modo, no teatro de operações e maneira de se enfrentar uma batalha. Após esta breve introdução e retomando ao estudo de caso, a respeito do uso tecnológico no campo de batalha e à fricção, é importante ressaltar que, por parte das forças iraquianas também houve o emprego bélico.

A fase aérea foi crucial para o desenrolar da Operação Tempestade no Deserto, tendo, um papel central para a campanha militar, em virtude de terem aniquilado, significativa, parcela das forças aéreas iraquianas, atacaram alvos militares e terem atingindo superioridade aérea logo no desenrolar do primeiro dia. Desse modo, o poder aéreo foi importante para neutralizar a incursão do Iraque na Arábia Saudita, a batalha de al-Khafiji, no final de janeiro de 1991 (METZ, 2008, p. 53).

“Para a Força Aérea, a Tempestade no Deserto mostrou que o poder aéreo pode ser decisivo no campo de batalha: a razão pela qual a campanha terrestre durou cem horas não foi por causa da proeza do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais, mas porque os ataques aéreos destruíram os iraquianos fisicamente e psicologicamente. [...] O impressionante desempenho do poder aéreo da coalizão simboliza tanto a maturidade do poder aéreo quanto sua posição dominante na guerra do final do século XX” (METZ, 2008, p. 62) (tradução nossa).

¹⁴⁰ OSINGA, 2021, p.7

¹⁴¹ “No Iraque, os Estados Unidos enfrentaram um oponente “que tinha sido um amigo constante e beneficiário dos soviéticos, cuja máquina militar foi modelada no estilo soviético de comando e doutrina tática, e que foi equipada de forma esmagadora com os produtos da tecnologia soviética”. (SHIMKO, 2010, p.89)

¹⁴² ECHEVARRIA II, 2014, p.25

¹⁴³ SCHULTZ e PFALTZGRAFF, 1992; PAPE, 1992; OSINGA, 2021

¹⁴⁴ Mesmo estes sendo atributos inalienáveis à essência e natureza do conflito bélico.

Como observado, o intuito não é contestar os resultados das operações, mas revelar que apesar de todo emprego tecnológico, a fricção continuou sendo um elemento imprescindível no campo de batalha. Sobre os dados numéricos, os integrantes da Coalizão juntamente com os Estados Unidos mobilizaram, em torno de, 680 mil soldados, 3 mil veículos blindados, 2 mil aeronaves e 100 navios de guerra, contra 336 mil homens liderados por Saddam Hussein e nove mil blindados¹⁴⁵. Assim, não se deve concluir que as Forças lideradas por Saddam Hussein, o quarto maior exército do mundo e sexta maior força aérea¹⁴⁶, foram indiferentes perante o elevado emprego tecnológico da Coalizão¹⁴⁷. Apesar da supremacia da Coalizão capitaneada pelos Estados Unidos, tanto no ar quanto na terra¹⁴⁸, análises mais detalhadas dos combates, com destaque à Operação Tempestade no Deserto, apontam que uma significativa porcentagem dos militares iraquianos enfrentou o oponente.

Ainda em termos quantitativos, entre 150 mil a 200 mil soldados desertaram durante a campanha aérea¹⁴⁹, enquanto 80 mil se renderam no início da ofensiva terrestre. Mas, mesmo com estes números, entre 250 mil a 275 mil lutaram contra as forças lideradas pelos Estados Unidos. Assim, é importante ressaltar que apesar do grosso das forças terem desertado durante a fase dos ataques aéreos ou terem se rendido posteriormente ao avanço da Coalizão, como abordado anteriormente, algumas divisões blindadas iraquianas que se localizavam na retaguarda e a maior parte das unidades da Guarda Republicana¹⁵⁰ alojadas ao sul moveram-se e lutaram com destemor contra as forças comandadas pelos Estados Unidos (ALVES, 2010, p.200; POLLACK, 2004, p.266).

Ademais, é crucial compreender sobre os *Scuds*, mísseis que possuem uma carga explosiva, tendo um impacto de curto a médio alcance, com a capacidade de atingir um alvo, em torno de 300 km de distância. No início de fevereiro de 1991, o poder aéreo dos países da Coalizão estava isolando e destruindo as forças terrestres iraquianas. Mesmo assim, apesar

¹⁴⁵ ECHEVARRIA II, 2014, p.172

¹⁴⁶ Ver ALVES (2010); SCALES (1994); POLLACK (2004), SHIMKO (2010).

¹⁴⁷ “Quase um terço das forças terrestres iraquianas foram destruídas ou tornaram-se ineficazes em combate durante a fase aérea, mas não havia nenhuma evidência real de que a paralisia estratégica havia sido alcançada” (ECHEVARRIA II, 2014, p.171) (tradução nossa).

¹⁴⁸ “A Operação Tempestade no Deserto refletiu as influências divergentes das teorias contemporâneas do poder aéreo e do poder terrestre. [...] Em contraste, a teoria do poder terrestre basicamente abraçou os princípios da Batalha Aérea, que sustentava que a chave para o sucesso militar viria de uma manobra ar-terra coordenada que obrigasse o inimigo a recuar ou seria destruído (ECHEVARRIA II, 2014, p.171) (tradução nossa).

Mahnken e Maiolo (2014, p.346) argumentam que o contraste entre as expectativas pré-guerra de uma luta sangrenta e a realidade do colapso iraquiano em tempo de guerra pareceu a muitos indicar uma transformação na guerra.

¹⁴⁹ As forças da coalizão esmagaram as forças aéreas iraquianas e ganharam superioridade aérea no primeiro dia da campanha aérea da Operação Tempestade no Deserto (METZ, 2008, p.27).

¹⁵⁰ Ver GORDON (2010)

desse resultado, obtiveram dificuldades e falharam em encontrar e destruir, prontamente, os lançadores de mísseis móveis *Scud*, assim como os locais que eram apontados como potenciais instalações nucleares (METZ, 2008, p.53).

Um exemplo da sua aplicação na 1ª Guerra do Golfo, foi durante o G-Day, durante a Fase Tempestade no Deserto, em 25 de fevereiro de 1991. Nesta ocasião, mesmo com sistema antiaéreo e antimíssil, um míssil *Scud* atingiu um quartel, onde tropas dos Estados Unidos¹⁵¹ estavam alojados, matando 28 estadunidenses e ferindo outros 97. Este foi um dos momentos em que os iraquianos conseguiram fazer com que houvesse perdas por parte da Coalizão (ALVES, 2010, PATRIOTA, 2010; SCALES, 1993; SCHUBERT e KRAUS, 1998; STEWART, 2010, WATSON *et al*, 1991).

A falha na campanha aérea foi o fracasso em encontrar e destruir os lançadores de mísseis *Scuds* móveis do Iraque e as instalações nucleares. A tecnologia para encontrar alvos pequenos, em movimento ou camuflados não era tão madura quanto a tecnologia para atingi-los depois de encontrados. Isto posto, retoma-se a explicação sobre os *Scuds*, visto que com as devidas proporções, houve o emprego destes mísseis para atacar alvos americanos e israelenses, e com isso implementar a estratégia de trazer Tel-Aviv¹⁵² para o confronto, conseguindo explorar as rivalidades geopolíticas do Oriente Médio¹⁵³ (METZ, 2008, p.27).

Na fase aérea, embora a Coalizão tenha danificado, abruptamente, forças defensivas e ofensivas iraquianas, a destruição e contenção dos mísseis *Scuds* fora considerado muito mais custoso e com dificuldades de ser exercido em comparação com os demais aparatos. Os combatentes liderados por Saddam Hussein possuíam um sistema sólido e eficaz para ocultar os lançadores móveis destes mísseis e disparar com pouco ou nenhum anúncio. A coalizão foi inepta ao tentar impedir os seus disparos, porém conseguiu, após certo período, reduzir as proporções que permitiam uma melhor direção. Isso foi possível após elaborarem um sistema hábil para despachar aeronaves e sistemas antimísseis, rapidamente, para onde os *Scuds* haviam sido disparados.¹⁵⁴ Assim, a fricção oriunda das tripulações e lançadores de mísseis

¹⁵¹ 14º Intendente da Reserva do Exército dos Estados Unidos, de Greensburg, Pensilvânia.

¹⁵² Segundo Schultz e Pfaltzgraff(1992, p. 203) a incerteza do tipo de natureza de uma resposta dos Estados Unidos à ameaça química iraquiana pode ter sido uma variável que dissuadiu o uso dos *Scuds* contra os centros populacionais israelenses, nos primeiros dias da fase área.

¹⁵³ Ver PADOVAN (2010).

¹⁵⁴ A lembrança do *Scuds* foi tão marcante na estratégia americana no Golfo Pérsico, que durante a Guerra do Iraque (2003-2011), o General Franks reconheceu o problema e ameaça ocasionados pelos mísseis *Scuds* iraquianos na guerra de 1991, e se comprometeu a evitar que houvesse algo semelhante. Para isso, visando conter um novo problema acarretado pelos *Scuds*, ele designou Forças Especiais para as áreas do oeste iraquiano que fossem adequadas para o lançamento de mísseis móveis, acreditando que isso seria mais eficaz do que tentar encontrar e destruir sistemas de lançamento reais (METZ, 2008, p.111).

reduziu os disparos em cerca de 80% em relação ao nível dos primeiros dias da guerra da fase aérea da campanha (SCHULTZ e PFALTZGRAFF, 1992, p.75).

Por fim, a respeito do emprego da tecnologia bélica na 1ª Guerra do Golfo, o sucesso tecnológico desacreditou quaisquer planos para atrasar ou abandonar os principais novos sistemas de alta tecnologia, devido ao consenso geral tanto da sociedade civil, quanto dos políticos e militares de que foi através do papel desempenhado pelo desenvolvimento tecnológico que a 1ª Guerra do Golfo teve o menor número de baixas e possibilitou uma rápida resolução do confronto armado. A ampla vantagem tecnológica, por sua vez, também permitia um maior poder de dissuasão, ao revelar que o país estava apto a derrotar quaisquer agressões com relativa facilidade. Nesta época, muitos investimentos e programas militares foram intensificados como o B-2 *Stealth bomber*¹⁵⁵, *Advanced Tactical Fighter*¹⁵⁶, C-17 *transport aircraft*¹⁵⁷, JSTARS¹⁵⁸, e *Army's Tactical Missile System*¹⁵⁹ (ALVES, 2010; METZ, 2008).

4.3 Considerações finais e comentários

A operação Tempestade no Deserto constitui um triunfo militar sem precedentes, orquestrada por militares bem treinados e equipados com armamentos de última geração. Semanas antes do início da campanha aérea, acredita-se, entre os oficiais, que devido ao aparato sofisticado, seria, provavelmente, a guerra com menor fricção que já fora lutada¹⁶⁰. Contudo, não foi isso que ocorreu, como descrito e debatido, ao longo deste texto. Mesmo no nível estratégico da campanha, os generais norte-americanos que instrumentaram a operação encontraram fricção, tanto no planejamento quanto na condução da guerra, não ocorrendo a escassez deste elemento em nenhum nível, seja tático, operacional, estratégico ou mesmo político (ECHEVARRIA II, 2014, p.11; WATTS, 1995, p. 94-105, passim; Id., 2004).

Neste panorama, Schultz e Pfaltzgraff (1992, p. 297) problematizam que a sucessão subsequente de ataques por *Scuds* levantou a sérias questões de credibilidade, que evocaram retratações implícitas em briefings posteriores por parte do Pentágono. Embora o dano tenha sido razoavelmente contido, havia um temor se pudesse causar maiores danos civis, o que soou como um alerta.

¹⁵⁵ *Northrop B-2 Spirit*, conhecido também como *Stealth Bomber*, é um bombardeiro estratégico furtivo utilizado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, tendo sido elaborado com a finalidade de transpor densas defesas antiaéreas sem ser identificado nem descoberto.

¹⁵⁶ *Advanced Tactical Fighter* foi um programa aeronáutico, elaborado pela Força Aérea dos Estados Unidos, objetivando desenvolver um caça de superioridade aérea.

¹⁵⁷ C-17 transport aircraft ou Boeing C-17 Globemaster III é um avião de transporte militar projetado nos Estados Unidos, visando servir à Força Aérea do país.

¹⁵⁸ O sistema conjunto de radares de vigilância e ataque ao alvo, em português, (JSTARS) é um projeto orquestrado em conjunto pela Força Aérea dos EUA.

¹⁵⁹ *Army Tactical Missile System* é um míssil superfície fabricado pelos Estados Unidos.

¹⁶⁰ “É, provavelmente, a guerra, com a menor atuação do elemento fricção, já lutada (WATTS, 1995, p.94) (tradução nossa).

No teatro de operações, os militares americanos e aliados conquistaram, em 100 horas de combates aéreos, em fevereiro de 1991, a vitória mais rápida da História das Forças Armadas dos Estados Unidos. Entretanto, o que chama atenção, além da agilidade da ofensiva, é o pequeno número de baixas nas tropas da coalizão, 240 mortos, em batalha, sendo 148 estadunidenses, em um cenário de mais de 700 mil homens atuando. Esta proporção de vidas e combatentes não encontra semelhantes na História Militar (ALVES, 2010; SHIMKO, 2010; STEWART, 2010).

A Guerra do Golfo (1990-91), devido ao uso tecnológico associado a finalidades bélicas, foi considerado como um tipo de protótipo do futuro da guerra interestatal. Ademais, correlacionando aos Estados Unidos, demonstrou além do seu poderio militar, mas também moldou os debates sobre a política externa e política de defesa do país, assim como o futuro do confronto armado em geral. (SHIMKO, 2010, p.89) Desse modo, ao correlacionar a Guerra com a transformação do Exército dos Estados Unidos, corrobora as seguintes análises:

“O exemplo desses quatro cavaleiros do 2º Esquadrão, 2º Regimento de Cavalaria Blindada, na Batalha de *73 Easting* ilustra dramaticamente a transformação do Exército Americano de desilusão e angústia no Vietnã para confiança e vitória certa na Tempestade no Deserto. Apenas 100 horas de combate terrestre foram necessárias para o Exército se restabelecer de forma convincente como uma força de combate terrestre bem-sucedida. Durante esse breve período, as forças mecanizadas moveram mais poder de combate mais rápido e mais longe do que qualquer força semelhante na História. [...] Como parte da Coalizão, o Exército Americano derrotou decisivamente o quarto maior exército de campo do mundo. Fê-lo com o menor custo em vidas humanas já registrado para um conflito de tal magnitude. [...] A vitória de 100 horas foi ainda mais extraordinária porque o Exército americano raramente se saiu muito bem nas batalhas iniciais das guerras anteriores. O desdém tradicional dos Estados Unidos por grandes exércitos permanentes geralmente leva a uma rápida desmobilização no final de uma grande guerra” (SCALES, 1994, p.5) (tradução nossa).

Sobre o emprego de tecnologia, o desenvolvimento científico nos armamentos bélicos (sistema de armas, munições, armamentos, navegação terrestre...), associado ao preparo e ao treinamento das tropas, foi crucial para o desempenho das fases e campanhas da Guerra, além de conferir maior capacidade mortífera e de resposta. Com a ajuda de sistemas de reconhecimento que empregam tecnologia de ponta, de armas de precisão e de sistemas avançados de comunicações, unidades relativamente pequenas podiam exercer maior letalidade em um tempo de combate menor. Ademais, a confiança exagerada no progresso tecnológico, provocando erros de avaliação do inimigo e de conjuntura, atrelada a uma convicção no aparato militar, ocasionou equívocos e confusões na estratégia, além de intensificar os casos de fricção no teatro de operações. Tecnologias, no âmbito militar, por

mais que sejam úteis, e cada vez mais fatais, também apresentam falhas e mau funcionamento em suas estruturas. Assim, as mudanças científicas persistem, o que corrobora que não é possível pensar em ciência e guerra de modo separado (GORDON, 2010, p. 655; PARET, 2001, p.23).

Neste sentido, percebe-se como a fricção é um elemento imprescindível no campo de batalha, no século XIX, e continua sendo atual e fulcral nos confrontos do final do século XX. Ainda se encontra latente nas guerras¹⁶¹, sendo um integrante que molda os resultados e impacta no desempenho e efetividade militar dos confrontos, mesmo com o desenvolvimento tecnológico atuando no campo de batalha em uma proporção inédita, como o estudo de caso analisa¹⁶². Gray (2010, p.25) enuncia que a teoria da guerra de Clausewitz oferece ideias preponderantes de que a guerra tem uma atmosfera permanente e única e que toda a guerra é perturbada pela fricção.

Em outras palavras, a imprevisibilidade, o caos, as dificuldades se manifestam em qualquer ambiente do escopo da guerra, o que corrobora para afirmar que os meios tecnológicos, por mais desenvolvidos que sejam, não são aptos a conter e eliminar¹⁶³, em sua totalidade, a fricção. É inegável que uma ampla gama de novas tecnologias e armamentos trouxe alterações para o campo de batalha. Contudo, neste cenário, percebe-se além da continuidade do pensamento clausewitziano, com a análise e perpetuação da fricção, momentos ímpares na História Militar, caracterizando o início de uma profunda alteração nos estudos de Defesa. Por fim, após o recorrido, compreende-se a relevância de estudos na área, de acordo com Paret (2001, p.24): “o fenômeno da guerra pode ser mais bem entendido pelo estudo de seu passado. Mas, a história da guerra deve também ser estudada para se entender o próprio passado.”

Logo, dessa maneira, o proposto por este capítulo fora analisar o emprego da tecnologia bélica na 1ª Guerra do Golfo (1990-91), dentro do escopo da fricção, abordada na primeira parte. Para isso, recorreu-se ao levantamento e revisão bibliográfica e o uso de

¹⁶¹ Segundo Strachan (2008, p.138): “uma guerra não era um golpe único e bem definido, mas uma sucessão de atos espalhados no tempo pela mobilização de recursos, pelos efeitos do espaço e suas consequências para a concentração e pelas possíveis contribuições dos aliados.” Em suma, a constância histórica da fricção preconiza que sua definição pode representar muito mais do que uma característica contingente da guerra terrestre durante as Guerras Napoleônicas.

¹⁶² Shimko (2010, p.25) aborda que os avanços na coleta e disseminação de inteligência foram um longo caminho para dissipar a névoa da guerra. A orientação por laser e satélite permitiu aos Estados Unidos restringir o alcance dos danos colaterais, garantindo ao mesmo tempo que os alvos fossem atingidos com alto grau de certeza e precisão.

¹⁶³ “Em qualquer guerra, a fricção nunca pode ser eliminada e, com ela, o risco que todo conflito acarreta.” (COKER, 2017, p.100) (tradução nossa)
“Embora as armas autônomas possam reduzir os custos de uma guerra, elas não eliminam o atrito” (GARDNER, 2021, p.88) (tradução nossa).

exemplos concretos que aconteceram no teatro de operações das campanhas, dentro do estudo de caso. Assim, estes procedimentos de pesquisa, uma vez combinados, possibilitaram uma descrição e investigação do conceito de fricção, que foi observado, de maneira atenta e crítica, possibilitando uma análise entre a teoria e a realidade¹⁶⁴. Após o embasamento do referencial teórico, Da Guerra, e da interpretação das operações Escudo no Deserto (1990) e Tempestade no Deserto (1991), observou-se que apesar do sucesso das batalhas e do uso de artefatos tecnológicos, em um nível surpreendente, aconteceu fricção, revelando que toda guerra apresenta este fenômeno, a despeito de todo o aparato, evolução e inovação bélica empregada e resultados alcançados. Apesar do sucesso militar e de todo arsenal tecnológico, os Estados Unidos enfrentaram situações de fricção nas areias desérticas do Golfo Pérsico.

¹⁶⁴ Assim, uma investigação e análise, por menor, da Tempestade no Deserto sugere que os impedimentos de fricção experimentados pelo lado vencedor não eram muito diferentes em escopo ou magnitude do que visto em conflitos armados anteriores, como o lado alemão na 2ª Guerra Mundial (SHIMKO, 2010, p.25; WATTS, 2004, p.2).

5 ESTUDO DE CASO: A 1ª GUERRA DO GOLFO (1990-91)

Após a discussão sobre o pensamento de Clausewitz, desde a compreensão sobre os elementos componentes da sua teoria até a sua imprescindível contribuição para a Estratégia Militar¹⁶⁵, a presente dissertação se propõe a trabalhar, neste capítulo, com um estudo de caso¹⁶⁶ único, de modo mais pormenorizado, sobre a 1ª Guerra do Golfo (1990-91). Vale acrescentar que o período histórico em que esta guerra se desenvolveu, foi descrito por características muito singulares, especialmente, pelo fato de que apesar de estar emergindo no momento pós-Guerra Fria, a paz não reinara absoluta em todo mundo. Outro aspecto, já debatido no capítulo I, diz respeito, a narrativa que postula dois tipos de guerra, “novo” e “velho”, esta sendo cunhada como as lutas entre Estados e suas Forças Armadas regulares. Dentro desta visão, a 1ª Guerra do Golfo seria um exemplo clássico deste tipo de guerra. Contudo, mesmo com o passar dos anos, percebe-se que guerras interestatais continuam em voga, anualmente, não podendo ser entendidas como algo obsoleto, como muitos críticos e debatedores pontuam. Assim, o contexto histórico pode até ter sido alterado, com a proeminência de uma nova era, mas os Estados continuam lutando entre si, o que mostra, mais uma vez, que o sistema explicativo do pensamento de Clausewitz é atual e relevante, sendo aplicado até hoje (MAHNKEN E MIOLO, 2014; STRACHAN, 2008; GRAY, 2007, p. 225-227, passim).

Sobre o recorte historiográfico, a 1ª Guerra do Golfo evidencia uma característica marcante dos confrontos do século XX, embates entre Estados, onde a questão de superioridade militar faria toda a diferença no espectro tático da guerra. Neste ensejo, Scales (1994, p.359-361, passim) argumenta que os militares da Coalizão, no teatro de operações, durante o Escudo do Deserto e as decisivas operações aéreas e terrestres conjuntas apresentaram, mais uma vez, que oponentes são derrotados, em sua totalidade, com afincos por

¹⁶⁵ “Vários dos conceitos que Clausewitz introduz em Da Guerra são centrais para o estudo da Estratégia. Estes incluem a Trindade, a necessidade de entender a natureza de uma guerra, a diferença entre guerras limitadas e ilimitadas, o cálculo racional da guerra e o atrito, entre outros” (MAHNKEN, 2013, p.66) (tradução nossa).

¹⁶⁶ “Os historiadores que favorecem essa abordagem muito específica de “estudo de caso” para a identificação das causas da guerra tendem a acreditar que, uma vez que cada guerra é um evento único com causas únicas, as causas da guerra são tão numerosas quanto o número de guerras” (MAHNKEN, 2013, p.23) (tradução nossa).

“Cada guerra é única porque as variáveis que influenciam a condução da guerra, como o ambiente estratégico, a tecnologia e os fatores globais do METT-T, mudam continuamente” (SCALES, 1994, p.360) (tradução nossa).

METT-T é um termo usado pelos militares dos Estados Unidos que significa missão, inimigo, terreno, tropas disponíveis, tempo e considerações civis. Estes termos são os pontos cruciais que os militares devem adotar no planejamento das operações.

uma ação terrestre decisiva. No entanto, o êxito de qualquer manobra depende e submete-se à capacidade das forças terrestres, navais e aéreas de tornar as condições tão favoráveis quanto possível para os militares do combate terrestre. Portanto, ao que tange à teoria da guerra, as fases Escudo do Deserto e a Tempestade no Deserto revelaram que o Exército dos Estados Unidos se adaptou efetivamente ao caráter evolutivo da guerra americana.

5.1 Considerações a partir da História Estratégica

Segundo Paret (2001, p.10) “a História jamais nos dirá como agir, mas ela é pródiga em casos dos quais podemos tirar ideias e receitas preventivas. Para a consecução de uma paz durável, devemos compreender com clareza o papel desempenhado pela força armada na sociedade internacional.” A guerra é considerada como um dos fenômenos de maior influência e ingerência ao curso da História da Humanidade, ao longo dos séculos, tendo moldado grande parcela das instituições, Estados, política, Relações Internacionais, além de ter contribuído, consideravelmente, para o desenvolvimento contínuo do campo das Ciências Militares. Com base nesta breve elucidação, o presente trabalho utiliza como método de investigação a História Estratégica, que servirá ao estudo de caso, como sendo o viés para análise da 1ª Guerra do Golfo (1990-91). Segundo Gray (2007), a História Estratégica se configura como sendo a história da influência do uso e ameaça da força, retomando muito da conceituação e compreensão central do que é Estratégia. Palavra esta que juntamente com o seu o adjetivo - estratégico - são, muitas vezes, mal utilizados e interpretados, tendo uma aplicação muito ampla, enviesando o que, realmente, almejam dizer. Vale ressaltar que com base na leitura de Clausewitz, a Estratégia se refere ao uso da força e a ameaça da força com finalidades políticas, como apresentado ao longo deste trabalho investigativo. Outro aspecto é que a perspectiva estratégica¹⁶⁷ fornece uma unidade de interpretação e oferece uma explicação mais persuasiva do que aconteceu, por que e com quais consequências (GRAY, 2007, 1999).

“A História – como memória organizada do que ocorreu no passado – é um recurso que não deve ser levemente desprezado. Nos negócios de uma nação e nas relações entre Estados, tal como na vida de um indivíduo, o presente sempre possui uma dimensão passada, que é melhor reconhecer do que ignorar ou negar. [...] Ainda temos à nossa disposição o que pode ser o maior valor que a História pode oferecer: sua aptidão para nos auxiliar a pensar sobre o presente e o futuro, esclarecendo e

¹⁶⁷ “Todos reconhecem que a guerra nunca foi – e não é – um fenômeno unitário ou mesmo inteiramente militar, mas sim uma composição de muitos elementos, que vão da política à tecnologia e às emoções humanas sob extrema tensão. A Estratégia é apenas um desses elementos” (PARET, 2001, p.10).

extraindo um sentido do passado. [...] O fenômeno da guerra pode ser mais bem entendido pelo estudo do seu passado. [...] Mas, a história da guerra deve também ser estudada para se entender o próprio passado. [...] Embora dificilmente possam negar que a guerra tem sido uma realidade fundamental da existência social e política, desde o mais remoto estágio da organização política até nossos dias, ela é tão trágica e tão perturbadora em termos intelectuais e emocionais que eles tendem a evitá-la em suas pesquisas.” (PARET, 2001, p.24).

Assim, este campo de estudo apresenta uma expoente narrativa que serve para explicitar o curso dos eventos bélicos, tendo como contexto e temas o político, sociocultural, econômico, tecnológico, militar-tecnológico, geográfico e histórico, todos que em algum grau estarão presentes nesta análise. Neste âmbito, a guerra e toda a sua condução não é mais do que um instrumento de decisões políticas, o que faz com que a História Estratégica seja compreendida em conjunto à História Política. Por isso, esta exposição e análise atribuem tamanha preponderância aos vários contextos imprescindíveis da guerra. Por fim, Gray (1999, p.185) apresenta que a História Estratégica do século XX sugere que as sementes dos grandes conflitos foram semeadas no passado. Assim, com base nesta definição, se fez ainda mais relevante o seu uso nesta pesquisa, visto os antecedentes, resultados e desdobramentos da 1ª Guerra do Golfo (1990-91) no campo político-estratégico, especialmente, após o cessar-fogo, e como modificou a presença americana no Golfo Pérsico (GRAY, 2007, 1999).

Outrossim, a História Estratégica concerne-se a uma concepção e perspectiva da História, nesta ocorrência do século XX, que se centraliza nos empenhos e diligências para testificar fins políticos por meio da ameaça ou uso da força. Desta maneira, é um campo cíclico, especialmente, ao observar os últimos duzentos anos de confrontos bélicos, mas, ao mesmo tempo, possui sua trajetória, muitas vezes, não-linear, visando abranger contextos múltiplos, onde a influência e correlação de vários aspectos e componentes se trata de maneira simultânea. Neste sentido, Gray (1999, p.362) também pontua o seu caráter dinâmico e ao mesmo tempo, caleidoscópico em suas formas, e enfatiza que este campo do saber não é normativamente progressivo. “A História Estratégica Moderna se desenvolveu como um único fluxo de experiência contínua, mas não produz um único significado dominante. Ela se desenrola em um processo contínuo, embora muitas vezes desconcertante, de múltiplas causas e muitos efeitos” (GRAY, 1999, p.184-185) (tradução nossa). Assim, como abordado nos tópicos e temas desta área, o contexto sociocultural, assim como o histórico e geográfico, tem um desempenho importante ao observar o itinerário e escopo de atuação. Sobre o aspecto histórico, este possui uma atribuição basilar ao observar e tecer lições para o futuro, vinculando a relação entre passado e futuro (GRAY, 2007, 1999).

“A História Estratégica é feita dentro de um contexto sociocultural. O desempenho estratégico geralmente traz um rótulo com o nome de seu criador. Os Estados e suas sociedades abordam questões estratégicas e se comportam militarmente de maneiras moldadas por seus valores e crenças predominantes. Esses valores e crenças evoluirão com o tempo, mas fornecem um contexto sociocultural definido dentro do qual políticas e estratégias devem ser feitas. [...] Toda História Estratégica tem um contexto geográfico. Nós, humanos, vivemos na geografia, somos apegados à nossa geografia natal e, às vezes, cobizamos a geografia de outras pessoas. Especialmente em suas conexões políticas e estratégicas, a geografia desempenha um papel importante na história aqui contada e analisada. O contexto geopolítico, ou seja, o significado político das relações espaciais, não poderia deixar de fornecer um contexto bastante estável para a história estratégica dos últimos dois séculos. Toda questão estratégica tem, e deve ter, um contexto geopolítico de alguma consequência. [...] Essa corrente e suas implicações desempenham papéis importantes na história estratégica. Os atores humanos discutidos neste livro representam seus papéis em um palco montado em boa parte por grandes forças impessoais, ou mesmo por estruturas, mas a atuação humana é sempre importante. Em outras palavras, para entender como e por que as pessoas se comportam estrategicamente como o fizeram, é essencial localizá-las historicamente. Para cada indivíduo e sua contribuição para a História Estratégica, existe um contexto histórico vinculado a uma cronologia definida.” (GRAY, 2007, p.12) (tradução nossa) (grifos nossos).

Mesmo com todo este refinamento, esmero, relevância e rigor, a literatura especializada sobre este setor se encontra ainda muito escassa, além de ter sua aparição quase sempre exígua, frente à quantidade encontrada de trabalhos de outros ramos da História, como História Diplomática, Econômica e Social. Isto posto, muito se deve ao fato de que apesar da sua relevância, a História Estratégica¹⁶⁸ acaba por ficar entrelaçada e trabalhada na História Geral, sem fronteiras rígidas e fixas separando o estratégico do não-estratégico. Nesta abordagem, vale abordar e apresentar, com mais detalhes, que esta área do conhecimento pode ser desenvolvida a partir da concepção e entendimento dos armamentos utilizados e empregados, sumarizando e condensando as análises táticas, técnicas e logísticas, bem como eficácia e eficiência militar, podendo variar a cada episódio de guerra (GRAY, 2007, 1999; MILLET e MURRAY, 2010).

Muito se deve ao fato de que Estratégia é algo complexo de se compreender, e ainda mais, de se obter êxito, em sua totalidade, ao ser esquadrihada, exemplificada, apontada e programada. Vale ressaltar que embora este cenário perdure, a História Estratégica não tem sua serventia e aplicação diminuída, visto disponibilizar um preceptor sobre o que, para que e por quê tais fenômenos bélicos ocorreram nas Relações Internacionais, fornecendo também

¹⁶⁸ “A História Estratégica moderna pode ser interpretada à luz de teorias distintas que se apoiam em uma ou outra das categorias acima expostas. Por exemplo, as histórias estratégicas podem contar a história do poder aéreo, da guerra limitada, do conflito irregular, da guerra psicológica, da guerra em terra, no deserto ou no Oriente Médio. Essas janelas complementares sobre guerra e estratégia, embora às vezes abstratas e nocionais, são empiricamente fundamentadas” (GRAY, 1999, p.171) (tradução nossa).

explicação e compreensão das relações entre os Estados e governos. De acordo com Gray (2007, p.15): “A História Estratégica oferece um catálogo de horrores da maior diversidade, mas esses eventos terríveis são todos, sem exceção, explicáveis de acordo com uma única teoria de guerra e Estratégia. A teoria disponível é em grande parte produto do soldado prussiano Carl von Clausewitz (1780-1831)”.

Desse modo, a escrita e pensamento desenvolvido por Clausewitz são fundamentais no estudo da História Estratégica, uma vez que o autor proporciona uma estrutura, ao longo do texto, que permite a compreensão dos fenômenos estratégicos no período histórico descrito, se mantendo atual até os dias de hoje. Em outras palavras, Clausewitz conduz e gerencia a História Estratégica, tendo contribuições notáveis tanto no passado, presente, quanto no futuro, especialmente, ao trazer o vínculo entre política e guerra. Após esta breve descrição, a despeito da complexidade dos seus eventos e fenômenos em seus domínios, a História Estratégica é esclarecida, satisfatoriamente, pelas descrições da teoria da guerra de Clausewitz, bem como seus ensinamentos no campo estratégico (GRAY, 2007, 1999).

Isto posto, ideias estratégicas são significativas, uma vez que movimentam e deslocam pessoas e máquinas, sendo consideradas por aconselhar, persuadir, inspirar e convencer tomadores de decisão e formuladores de políticas. Por último, sua exposição atuante interpreta as repercussões, impactos e implicações da intimidação e ameaça do uso de força organizada e politicamente motivada na trajetória dos eventos. Deste modo, o objetivo é narrar e analisar a História dentro do seu componente e dimensão estratégica, observando que há mais elementos que apenas puramente militar, por mais que o fio estratégico seja o mais expressivo e profundo dos vários propulsores das alterações do curso histórico (GRAY, 2007, 1999).

5.2 Antecedentes do conflito: uma perspectiva das Ciências Militares

A decisão de Saddam Hussein de atacar a soberania e integridade territorial de um Estado soberano, o Kuwait, infringiu e violou as normativas da Carta das Nações Unidas. Esta ação culminou na ação dos países, majoritariamente, do hemisfério Ocidental, liderados pelos Estados Unidos, de não permitir que esta agressão ficasse impune. Assim, este episódio foi a causa mais imediata para o enfrentamento direto, somado com o desenvolvimento, tensionamento, desdobramento e acúmulo de outras circunstâncias que já estavam em curso ao longo de pelo menos, um lustro, além de todo o contexto geoestratégico desenvolvido por trás deste cenário.

Isto posto, com base nesta explicação, é importante retomar a alguns episódios históricos antecedentes desta guerra, a saber: Revolução Iraniana (1979), Doutrina Carter (1980) e Guerra Irã-Iraque (1980-88). Desde o término da 2ª Guerra Mundial, por meio de várias doutrinas de política externa do país, o Golfo Pérsico faz parte da esfera de influência dos Estados Unidos. Contudo, desde os Choques do Petróleo, nos anos 1970, somada a deposição do Xá e instauração de uma República Teocrática no Irã, através da Revolução Iraniana, este comportamento começou a apresentar sinais de desgaste, culminando na Doutrina Carter, que passa a entender a localidade como de importância estratégica para Washington, e que em caso de ameaça de forças externas e oponentes, o poderio militar americano seria utilizado para fazer valer seus interesses regionais. Em síntese, as Forças Armadas dos Estados Unidos adquiriram um interesse operacional ativo na localidade após a Revolução Iraniana e todos os seus desdobramentos, como a queda do Xá e ao fato do Irã passar de aliado a inimigo dos Estados Unidos (SCALES, 1994; PADOVAN, 2010, TUCKER, 2010).

Um outro desdobramento regional deste episódio histórico, foi a Guerra Irã-Iraque (1980-88), que tinha como um dos seus principais objetivos conter a expansão fundamentalista xiita para o Iraque. Um ponto importante de entender é que ao perderem um dos seus principais parceiros e bastiões ocidentais no Oriente Médio, o Irã, os Estados Unidos temiam que o regime de Teerã se tornasse um *player* regional relevante e muito forte fazendo frente aos seus interesses na região. Assim, Washington ofertava recursos, por meios obscuros, para Bagdá, visando conter Teerã; mas, ao mesmo tempo, também não queria ter o país governado por Saddam Hussein como uma potência regional forte. A postura dos Estados Unidos era ambígua, caracterizada por forte ambivalência e obscuridade, podendo ser resumida, de forma pragmática, na sentença do Kissinger¹⁶⁹: “pena que não pode haver dois vencedores”. Neste cenário, consecutivos governos dos Estados Unidos sustentavam uma política, no mínimo, benevolente em relação à gestão de Saddam Hussein. De acordo com dados do Instituto de Estudos Estratégicos do *US War College*, o aceno revolucionário de Khomeini representava um anátema tanto para Bagdá quanto para Washington e ambos queriam conter a influência do Aiatolá (PADOVAN, 2010, p.48).

Neste panorama político, a Guerra Irã-Iraque (1980-88), além de ampliar seus campos de operação em vias terrestres, alcançando o meio marítimo, levando à ingerência dos Estados Unidos por meio da operação *Earnest Will*, que será investigado posteriormente, contou com

¹⁶⁹ Henry Kissinger (1923-2023) é um diplomata norte-americano, tendo exercido funções de Secretário de Estado dos governos Nixon e Ford.

o uso de armamentos químicos por parte do Iraque¹⁷⁰. O fato de Saddam Hussein deter armas biológicas e químicas, como gás mostarda¹⁷¹, e equipamentos de artilharia capazes de lançá-los, chamou a atenção de Washington sendo uma das razões e antecedentes que levaram à eclosão da 1ª Guerra do Golfo (1990-91), embora também tenha sido apontado e utilizado como argumento, com mais ênfase, na Guerra do Iraque (2003-2011). (PADOVAN, 2010; SCALES, 1994; TUCKER, 2010).

Dentro deste contexto histórico, no final do confronto armado, ataques iranianos contra os navios do Golfo converteram-se em situações cada vez mais violentas e acentuadas, principalmente, contra navios-tanque petroleiros do Kuwait. Como motivações elencam-se desde o apoio do Emirado a Bagdá, até o intuito de deter o fluxo da rota de petróleo, um dos principais do mundo, que transita pela região do Golfo Pérsico, para debilitar o Iraque e seus aliados. Apoio este que é questionado se ocorreu por meios da diplomacia ou da coerção, uma vez que o Iraque se recusou, por muitos anos, em reconhecer a independência do Kuwait, este que por sua vez, ao longo da sua História, desde antes da 1ª Guerra do Golfo, apresenta sinais de preocupação com investidas expansionistas iraquianas sobre o seu território. Assim, os Estados Unidos, por meio do dispositivo da Doutrina Carter, se manifestaram e atuaram em resposta, irrompendo e culminando na Operação *Earnest Will*, episódio e operação militar ocorrida entre os anos de 1987 a 1988, no contexto da guerra, tendo como objetivo escoltar navios-tanques petroleiros do Kuwait.

Esta ação ocorreu em conjunto, com a alteração da bandeira dos petroleiros e acréscimo no acompanhamento e patrulhamento, que passou a ter apoio de helicópteros. Após este acontecimento que contou com combates navais e plataformas petrolíferas iranianas acometidas pelos Estados Unidos, e inúmeros desdobramentos, Teerã entendeu o contexto político e tabuleiro geopolítico regional inserido e selou o cessar-fogo com o Iraque, após uma guerra mutuamente exaustiva. Nas palavras de Padovan (2010, p.48), devido às hostilidades e enormes desafios e dificuldades impostas, é complexo afirmar quem venceu a guerra, porém, esta guerra foi o início do fim da era de ouro do Iraque e, conseqüentemente, do governo de Saddam Hussein. Um outro aspecto que enfatiza este argumento é que após quase uma década de fortes confrontos armados, o Iraque estava à beira do caos financeiro,

¹⁷⁰ “A comunidade internacional tinha pleno conhecimento de que o Iraque usara armas químicas contra curdos da localidade de Halabja, em março de 1988.[...] Era também de conhecimento público que o Iraque utilizara gás mostarda durante a guerra Irã-Iraque, fato confirmado pelo próprio Secretário-Geral da ONU” (PADOVAN, 2010, p.55-56).

¹⁷¹ O Gás Mostarda é uma arma química que causa lesões cutâneas de alta gravidade, formando vesículas e bolhas nas peles expostas e contaminadas. Também possui alto teor carcinogênico e mutagênico.

com uma dívida externa em torno de US\$100 bilhões e com a antes moderna infraestrutura dizimada. Acrescenta-se a isso o fato de que o país contraía sérias e vultosas dívidas, especialmente, com a Arábia Saudita, e no mercado externo, o preço do petróleo estava baixo, devido a superprodução kuwaitiana, trazendo impactos diretos para a economia do país.

Desse modo, havia uma preocupação latente a respeito do acesso ao petróleo, visto que estes países possuem importantes reservas e são grandes produtores mundiais de petróleo. Este panorama auxiliou na escalada dos conflitos e no fomento a todos os desdobramentos e ressentimentos que já existiam e haviam sido potencializados recentemente. Neste ensejo, em termos históricos e de narrativa, a retórica de que o Kuwait era a 19ª província iraquiana, não passando de um Estado artificial, criado pelo imperialismo inglês, em 1932, para conter o acesso iraquiano às águas do Golfo Pérsico, e, conseqüentemente, maiores bacias petrolíferas, foi intensificado por parte do governo de Saddam Hussein (SCALES, 1994; PADOVAN, 2010; FINLAN, 2003; TUCKER-JONES, 2014; TUCKER, 2010). Assim, o Kuwait, apesar de seu pequeno tamanho territorial, mas, enorme riqueza petrolífera, que levaria ao Iraque ter monopólio sobre o recurso, era o principal alvo da belicosidade de Saddam Hussein, entre outras razões por questão de hidrocarboneto e como este se relaciona com poder, além de ser o fulcro da resistência, na OPEP, as tentativas em aumentar o preço do barril de petróleo. Tucker-Jones (2014, p.17) é direto ao pontuar que “o catalisador de sua invasão foi uma discussão espúria sobre a produção de petróleo, mas serviu a seu propósito. A tensão foi rapidamente aumentada até o ponto de ruptura.” Pensamento que se correlaciona com a argumentação exposta por Finlan (2003, p.67) de que é muito difícil ignorar o fator “petróleo” na decisão dos Estados Unidos de traçar uma linha na areia e depois atacá-la, revelando como foi um elemento imprescindível para a atuação dos Estados Unidos no confronto regional.

Enquanto estes episódios ocorriam, em 1988, o general Norman Schwarzkopf¹⁷² tornou-se o Comandante em Chefe do USCENTCOM¹⁷³. Ele tinha uma visão de Estratégia Militar muito ampla e soube perceber as mudanças políticas e pontuar que a temerosa ameaça descrita e desenvolvida, a respeito da região, foi se alterando, ao longo dos últimos anos da

¹⁷² Herbert Norman Schwarzkopf Jr (1934-2012) foi um general do Exército dos Estados Unidos, tendo alcançado ainda mais destaque ao comandar as forças da Coalizão Internacional na Operação Tempestade no Deserto, na 1ª Guerra do Golfo, contra o Iraque.

“As forças da coalizão tiveram a sorte de ter um excelente comandante militar geral na forma do general H. Norman Schwarzkopf, que possuía não apenas um conhecimento pessoal do Oriente Médio (ele havia morado com seu pai no Irã após a Segunda Guerra Mundial), mas também a pura força de vontade para construir uma Estratégia Militar viável” (FINLAN, 2003, p. 33) (tradução nossa).

¹⁷³ United States Central Command (USCENTCOM) é o Comando Central dos Estados Unidos, criado em 1983, na esteira dos acontecimentos regionais do Golfo Pérsico, responsável pelas operações dos Estados Unidos nas localidades que se estendem desde o Chifre da África até o Golfo Pérsico e Ásia Central.

década de 1970, perpassando desde a União Soviética, o Irã até culminar no Iraque. Neste contexto, Schwarzkopf determinou, em 1989, que o plano OPLAN 1002-90 que tratava de uma suposta e possível invasão soviética ao Irã, fosse revisado para considerar e representar uma potencial conquista iraquiana ao Kuwait e a Arábia Saudita.

Com base no exposto, em meados de julho de 1990, Saddam Hussein demandou que o general al-Rawi¹⁷⁴, comandante do Comando das Forças da Guarda Republicana, que havia comandado a maior ofensiva iraquiana, com êxitos, contra o Irã, na Guerra de 1980 a 1988, começasse os planejamentos e desdobramentos para a invasão e tomada do Kuwait, tendo em vista as lições ofensivas apreendidas na última guerra em que lutou. Assim, no final do mês, já tinha ocorrido o deslocamento de mais de cem mil soldados iraquianos para a fronteira. Todavia, é factível observar indícios da crescente propensão bélica de Saddam Hussein para o país, já no início do ano, quando, em fevereiro, demandou que cedesse a Ilha de Bubyian, posto estratégico, localizada perto da foz do rio Eufrates e em frente ao pequeno litoral iraquiano, este que possui apenas 57,6 quilômetros de costa (SCALES, 1994, p.44; PADOVAN, 2010, p.49-50).

“Ao longo de oito anos de guerra, o Exército iraquiano se envolveu em operações ofensivas por menos de oito meses. Como resultado da Guerra Irã-Iraque, o exército iraquiano expandiu-se de 12 divisões de 350.000 homens em 1982 para 56 divisões de 1.100.000 homens no final de 1989, tornando-se a quarta maior potência militar do mundo. Foi organizado e treinado de acordo com as linhas britânicas e amplamente equipado com os melhores tanques e veículos blindados que Moscou e outros bazares de armas estrangeiras tinham a oferecer. [...] O Exército iraquiano consistia em três níveis distintos de competência. As divisões de infantaria estavam no fundo. Na Guerra Irã-Iraque, eles se mostraram capazes, na melhor das hipóteses, de manter uma defesa estática. Desde o fim da Guerra Irã-Iraque, Saddam havia permitido que suas divisões de infantaria atrofiassem de modo que mesmo uma defesa estática respeitável no Kuwait estaria além da proficiência da maioria sem significativamente mais equipamento e treinamento. [...] Quando o Exército iraquiano voltou ao ataque contra os iranianos em 1988, a Guarda estava na vanguarda, traduzindo as lições da defesa móvel em operações ofensivas. [...] Para aqueles familiarizados com as operações iraquianas anteriores, o papel dominante da Guarda na invasão do Kuwait não foi nenhuma surpresa” (SCALES, 1994, p.113-114) (tradução nossa).

Dessa maneira, passados pouco mais de dois anos, os Estados Unidos evocaram, novamente, a Doutrina Carter, não mais para legitimar a assistência com comboios navais ao Kuwait, mas para atuar na libertação do país, que fora acometido por intuítos expansionistas de Saddam Hussein (SCALES, 1994; PADOVAN, 2010; TUCKER, 2010). Assim, o general al-Rawi adotou as lições ofensivas da Guerra contra o Irã, com foco na aplicação da força esmagadora, no seu plano de conquistar o Kuwait. Na madrugada de 2 de agosto de 1990,

¹⁷⁴ Iyad Futayyih Khalifa al-Rawi (1942-2018) foi um general iraquiano que atuou na Guarda Republicana, na época em que Saddam Hussein comandava o país.

segundo Tucker-Jones (2014, p.17), aproximadamente, 140.000 soldados iraquianos e 1.800 tanques invadiram o Kuwait, sendo que as divisões blindadas de Hammurabi e de Medina, duas das mais poderosas unidades blindadas do Corpo da Guarda Republicana, e a infantaria mecanizada de Tawakalna, unidade de elite da Guarda Republicana, cruzaram a fronteira, em formações precisamente disciplinadas e rigorosas, transpondo, com rapidez e agilidade, à única brigada do Kuwait localizada ao longo da fronteira. Já em 3 de agosto de 1990, a Divisão da Guarda Republicana de Tawakalna teve seu curso de rota alterado para proteger a fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita, segregando o contato do país com o mundo exterior.

A ágil conquista do Kuwait aumentou a preocupação regional e internacional, de que era o primeiro passo das ambições expansionistas de Saddam Hussein, que podiam chegar até a Arábia Saudita, remodelando toda a logística e geopolítica petrolífera. Este quadro ganhou mais notoriedade, à medida que a Guarda Republicana se aproximava de al-Jahra, a oeste do país. Assim, por meio de fotos de satélites, analistas de inteligência militar americanos averiguaram que as unidades iraquianas no KTO, em português, teatro de operações do Kuwait, tinham capacidade de continuar o ataque à Arábia Saudita, se continuassem no mesmo passo de expansão, conquista e tomada. Havia um grande temor por parte dos Estados Unidos, e boa parte do Hemisfério Ocidental, de que Saddam Hussein atacasse e controlasse os campos petrolíferos da Arábia Saudita, detendo monopólio sobre este recurso energético, vital para a economia mundial. Esta análise se deve, principalmente, ao fato de que após poucos dias da invasão, as tropas militares, guarnecidas em Basrah, movimentaram suas unidades blindadas ao longo da fronteira iraquiana, o que postulava que poderiam configurar um segundo escalão caso a Guarda Republicana transfigurasse para a Arábia Saudita (SCALES, 1994, p.65; SCHUBERT E KRAUS, 1998, STEWART, 2010).

Enquanto isso, na Casa Branca, assim que tiveram conhecimento do ocorrido, o general Colin Powell e o general Schwarzkopf se reuniram com o presidente Bush e os demais membros do Conselho de Segurança Nacional. Na ocasião, Schwarzkopf apresentou opções viáveis e preambulares de teor militar, para responder à tomada do Kuwait, que teve a aceitação do presidente e demais integrantes. Neste ambiente, o conselheiro de Segurança Nacional, Brent Scowcroft iniciou os planejamentos com o intuito de convencer a Arábia Saudita em auxiliar nesta missão. Assim, preparou-se e iniciou-se todo o campo de atuação para a 1ª Guerra do Golfo, esta dividida em duas fases, a saber: Escudo do Deserto, de teor defensivo, orquestrado para reprimir e dificultar novas agressões iraquianas, principalmente, uma invasão na Arábia Saudita; e a Tempestade no Deserto, contraofensiva conjunta dirigida

a rechaçar as forças iraquianas do Kuwait, a menos que se retirassem até 15 de janeiro de 1991, com base com a resolução do CSNU (SCALES, 1994, p.44-45; VAN CREVELD, 2011, p.156; SCHUBERT E KRAUS, 1998, STEWART, 2010).

5.3 Fase defensiva: Operação Escudo do Deserto (Agosto/1990)

A invasão do Kuwait pelo Iraque no início de agosto de 1990, além de ter sido um ato cristalino de agressão, confrontando os dispositivos contidos na Carta das Nações Unidas, contrastou o CSNU com uma crise internacional cuja inserção no contexto do capítulo VII era indubitável: ato de agressão, ruptura da paz, recurso à força contra a integridade territorial e independência política de um Estado membro das Nações Unidas em descumprimento ao princípio basilar da instituição (PATRIOTA, 2010, p.38). Cinco dias após este feito, também conhecido como C-Day, iniciou-se a implementação da Operação Escudo do Deserto¹⁷⁵, fase defensiva da guerra, esta que fora arquitetada para reprimir, controlar e impedir novas agressões iraquianas, em particular uma invasão à Arábia Saudita, além de ter um maior teor diplomático e logístico. De acordo com a visão e pensamento clausewitziano, a natureza da guerra¹⁷⁶, além de ter permanecido inalterada ao longo dos séculos, apesar do desenvolvimento material, é o resultado da interação dos objetivos do povo, governo e militares, bem como dos beligerantes, somado às atitudes dos aliados e neutros. Ademais, vale ressaltar que a Guerra do Golfo pode vir a ser interpretada como um conflito bélico entre duas culturas militares, distintas entre si, mas com profundas raízes e entrepostos históricos (PATRIOTA, 2010, p.38; SCHWAB, 2009, p.52-54; TUCKER-JONES, 2014, p.14-19, passim; MAHNKEN, 2013, p.61-66, passim).

Vale ressaltar que a despeito de toda a comoção da opinião pública internacional, os Estados Unidos não entraram sozinhos no Kuwait, e sim, liderando uma coalizão, sob a égide da bandeira das Nações Unidas e com a aprovação do CSNU, nos moldes de um esforço multinacional maciço. Ademais, a OTAN proporcionou auxílio logístico e de comunicações, sem os quais os aliados não conseguiriam ter procedido com a mesma eficiência e agilidade. Outra configuração é que a Coalizão foi uma ação militar que colocou em prática técnicas de

¹⁷⁵ Com duração em torno de cinco meses e meio, esta operação teve tempo suficiente para mobilizar os recursos militares e políticos necessários para lançar a libertação do Kuwait (SCHWAB, 2009, p.54).

¹⁷⁶ “A lógica da guerra e da estratégia é universal; é válida em todos os momentos e em todos os lugares. Isso ocorre principalmente porque a guerra é uma atividade humana e a natureza humana permanece inalterada diante do progresso material. [...] Como escreveu Clausewitz, o propósito da teoria não é descobrir leis ou princípios fixos, mas sim educar a mente” (MAHNKEN, 2013, p.61) (tradução nossa).

coordenação e coleta de informações aperfeiçoados no âmbito da OTAN, e que a ingerência no Golfo poder ser interpretada como manifestação de uma omissão crescente entre o paradigma original de segurança coletiva da Carta e um cenário mundial em mudanças, visto que fora, inicialmente, idealizada, unilateralmente, pelo Conselho de Segurança Nacional e pelo Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos (PATRIOTA, 2010, p.45).

Outrossim, no KTO houve a mobilização de, aproximadamente, 527.000 militares, mais de 110 navios de guerra, 2.000 tanques, 1.800 aeronaves e 1.700 helicópteros, sendo que tiveram uma baixa de menos de duzentas pessoas e de poucos equipamentos, o que chama atenção para a efetividade no teatro de operações do Kuwait. Com base em dados e números ofertados por Tucker-Jones (2014, p.10), a Coalizão liderada pelos Estados Unidos concentrou meio milhão de homens de trinta e um países, abarcando nove divisões americanas, uma britânica, uma francesa e quatro árabes, além de estarem equipados, ao todo, com 3.400 tanques e 1.600 peças de artilharia. Acrescido estas cifras, os Estados regionais integrantes do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) enviaram apenas 10.000 homens, embora tivessem a disponibilidade de 150.000 homens e 800 tanques.

Em torno de um breve período, a Coalizão reuniu mais de meio milhão de militares, os posicionando na fronteira nordeste da Arábia Saudita, o que demonstra toda a diligência por trás desta atuação, e a relevância do que estava em jogo. Não à toa, toda a implantação desta guerra foi um processo organizado com precisão especializada pelas capacidades militares dos Estados Unidos. Em síntese, a mobilização das forças militares, tendo a Arábia Saudita como um hub logístico, com o intuito de conter o avanço expansionista do Iraque foi de maestria em termos de habilidade logística e política, esta muito a cargo do Pentágono. Assim, reforçava-se com nitidez a superioridade militar¹⁷⁷ dos Estados Unidos no combate armado convencional, não à toa, constitui-se uma das batalhas “mais unilaterais”¹⁷⁸ da História Militar

¹⁷⁷ “Enquanto a Guerra do Golfo Pérsico de 1990-91 contribuiu diretamente para as vantagens militares dos EUA, resultando em uma vitória rápida e desigual para os EUA e seus aliados, a Guerra do Iraque de 2003 foi um tipo de guerra completamente diferente. Incorporando as lições da Guerra do Golfo Pérsico, os combatentes iraquianos e estrangeiros adotaram técnicas que evitavam as forças militares americanas e visavam diretamente o centro de gravidade e a vulnerabilidade central da máquina de guerra americana: a opinião popular americana” (BOWMAN, 2013, p.372) (tradução nossa).

¹⁷⁸ “A Guerra do Golfo Pérsico demonstrou persuasivamente a tolice de confrontar os EUA em combate convencional. Saddam tentou lutar contra os EUA convencionalmente, e as fotos destacando a carnificina iraquiana e os vídeos mostrando a capacidade tecnológica americana enfatizaram a mensagem inconfundível para os inimigos da América e futuros inimigos – não tente lutar contra os EUA usando táticas militares convencionais” (Ibid., p.372) (tradução nossa).

“A Guerra do Golfo foi uma campanha incomum em comparação com ações militares anteriores na história recente porque envolveu direta e indiretamente uma multidão de nações de vários continentes” (FINLAN, 2003, p.55) (tradução nossa).

(PATRIOTA, 2010; WATSON, 1991; FINLAN, 2003; BOWMAN, 2013, p.371, TUCKER-JONES, 2014, p.14-19, passim; SCHWAB, 2009, p.52).

Nesta fase, as Forças Armadas dos Estados Unidos, em particular, o Exército, deslocaram e desenvolveram uma cidade militar a quilômetros de distância, no meio do Golfo Pérsico, em um período de menos de três meses. Este quadro ressalta sua precisão e eficiência em termos de logística militar, ademais, manifesta de forma incisiva, a aptidão e ímpeto há muito determinado e instituído de posicionar tropas no terreno para demarcar os seus interesses nacionais. Assim, em pouco tempo, dezenas de milhares de militares, como, por exemplo, os da 212ª Companhia de Engenharia, modificaram uma localidade desértica e subdesenvolvida no Oriente Médio em um teatro de combate com a capacidade de suportar dois corpos de Exército. A diligência, desempenho e dinamismo deste feito requereu o desembarque de 500 navios e 9.000 aeronaves, através de portos sauditas, além de mais de 1.800 aeronaves do Exército, 38.000 contêineres, 1.800.000 toneladas de carga, 350.000 toneladas de munição, e mais de 350.000 soldados, aviadores, fuzileiros navais, marinheiros e civis (SCALES, 1994, p.40-41; SCHUBERT E KRAUS, 1998, STEWART, 2010).

Outrossim, é preciso ater e frisar o fato de que as Forças Armadas do Iraque eram bem desenvolvidas, contando com mais de quarenta divisões do Exército, estes equipados com tanques soviéticos de modelos recentes, além de artilharia e mísseis terra-ar. Porém, a questão, como já mencionada, é que eles enfrentaram as Forças Armadas dos Estados Unidos, que haviam emergido de um momento de novas adaptações, inovações e com os mais avançados equipamentos bélicos. Desse modo, os iraquianos lutaram contra tropas treinadas com o que havia de mais moderno e tecnológico, na vanguarda e na fronteira do desenvolvimento científico¹⁷⁹. Assim, quando as forças comandadas por Saddam Hussein invadiram o Kuwait, as Forças Armadas dos Estados Unidos dispunham da possibilidade de pôr em prática, os mais recentes aprimoramentos, desenvolvimentos e equipamentos bélicos,

¹⁷⁹ “Os Estados Unidos empregaram não apenas armas melhores, mas também a vantagem suprema de seus sistemas de comunicação da era espacial. Na guerra convencional com exércitos convencionais, um adversário que tivesse o monopólio de inteligência e imagens de satélite, possuindo também a nova “tecnologia furtiva”, provaria ser esmagadoramente mais forte para o adversário com apenas tubos de aço e grandes cartuchos de munição. A força que poderia desdobrar e atacar sem o conhecimento do outro, e que poderia usar seu conhecimento detalhado das muitas vulnerabilidades do inimigo, essa força se mostraria invencível” (SCHWAB, 2009, p. 52-53) (tradução nossa).

“A proeza tecnológica da coalizão demonstrou a evolução contínua do poder militar convencional como um instrumento de conhecimento tecnocrático avançado e desenvolvimento organizacional” (SCHWAB, 2009, p. 54) (tradução nossa).

estes que variam desde a sistemas de arma com sofisticada tecnologia até GPS¹⁸⁰, resultados dos últimos quinze anos em que viveram uma densa alteração estrutural, como abordado e analisado anteriormente (SCHWAB, 2009; SCHUBERT E KRAUS, 1998; SCALES, 1994; STEWART, 2010; WATSON, 1991).

Por fim, observa-se o quanto a fase defensiva progrediu para a ofensiva, sendo que a Operação Escudo do Deserto começou em agosto de 1990, tendo o seu auge em janeiro de 1991, com a coordenação da fase ar-terra, quando iniciou-se as grandes operações da Tempestade no Deserto. Contudo, apesar de todo este cenário e o desempenho nas areias desérticas do Golfo Pérsico, muitas são as lições desta guerra, além de ter revelado, o que vai ser corroborado com mais força, em 2003, que apesar de todo o poderio, a força militar americana não é tão eficiente assim em questões de mudança de regime, democratização e reforma institucional no Oriente Médio (BOWMAN, 2013; SCHUBERT E KRAUS, 1998; SCALES, 1994).

“No caso do Golfo, estimam que o CSNU passe a aceitar a ideia de intervenção militar antes de verificar se as sanções se haviam revelado insuficientes ou inadequadas. Os EUA, na verdade, haviam começado a planejar a guerra desde a ocupação do Kuwait por Saddam Hussein, mercê da preocupação do Chefe do Estado-Maior, General Colin Powell, com a proteção da Arábia Saudita. Após a transformação do Kuwait na 19ª província iraquiana em 8 de agosto, o presidente Bush teria decidido se preparar para a opção militar. Havia em Washington quem julgasse que o recurso às armas podia basear-se na resolução 661 de 6 de agosto, que já admitira a autodefesa com base no artigo 51. Mas prevaleceu a corrente que estimou necessário obter luz verde do Conselho de Segurança a cada uma das etapas da escalada da pressão sobre Bagdá” (PATRIOTA, 2010, p.38) (grifos nossos).

5.4 Fase ofensiva: Operação Tempestade no Deserto (Fevereiro/1991)

O CSNU determinou a data de 15 de janeiro de 1991 como sendo o prazo final para a retirada das forças militares iraquianas do Kuwait. Assim, caso não ocorresse, seria necessário o uso do poderio militar, este que se verificou dois dias depois, conhecido como D-Day, inaugurando a Operação Tempestade no Deserto. Sobre esta fase do confronto, por mais que a operação tenha ocorrido sob a bandeira das Nações Unidas, vislumbra-se que a Coalizão não teria os mesmos resultados no KTO nem poderia ter ocorrido de maneira tão esplendorosa sem o planejamento minucioso e tecnologicamente denso do Estado-Maior dos Estados Unidos. Assim, desdobra-se sobre o fato de que esta operação foi mais um desenlace de um processo de preparação para uma ofensiva, que levou o CSNU em sua direção, caminho,

¹⁸⁰ “O surgimento do GPS durante o Desert Shield obrigou as unidades de combate a mudar táticas e procedimentos operacionais para realizar todo o potencial dos dispositivos de localização de precisão” (SCALES, 1994, p. 362) (tradução nossa).

acompanhamento e gerência, especialmente, ao que se refere à campanha aérea e todos os seus feitos. Sobre a porção aérea, cabe retomar o fato de que entre os dias 18 a 19 de janeiro, o Iraque disparou os primeiros mísseis *Scuds*, causando danos e preocupações, contra Israel e a Arábia Saudita, com o intuito de envolvê-los no confronto. Este episódio levou a uma enorme consternação política e militar no período, contudo, ao observar o fato e o quadro, funcionou mais para causar pavor, pânico, temor e apreensão, na população civil destes países, do que para fins políticos. Isto se deve mais ao seu caráter de predição do que de fato ocorreu, havia o potencial de trazer os vizinhos do entorno geográfico para o confronto, dividindo a Coalizão, mas isso não foi consolidado nem ocorreu. A maior questão, diz respeito ao aspecto militar, visto que os Estados Unidos precisaram responder e assistir a estes países com mísseis antibalísticos Patriot, cuja eficácia foi questionada, mas que conseguiram conter os *Scuds* (PATRIOTA, 2010, p.45; FINLAN, 2003, p.35-37; SCALES 1994; TUCKER-JONES, 2014; PAPE, 1996; SCHULTZ, 1992; WATSON, 1991).

Sobre a ofensiva, esta foi demarcada em dois estágios, concomitantes e correlacionadas, uma fase terrestre e uma aérea, esta iniciada em 17 de janeiro de 1991, com o uso de mísseis de cruzeiro Tomahawk e caças furtivos F-117, obtendo êxito na destruição de grande parte das instalações de comando e controle iraquianas, bem como suas defesas antiaéreas, em um pequeno espaço de tempo¹⁸¹. Esta ação foi crucial para o estabelecimento da superioridade aérea, visto que além de dilapidar e desmantelar peças de artilharia iraquianas¹⁸², auxiliou nos desdobramentos e resultados na fase terrestre. Esta que teve início em 24 de fevereiro de 1991¹⁸³ (G-Day), durando apenas 100 horas¹⁸⁴. Em síntese, a Estratégia adotada pelos Estados Unidos, à frente da Coalizão, foi a adoção de uma rápida campanha

¹⁸¹ “Após esse esmagador ataque aéreo, os EUA e seus parceiros de coalizão lançaram uma ambiciosa ofensiva terrestre em 24 de fevereiro de 1991, que fez uso das vantagens tecnológicas militares dos EUA em mobilidade de helicóptero, visão noturna e sistemas de posicionamento global” (BOWMAN, 2013, p.371) (tradução nossa).

¹⁸² “Em 26 de fevereiro, as forças iraquianas perderam 3.200 tanques, 900 veículos blindados e 2.000 peças de artilharia. A Guerra do Golfo Pérsico constitui uma das mais “batalhas unilaterais” da história militar” (Ibid., p.371) (tradução nossa).

¹⁸³ “A ofensiva terrestre começou às 4h, horário local, em 24 de fevereiro de 1991. O XVIII Corpo Aerotransportado, sob o comando do tenente-general Gary Luck, liderou o ataque. Sua formação foi posicionada no flanco oeste do VII Corpo de Exército e foi incumbida de avançar pouco menos de 185 milhas (300 km) no Iraque até o rio Eufrates, a fim de bloquear os principais pontos de passagem e impedir que os reforços se dirigissem ao Kuwait vindos do Iraque” (FINLAN, 2003, p.38) (tradução nossa).

¹⁸⁴ “Apenas 100 horas de combate terrestre foram necessárias para o Exército se restabelecer de forma convincente como uma força de combate terrestre bem-sucedida. Durante esse breve período, as forças mecanizadas moveram mais poder de combate mais rápido e mais longe do que qualquer força semelhante na História. Eles percorriam em média 95 quilômetros por dia, mais que o dobro do melhor esforço de blitzkrieg da Wehrmacht” (SCALES, 1994, p.5) (tradução nossa).

aérea¹⁸⁵ conjugada com o começo do ataque terrestre¹⁸⁶. Em poucas horas de combate, doutrina, tática, técnicas, equipamentos, tecnologia, soldados e todas as alterações sofridas pelas Forças Armadas dos Estados Unidos foram testadas, aferidas e analisadas, emergindo com sucesso¹⁸⁷ e desenlace (BOWMAN, 2013; FINLAN, 2003; SCALES, 1994; SCHWAB, 2009; PAPE, 1996; SCHULTZ, 1992; VAN CREVELD, 2011).

“Com base na orientação política emitida por Washington, o plano da Campanha da Tempestade no Deserto elaborado pelo general Schwarzkopf consistia em quatro fases, que haviam sido esboçadas conceitualmente em setembro. Os três primeiros foram reservados principalmente para operações aéreas da Coalizão. A Coalizão atacaria primeiro os alvos estratégicos, depois asseguraria a supremacia aérea debilitando as defesas aéreas iraquianas. As forças aéreas então prepararam o campo de batalha atacando alvos táticos no solo. A quarta fase seria uma ofensiva terrestre. As três primeiras fases foram inicialmente desenvolvidas por planejadores da Força Aérea em Washington e a quarta por planejadores do Exército sob a supervisão pessoal de Schwarzkopf na sede do USCENTCOM em Riad. O planejamento começou no final de setembro e continuou sem interrupção até que a guerra terrestre começasse em fevereiro. Schwarzkopf, recebendo a partitura de Washington, compôs a sinfonia que eventualmente regeria” (SCALES, 1994, p.106) (tradução nossa).

“De fato, em uma era de avanços tecnológicos sem precedentes, o combate terrestre é agora, mais do que nunca, o núcleo estratégico da guerra conjunta. Apesar de 41 dias de bombardeio aéreo quase contínuo, a Guarda Republicana permaneceu uma força militar coesa e viável, capaz de travar uma batalha feroz e sobreviver para lutar contra os insurgentes no norte e no sul do Iraque. Expulsar a Guarda do Kuwait e tornar a maioria de suas unidades ineficazes em combate exigiu esforços conjuntos e combinados de todas as forças da Coalizão” (SCALES, 1993, p.358) (tradução nossa).

Sobre o êxito da fase aérea, e para entendê-lo melhor, é fundamental retomar às alterações presenciadas pelas Forças Armadas, com ênfase na aplicação da doutrina *AirLand Battle*, que foi bem-sucedida. Para este quadro ocorrer, é necessário não apenas doutrinas, normas e orientações, mas militares bem equipados e treinados. Assim, como o próprio nome sugere, esta doutrina tem como aporte e consiste no aproveitamento e reconhecimento da terceira dimensão, o ar, em um parâmetro incomparável e singular, por quaisquer outras doutrinas militares na História Estratégica, se transformando em um componente fundamental

¹⁸⁵ “As forças aéreas da Coalizão eram formidáveis e, embora os planejadores do Exército estivessem concentrados em uma ofensiva terrestre, o papel do poder aéreo seria uma parte fundamental da campanha geral” (Ibid., p. 121-122).

¹⁸⁶ “Depois de uma onda massiva de ataques aéreos destinados a reduzir e destruir as comunicações, linhas de abastecimento e ativos físicos, incluindo tanques, artilharia e a rede elétrica e os principais sistemas rodoviários e pontes, um ataque combinado de ar, terra e mar às forças iraquianas foi planejado, utilizando as vastas vantagens de velocidade, manobra e gerenciamento do campo de batalha que os Estados Unidos possuíam sobre o Iraque” (SCHWAB, 2009, p.52).

¹⁸⁷ “Como parte da Coalizão, o Exército Americano derrotou decisivamente o quarto maior exército de campo do mundo. Fê-lo com o menor custo em vidas humanas já registrado para um conflito de tal magnitude. A vitória de 100 horas foi ainda mais extraordinária porque o Exército americano raramente se saiu muito bem nas batalhas iniciais das guerras anteriores” (SCALES, 1994, p.5).

no teatro de operações. A aviação do Exército auxiliava para o empenho, mas a base de perspicácia da Batalha *AirLand*, que almeja envolver as forças terrestres inimigas nas etapas primárias da campanha, persiste em grande parcela condicionado às Forças Aéreas. Diante disso, o comando de controle, comando e planejamento esquadrinhou desde o começo conciliar e coordenar os elementos aéreos e terrestres em uma única força conjunta apta e competente para alcançar o oponente desde o interior do território até o contato com os militares na linha de frente da batalha. Além do mais, a *AirLand Battle* pretende versatilidade, agilidade, criatividade, praticidade e iniciativa individual dos líderes, características estas, que só são desenvolvidas dentro de um corpo coeso, disciplinado e notável. Assim, ao ser aplicada pelo Exército americano na Tempestade no Deserto¹⁸⁸, não apenas sobreviveu ao inicial choque tecnológico e das evoluções dos armamentos, mas, de fato, continua como um eixo e âmago exequível para o desenvolvimento, alargamento e desdobramento da futura doutrina de combate (SCALES, 1994; FINLAN, 2003; WATSON, 1991).

Em 1991, após os bons resultados e desempenhos das fases defensiva e ofensiva¹⁸⁹, no teatro de operação, a coalizão capitaneada pelos Estados Unidos, com a égide do CSNU, pôs fim à ocupação iraquiana ao Kuwait, restaurou o governo e zelou pela segurança dos cidadãos americanos na localidade, cumprindo os objetivos pré-determinados e focalizados antes do início da campanha, sendo os resultados mais imediatos do pós-guerra. Contudo, como já discutido, especialmente, a respeito do centro de gravidade do conflito, muito se argumenta sobre o fato de que a coalizão internacional ter finalizado, de maneira antecipada e precoce, o confronto no Golfo Pérsico, antes de derrubar Saddam Hussein¹⁹⁰, bem como o fato dele não ter admitido a sua derrota¹⁹¹.

¹⁸⁸ “A dura experiência do Vietnã encorajou uma nova geração de oficiais militares a conceituar a guerra de uma maneira diferente. O novo pensamento enfatizava a guerra de manobra, um campo de batalha fluido e contínuo, ataques aos principais pontos fracos do inimigo e estreita integração com uma campanha aérea dedicada. Esse novo tipo de operação se concretizou na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) durante a década de 1980 e ficou conhecida como a doutrina de batalha *AirLand*” (FINLAN, 2003, p.33) (tradução nossa).

¹⁸⁹ A Operação Tempestade no Deserto durou cerca de 100 horas, contando com apoio aéreo para a guerra terrestre, sendo responsável por expulsar as forças de Saddam Hussein do Kuwait, em 24 de fevereiro de 1991, e ter destruído significativa parcela das tropas militares iraquianas.

¹⁹⁰ Anteriormente, Saddam Hussein era um aliado próximo dos Estados Unidos na região, para fazer frente à Revolução Islâmica que assolava o seu vizinho, Irã, especialmente, neste momento de perda de um bastião importante no Oriente Médio. Neste episódio, percebe-se como Washington não tem amigos e sim, interesses.

¹⁹¹ Sobre este aspecto, Saddam Hussein se negava a admitir que havia sido derrotado e abatido no teatro de operações. Ele utilizou-se de recursos e recorreu à retórica islâmica, alegando que não fora vencido, em espírito, apesar dos dados terrenos, e era este aspecto que priorizava e importava. Um outro aspecto que vale ser destacado, é que antes da emergência da guerra, Saddam acreditava que os países do Oriente Médio formariam uma Coalizão com ele, em virtude de não concordarem nem permitirem forças estrangeiras em território do Islã, contudo não foi o ocorrido (PADOVAN, 2010; SCHWAB, 2009).

Segundo Handel (2005, p.11), de acordo com os termos militares tradicionais e a compreensão a respeito da teoria da guerra, a guerra foi finalizada, precocemente, porque seu centro de gravidade tivera sido detectado e constatado, inadequadamente, como sendo as Forças Armadas iraquianas e não o próprio Saddam Hussein. Muito deste debate gravita em torno da ideia de que fora uma guerra com objetivos, de modo demasiado, limitados, para o desempenho tido, além do questionamento se deveria ter ocorrido a instalação ou apoio a legitimidade de um novo governo. Este fato fez com que perdurasse a presença e ingerência estrangeira dos Estados Unidos na região, além de fomentar o ressentimento da população local e entre os muçulmanos ao redor do mundo, sendo propício para o aumento da instabilidade em uma região crítica e complexa, e da insurgência generalizada, que se agravaria ainda mais no cenário que fora desencadeado em 2003 (MAHNKEN, 2013, p. 68; FREEDMAN, 2013, p.215; GORDON, 2010).

Ainda sobre o aspecto da manutenção de Saddam no poder, havia a crença por parte do Pentágono, baseado, fortemente, em uma interpretação da cultura e tradição ocidental da guerra, que, ele cairia em breve, devido ao resultado do confronto, e que não seria necessário a influência direta dos Estados Unidos nesta ação. Neste aspecto, o governo Bush acreditava na pressão popular e no descontentamento de generais desapontados e envergonhados, além do credo de que após uma derrota militar tamanha, o ditador seria derrubado do cargo. Também acreditava que devido a rivalidade sectária no país, determinadas minorias tentariam derrubar o governo (GORDON, 2010; PADOVAN, 2010). Mas, não foi isso que ocorreu, e o erro desta visão é a forte crença ocidental da guerra e a suposição de que um governante sofrendo uma derrota tamanha seria removido do cargo.

Ademais, um aspecto para não prosseguir com o confronto e afirmá-lo por concluído, visto ter atingido os objetivos pré-determinados¹⁹², diz respeito ao fato de que o presidente dos Estados Unidos temia que ao invadir Bagdá¹⁹³ e derrubar o regime de Hussein poderia trazer um certo número de baixas americanas nos combates urbanos, o que não seria bem visto pelos

¹⁹² “Em 11 de setembro de 1990, o presidente dos EUA, H.W. Bush dirigiu-se a uma sessão conjunta do Congresso: Nossos objetivos no Golfo Pérsico são claros, nossas metas definidas e familiares: o Iraque deve se retirar do Kuwait completamente, imediatamente e sem condições. O governo legítimo do Kuwait deve ser restaurado. A segurança e a estabilidade do Golfo Pérsico devem ser garantidas. E os cidadãos americanos no exterior devem ser protegidos. Esses objetivos não são apenas nossos. Eles foram endossados pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas cinco vezes em poucas semanas. A maioria dos países compartilha nossa preocupação com os princípios. E muitos têm interesse na estabilidade do Golfo Pérsico. Isto não é, como queria Saddam Hussein, os Estados Unidos contra o Iraque; é o Iraque contra o mundo” (TUCKER-JONES, 2014, p. 19) (tradução nossa).

¹⁹³ “Havia a preocupação em evitar que tropas norte-americanas fossem vistas como Exército de conquista e até mesmo o espectro de ocupação indefinida do território iraquiano. Ainda assim, a pergunta “por que não chegamos até Bagdá em 1991” deve assombrar as reflexões do ex-Presidente norte-americano e de seus assessores mais próximos até o dia de hoje” (PADOVAN, 2010, p.66).

seus eleitores e opinião pública, o que explica em parte algumas das suas ações, como em relação ao financiamento e apoio às minorias do país, em especial, os curdos. Neste quadro, os anos 1990 foram caracterizados pelas campanhas e sanções ao país árabe, com um aumento considerável das tensões diplomáticas, que dentre tantos elementos, culminou em ações e bombardeios militares, como *Desert Fox* (1998), e a mais decisória, *Iraqi Freedom*, em março de 2003. Assim, diante deste cenário vislumbrado, a convicção de um resultado maculado¹⁹⁴ chama mais atenção, por mais que tivesse ocorrido um erro na interpretação do centro de gravidade e de que a queda de Saddam Hussein não tivesse sido taxada como um objetivo claro, cristalino e explícito das fases da 1ª Guerra do Golfo (1990-91), e sim, sempre caracterizado por dúvidas e indagações, estas que não se fundamentaram em nenhum aspecto, o que intensificou ainda mais esta dualidade e tensão (HANDEL, 2005; GORDON, 2010; BOWMAN, 2013; ECHEVARRIA II, 2014).

Deste modo, toda esta questão envolta da deposição ou não de Saddam Hussein trouxe muitos questionamentos para o Pentágono e se aproxima das ideias e ensinamentos postulados pela Estratégia¹⁹⁵. Este cenário corroborou com mais complexidade em uma guerra que, aparentemente, havia sido decisiva¹⁹⁶, desenvolvendo um dilema para Washington. De maneira sintética havia de um lado, os tomadores e formuladores de decisão¹⁹⁷ que se preocupavam em não ter um Iraque muito frágil e debilitado, no início dos anos 90, vide a

¹⁹⁴ “Eventualmente, a Tempestade no Deserto foi chamada de “triunfo sem vitória” ou uma “vitória vazia”. Por que isso aconteceu? Militarmente, os Estados Unidos poderiam ter consumado o sucesso estratégico. [...] Ao levar a Guerra do Golfo ao ponto da vitória no campo de batalha, mas não do sucesso estratégico final, o governo Bush evitou enfrentar o problema de ter um Exército que não foi otimizado para atenuar as ameaças à segurança e, em vez disso, as conteve” (METZ, 2008, p.41-45, passim) (tradução nossa).

¹⁹⁵ “É axiomático que a política impulsiona a estratégia. Os formuladores de políticas e os altos executivos, no entanto, frequentemente interpretam mal este relacionamento. [...] O contexto político da guerra pode, em alguns casos, estender-se a ações táticas, particularmente quando elas têm o potencial de mudar o caráter de uma guerra. [...] Embora a política conduza a estratégia, as capacidades e limitações do instrumento militar também moldam a política. [...] As páginas da História estão repletas de guerras em que soldados e estadistas buscaram vitórias rápidas e decisivas sobre seus inimigos; os militares realmente alcançaram tais resultados, no entanto, apenas raramente” (MAHNKEN, 2013, p.64) (tradução nossa).

¹⁹⁶ “Muitas vezes, uma vitória decisiva no campo de batalha não é definitiva nem mesmo em termos militares. Apesar da vitória militar sem precedentes alcançada sobre o Iraque, a vitória foi incompleta no sentido político. Clausewitz observa que no nível operacional a importância da vitória é determinada principalmente pelo vigor com que a perseguição imediata é realizada. Ou seja, a perseguição compõe o segundo ato da vitória e em muitos casos é mais importante que o primeiro. A Estratégia neste ponto se aproxima da tática para receber dela a tarefa concluída; e seu primeiro exercício de autoridade é exigir que a vitória seja realmente completa” (HANDEL, 2005, p.11) (tradução nossa).

¹⁹⁷ “Saddam Hussein continuava no poder e sua principal fonte de apoio militar – a temida Guarda Republicana – emergira do conflito praticamente intacta. Vários estudiosos consideram ter sido esse um dos principais erros de cálculo do general Norman Schwarzkopf, Comandante-em-chefe das Forças norte-americanas durante a 1ª Guerra do Golfo” (PADOVAN, 2010, p.64).

situação e consequências impostas na Guerra Irã-Iraque (1980-88) e da Revolução Iraniana (1979). “O general Colin Powell, chefe da JCS (*Joint Chiefs of Staff*), aceitara o término da guerra, na situação em que estava. Entretanto, Paul Wolfowitz, então chefe da assessoria política de Dick Cheney, entendia que a vitória, sem a destituição de Saddam Hussein, estaria deturpada e falsificada. Desse modo, temiam que o país, uma vez extremamente fragilizado se fragmentasse, visto a presença de várias etnias e grupos¹⁹⁸, se posicionando na órbita de influência do aiatolá Khomeini, o que teria consequências e decorrências infrutíferas para a contenção do Irã. De outro aspecto, havia temor e preocupação em manter Saddam no poder e que este continuasse com ideias expansionistas, por mais que grande parcela das suas tropas armadas tenham sido deterioradas na guerra, com exceção da Guarda Republicana, além de demais aspectos do campo político-estratégico, acrescidas da retórica sobre armamentos químicos (GRAY, 2007, p.228-229; GORDON, 2010, ECHEVARRIA II, 2014; PADOVAN, 2010).

Em síntese, ao testemunhar e presenciar os objetivos estratégicos delimitados, o ensejo substancial para o combate havia se efetuado, apesar disso, a contestação a respeito da conservação do Saddam Hussein no poder ainda produzia complicações, dilemas, indagações e desafios dentro do Pentágono, tanto a curto quanto a médio-longo prazo, dado que poderia persistir e perdurar ainda mais a ingerência e intermédio dos Estados Unidos em impasses locais no Golfo Pérsico, especialmente, neste novo contexto histórico, em que se encontrava como potência solitária. Contudo, como já descrito, a remoção do governante iraquiano não fora um objetivo cristalino das fases da Guerra, mas apesar disso, e toda a perspectiva no campo de batalha, Washington foi criticado pelo fato de não ter determinado por um golpe sumário de destituição de Saddam, aproveitando o momento, uma vez que ele se encontrava enfraquecido, após as fases, com ênfase, Operação Tempestade no Deserto (GORDON, 2010, p.43-44; ECHEVARRIA II, 2014, p.183-196, *passim*).

“Os Estados Unidos contentaram-se com a simples libertação do Kuwait e a imposição de graves perdas às forças armadas iraquianas. [...] Os formuladores de políticas americanos não queriam um Iraque totalmente prostrado em 1991 porque precisavam do Iraque para equilibrar o Irã fundamentalista do aiatolá Khomeini no Golfo. A primeira Guerra do Golfo provou ser a fonte de muito excesso de confiança americano. Parecia justificar a eficácia do modo de guerra um tanto novo dos Estados Unidos, favorecendo o bombardeio aéreo, e a promessa estratégica no que foi amplamente considerado uma revolução emergente nos assuntos militares, ligada à capacidade de fornecer poder de fogo com precisão extraordinária. [...] No entanto, o triunfo diplomático e militar de 1991 contra o Iraque foi condicionado contextualmente. Os vários contextos de guerra estavam todos a favor dos Estados

¹⁹⁸ “O governo Bush entendeu a complexa estrutura do Iraque e o frágil equilíbrio de poder na região do Golfo entre sunitas, xiitas e curdos” (SCHWAB, 2009, p.56) (tradução nossa).

Unidos em 1991. Essa realidade excepcionalmente benigna não se repetiria no restante da década” (GRAY, 2007, p.228-229) (tradução nossa) (grifos nossos).

“Desdobrou-se um plano de batalha que seguia os princípios essenciais da prática militar ocidental contra um inimigo totalmente inferior em classes e armas que havia concedido o comando do ar. Uma tentativa de ataque frontal viu os iraquianos desmoronarem, mas o general Norman Schwarzkopf prosseguiu com uma manobra complexa e envolvente para pegá-los enquanto eles recuaram, mas não os isolou com rapidez suficiente. Os americanos ainda anunciaram um cessar-fogo, evitando deliberadamente uma guerra de aniquilação. Isso refletia a determinação de manter a guerra limitada e não permitir que o sucesso em alcançar o objetivo declarado – a libertação do Kuwait – levasse a uma extensão excessiva ao tentar ocupar todo o Iraque. Isso fazia sentido diplomático e militarmente, mas a consequência ilustrava os argumentos a favor de vitórias decisivas. Saddam Hussein conseguiu sobreviver e o resultado da guerra foi declarado, na melhor das hipóteses, incompleto” (FREEDMAN, 2013, p.215) (tradução nossa).

Desde modo, com base no discorrido, sintetiza-se que a Guerra do Golfo apresenta um modelo e amostra, muitas vezes, mal compreendido e interpretado, de como uma vitória no teatro de operações pode vir a resultar e proceder em uma intensificação da gerência, interferência e comprometimento contínuo regional, fazendo com que os Estados Unidos se situam mais tempo nos desdobramentos políticos do Golfo, e não em um desempenho pacífico. Além disso, este caso explicita-se como que uma campanha encerrada antes do prazo não alcançou as condições estratégicas favoráveis, apesar de ter bons desempenhos e resultados. Neste cenário, após 5 dias de um cessar-fogo temporário ter iniciado, em decorrência das 100 horas de luta da contra ofensiva, em 3 de março de 1990, os termos do cessar-fogo¹⁹⁹ foram aceitos pelo Iraque, negociação esta que se iniciou com o general Schwarzkopf²⁰⁰ e funcionários da Coalizão de um lado e o contingente iraquiano desconfortável em sentido oposto. O cessar-fogo se desdobrou de modo mais ágil do que o analisado e formulado, devido à resistência organizada, e uma das principais questões postuladas, é que o processo pós-guerra agora passa a ser um conceito iminente. Os termos e condições descritas e impostas ao regime de Bagdá pelo CSNU demandam desde inspeções rígidas das instalações, infraestruturas e organizações militares iraquianas, até a destruição de artefatos de armamentos químicos e biológicos, passando para a formalização de zonas de exclusão aérea ao Norte e ao Sul do país, visando proteger as populações curdas e xiitas. Além disso, em resposta à crise humanitária que se abatia no país, que saiu de um dos mais

¹⁹⁹ “As condições para o cessar-fogo estabelecidas pelas resoluções 686 (1991) e 687 (1991) viriam a balizar as relações externas do Iraque durante toda a década seguinte. [...] Resumidamente, as demandas feitas ao Iraque pela resolução 687 incluíam desde a destruição comprovada das armas de destruição em massa e de seus programas de produção ao respeito à inviolabilidade da fronteira com o Kuwait [...]” (PADOVAN, 2010, p.66).

²⁰⁰ “Washington deu ao USCENTCOM uma quantidade significativa de latitude para lidar com as negociações, em vez de enviar um especialista civil do Departamento de Estado e, de fato, Schwarzkopf era o representante sênior da coalizão” (FINLAN, 2003, p.63) (tradução nossa).

desenvolvidos para um dos mais pobres da região, foram negados acessos aos mercados energéticos e foi instaurado, anos mais tarde, em 1995, o programa “Petróleo por Alimentos” (SCHWAB, 2009, p.56; SCALES, 1994, p.323, TUCKER-JONES, 2014, p.11).

Portanto, por mais que nenhuma guerra termine de maneira casta e conspurcada, e esta não fora exceção, o confronto bélico no Golfo Pérsico estava tecnicamente finalizado. Assim, nenhuma outra batalha ou campanha ocorreria dentro das divisões determinadas e da linha de demarcação militar feita pela Coalizão. Apesar do fato de que em termos e condições militares, a guerra tenha tido um bom desempenho, alcançando superioridade no ar, mar e terra, derrotando o Iraque no KTO, no sentido político, por mais que a soberania do Kuwait tenha sido restaurada e demais objetivos e resoluções foram efetuados, o panorama é controverso e complexo, especialmente, pela permanência de Saddam Hussein no poder, como descrito. Apesar da Operação Tempestade no Deserto ter apresentado um sucesso militar admirável, a paz expôs equívocos e imprecisões, uma vez que o Saddam Hussein conservou-se e sobreviveu no poder por mais de uma década.

Portanto, um confronto armado tem o seu sucesso configurado e constituído não apenas no teatro de operações, mas em suas representações e resoluções do campo político, com ênfase em alterações em que estavam em suas primícias. Na 1ª Guerra do Golfo, a questão e as dificuldades inerentes ao processo de conclusão do confronto não levou a um término definitivo, visto que as contestações que suscitaram o conflito não foram em sua totalidade resolvidas, mas, amenizadas e controladas. Um aspecto é o fato de que apesar de Saddam Hussein ter retirado suas tropas militares do Kuwait, não reconheceu a derrota, não assinando os seus documentos de rendição, nem se responsabilizou pela invasão. Neste ensejo, nota-se que a Guerra foi uma campanha limitada que apenas restabeleceu o status quo regional, mas as causas subjacentes da invasão acabaram sendo exacerbadas até a eclosão da operação *Iraqi Freedom*, em 2003 (SCHWAB, 2009, p.55; FINLAN, 2003, p.66-p.71, passim).

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho de dissertação teve como propósito trazer uma pesquisa exploratória, no âmbito das Ciências Militares, trabalhando a 1ª Guerra do Golfo (1990-91) sob a óptica clausewitziana. Assim, com base no discorrido nestas páginas e capítulos, o intuito fora responder a pergunta-problema formulada nesta investigação científica, a saber: por que o sistema de explicação do pensamento clausewitziano se mantém relevante em cenários como a 1ª Guerra do Golfo, a despeito das atuais críticas? Isto posto, o objetivo geral abordado foi entender a relevância do sistema de explicação do pensamento de Clausewitz, sobre guerra, tendo como marco temporal e delineamento, o cenário da 1ª Guerra do Golfo, visto ser foco de muitos questionamentos. Desse modo, os objetivos específicos trabalharam dois conceitos clausewitzianos: fricção e centro de gravidade. Além do mais, a hipótese empregada foi que o pensamento de Clausewitz se mantém atual, apesar dos julgamentos contemporâneos, devido a sua maior e contínua capacidade de resposta, o que se confirmou ao final da pesquisa.

O trabalho chegou à conclusão de que na 1ª Guerra do Golfo há a presença, conjunto e sintonia dos conceitos detalhados por Clausewitz, especialmente, fricção e centro de gravidade, além dos componentes da Trindade, síntese clausewitziana sobre a natureza da guerra, arquitetados e postos em atuação, prática, o que confirma o quanto o conflito armado permanece com a sua natureza inalterada e contínua, apesar de ser um verdadeiro camaleão. Ainda sobre a Trindade, foi possível enxergar no estudo de caso, a violência primordial, o ódio, inimizade, força natural cega, jogo do acaso e probabilidade e todos os elementos, tendências e componentes que compõem esta síntese, cada um em seu estágio, fase e padrão. Desse modo, foi possível trabalhar e identificar elementos teóricos permanentes no teatro de operação, ressaltando a praticidade e funcionalidade do tão refinado pensamento clausewitziano.

Posto isto, por meio da adoção da revisão bibliográfica, seguida da aplicação de um estudo de caso único, com o emprego do método histórico, tendo como recorte a História Estratégica. Sobre estes procedimentos, que visam tornar esta investigação com maior rigor acadêmico e científico, é preciso apontar algumas razões e argumentações para a escolha de cada item. A respeito do estudo de caso, um aspecto crucial e notório do seu emprego e escolha, deve-se ao fato de que parcela elementar do que se tem compreensão na grande área das Ciências Políticas, assim como na subárea de Segurança e Defesa, onde esta dissertação

se enquadra, vem de pesquisas e análises que o empregaram. Outro argumento é que este procedimento autoriza e outorga o exame, exposição e análise da teoria em prática, convertendo-se em mais singular para esta pesquisa, visto que o referencial teórico trabalhado é a teoria de guerra de Clausewitz, exposto em *Da Guerra*. No tocante ao método histórico, o estudo e análise histórica são adequados e propícios, nos espaços, âmbitos e categorias do conflito armado, desde as campanhas militares e batalhas em si até o vislumbre de uma guerra interestatal, como um todo. Ainda com relação ao domínio histórico, este possui uma autoridade e competência primordial ao refletir, examinar e orquestrar planejamentos, ensinamentos e aprendizagens para médio-longo prazo, aproximando o panorama temporal, além de ofertar uma categoria de amostra nas Ciências Empíricas.

Outrossim, ao mencionar e se desdobrar sobre o período histórico, que se soma ao período de críticas ao trabalho e pensamento de Clausewitz, alguns pontos precisam ser esclarecidos, como o fato de que as guerras interestatais não ficaram obsoletas, tampouco, o Estado moderno e suas Forças Armadas entraram em declínio, em virtude da globalização. Outro aspecto é sobre a Trindade, cujos elementos; violência, ódio e inimizade, continuam frequentes nas guerras e interligadas, e não necessariamente correlacionadas a atores fixos, como governo ou povo, apesar de haver uma relação e, às vezes, predisposição. Assim, mantém-se seu papel de ferramenta analítica para a leitura e interpretação dos conflitos. Em relação, ao aspecto histórico em virtude de mudanças tecnológicas, Clausewitz, em seus escritos, observou que quem se apoia apenas nos panoramas presentes está designado a abordar o que se encontra de mais atual como sendo o melhor, se confundindo e apartando entre o passado e futuro, conjecturando dubitável examinar o que é díspar. Desse modo, observou-se como o autor tem predisposição em aderir ao novo, o que se confronta, diretamente, com suas críticas contemporâneas.

Após o discorrido, e analisando a teoria de guerra, o texto partiu da compreensão clausewitziana que a guerra é a continuação da política com a entremistura de outros meios, observando a relação dialética existente entre política e guerra, o que transmite a dinâmica e influência do conflito, bem como os objetivos envolvidos. Nesta perspectiva, adicionou-se o olhar da Estratégia e como esta dialoga com o propósito final do conflito de ser um ato violento de impor a vontade ao adversário, o enfraquecendo e desarmando, situação esta que é visível no cessar-fogo e imposição de acordos de paz, após o confronto. Contudo, apesar das tropas militares da Coalizão terem destruído significativa parcela das Forças Armadas do Iraque, mesmo enfrentando a fricção, o cessar-fogo foi aquém do planejado e ficou rasurado, ao que tange, a não deposição de Saddam Hussein, o que auxiliou na condução e eclosão de

um novo confronto, em 2003. Este cenário foi possível, devido ao erro na análise e interpretação do centro de gravidade, enquanto hub de onde todas as forças gravitam em torno, ser o governante iraquiano, Saddam Hussein.

Sobre este componente, também cunhado como *Schwerpunkt*, Clausewitz o apresentou e desenvolveu, como sendo a posição mais crítica no posicionamento do oponente, devendo ser identificado, detectado e atacado. Em síntese, é o alicerce concêntrico de toda a direção, domínio, ação e mobilidade, do qual todos os eixos, em uma guerra, subordinam-se, obedecem, procedem e resultam. Sendo assim, as localidades, onde após uma agressão, provocação ou investida, de preferência, batalhas decisivas, traria mais exposição e desamparado ao inimigo, viabilizando os alcances, gradativo e progressivo, dos objetivos e propósitos em jogo na guerra. Por fim, é o âmago onde todos os empenhos do oponente se dirigem e devem ser orientados para conseguir êxito, sendo, paradoxalmente, o eixo de maior fragilidade, o coração das direções e decisões táticas e político-estratégicas, onde o ataque tem um melhor ensejo de ser decisivo. Este é o significado teórico, mas na prática e na formulação do planejamento militar e organização, bem como Tática e Estratégia, é o princípio clausewitziano mais incompreendido, especialmente, em questões de entendimentos e aplicações.

Dessa forma, abrange-se que o centro de gravidade denota acometer o adversário oponente, em certos pontos estratégicos, onde se avalia como propício, não apenas para deixá-lo mais instável, desorientado, confuso e desordenado, mas para atingir, gradativamente, os intentos e alvos militares e políticos do confronto, já que a cada ataque, esgota ainda mais o inimigo. Outro aspecto é que Clausewitz entendeu que o centro de gravidade se expande e prolonga para além das Forças Armadas e suas fortificações estratégicas, mas também aos fatores e princípios morais das tropas e da liderança, correlacionando com a noção de gênio militar. Sendo assim, remonta e chama a atenção para o fato de que Saddam Hussein, que era o centro de gravidade político da 1ª Guerra do Golfo (1990-1991), mas não foi atingido e contido devido a erros de cálculo, leitura e interpretação ao que tange a este domínio. Assim, o sucesso militar no KTO não culminou em uma proeminente vitória no campo político. Grande parcela desta imprecisão deve-se à circunstância de que o conflito foi finalizado prematuramente, porque seu centro de gravidade foi, equivocadamente, assinado e reconhecido. Neste ponto, percebe-se como a ideia de fricção, com vários componentes aglutinados entre si, e centro de gravidade se relacionam, e que por mais que a tecnologia seja útil, ela não extingue erros e problemas político-estratégicos, apesar do bom desempenho tático. Por fim, ressaltou-se como que a

guerra se difere do papel, planejamento, para a realidade no teatro de operações, ressaltando sua característica de ser tão complexa e difusa, quanto o início pode prever.

Ainda sobre Saddam Hussein, apesar da sua destituição não ter sido postulada como um dos objetivos explícitos das campanhas militares, apesar de ser o centro de gravidade político, após todo este cenário, Washington foi alvo de críticas e reprovações por não ter operado e orquestrado um golpe sucinto para destituí-lo, visto que ele se encontrava em uma posição tênue e frágil, após o término das operações. Anteriormente a este quadro, é importante ressaltar que a Força Aérea atacou vários pontos, como locais do Partido Baath, em que acreditavam que Saddam poderia estar escondido, mas não obteve sucesso nestas ações. Portanto, com base no discutido até então, nota-se como que a tecnologia, apesar de altamente sofisticada, não foi tão perfeita assim em sua execução, retomando ao ponto sobre a fricção e como também apresenta erros e falhas. Outro aspecto, dentro deste debate, é que a fricção não foi completamente extinta pelo uso de aparatos científicos, mas permeada e intensificada por eles. Apesar de toda esta questão da tecnologia de ponta, os elementos intrínsecos da teoria da guerra não sofreram alterações, sendo encontrados no teatro de operações, até a atualidade, ressaltando como que o pensamento de Clausewitz tem capacidade de resposta.

Por mais que a vitória da Guerra tenha sido maculada, os ensinamentos e a presença dos conceitos clausewitzianos estavam presentes e se relacionando com o cenário tecnológico, tão caro a este conflito. Além disso, para sintetizar este ponto, este conflito ensina que por mais que os Estados Unidos tenham desenvolvido uma Estratégia Militar que conduz a um excelente desempenho no campo de batalha, a vitória político-estratégica nem sempre o acompanha no mesmo compasso. Neste aspecto, ao observar, novamente, o centro de gravidade, as tropas militares focaram mais no domínio físico do que nos panoramas político-estratégico, interpretando como sendo a Guarda Republicana, enquanto que, o correto centro de gravidade, era político, sendo Saddam Hussein. Um confronto armado que possui o seu sucesso retratado é caracterizado não apenas no teatro de operações, mas em suas compreensões do campo político, com destaque, nas mudanças que estavam presentes em seus prelúdios. Assim, a Guerra do Golfo pontua uma amostra de como uma vitória no KTO não levou a uma vitória política. Como já abordado, esse fato se deve ao exame errado sobre o centro de gravidade, além de ter concluído as campanhas precocemente, mesmo com a capacidade de prosseguir, atingindo objetivos propostos, muito modestos, ações estas que em conjunto levaram a continuidade de Saddam Hussein no poder, e desencadeando uma década de conflitos diplomáticos que levaram a ocupação do Iraque em 2003. Nesta conjunção,

pondera-se que a Guerra foi uma campanha restrita e delimitada com as causas subjacentes da invasão acabaram sendo exacerbadas até a eclosão da operação *Iraqi Freedom*.

Em resumo, expõe como que uma campanha encerrada antes do momento não atingiu as conjunturas estratégicas favoráveis, mesmo com bons desempenhos e resultados táticos, e que a paz apresentou imprecisões. Assim, na 1ª Guerra do Golfo, os desafios, impasses e dificuldades intrínsecos e particulares ao processo de cessar-fogo de uma guerra não ocasionaram nem levaram a uma conclusão categórica. Logo, todo este cenário se desenvolveu, devido a interpretações errôneas na óptica da Estratégia Militar, e que mesmo com a melhor tecnologia já empregada, esta não foi viável para destruir Saddam Hussein, enfatizando que os aparatos bélicos, por melhor que sejam, apresentam limites e imperfeições.

Por conseguinte, após tudo o que foi discorrido nesta conclusão, a presente dissertação, por meio de métodos e formas metodológicas e científicas, conclui que a 1ª Guerra do Golfo (1990-91) apresenta e afirma várias postulações clausewitzianas, uma vez que o pensador prussiano possui capacidade de resposta ao que tange o teatro de guerra e toda a sua teoria. Sendo assim, a hipótese deste trabalho se confirma. Mesmo neste cenário de críticas, o combate terrestre e interestatal, como revelado no estudo de caso, fora decisivo, e os meios para se travar a guerra podem até ter mais tecnologia empregada, mas não alterou a natureza da guerra. Por fim, sintetiza que a guerra pode até ser estudada por um viés, espírito ou panorama diferente, acrescentando contrastes históricos, mas sua dinâmica e curso retomam a essência do que é a guerra, não sofrendo alterações. Sobre os ensinamentos para as Forças Armadas, bem como mudanças acarretadas, a pesquisa chegou ao desenlace de que apesar de toda a tecnologia científica, esta não apresentará sempre eficácia nos confrontos, nem retira toda a fricção existente no teatro de operações. E, por fim, uma das lições mais evidentes desta pesquisa é a relevância do pensamento clausewitziano, especialmente, ao que tange entender mais sobre os componentes descritos, e sabê-los interpretar, como o centro de gravidade, pois se não fosse isso, o final da 1ª Guerra do Golfo teria sido bem diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Vágner Camilo. **A Guerra do Golfo**. Tensões Mundiais/World Tensions. v. 6, n. 10., p.191-211, 2010.
- BAYLIS, J.; WIRTZ, J.; GRAY, C. **Strategy in the Contemporary World**. Oxford University Press, 2013.
- BAUDET, F. Some Thoughts on the Utilization of the Past in the Military. **ASPJ Africa & Francophonie**, 4th Quarter, p.4-14, 2013.
- BEAUFRE, André. **Introdução à estratégia**. /André Beaufre; tradução de Luiz de Alencar Araripe. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1998.
- BROOKS, R. A.; STANLEY, E. A. **Creating Military Power: The Sources of Military Effectiveness**. Stanford: Stanford University Press, 2007.
- CALLUM, R. War as a Continuation of Policy by Other Means: Clausewitzian Theory in the Persian Gulf War, **Defense Analysis**, v. 17, n.1, p.59-72, 2001.
- CARREIRAS, H., CASTRO, C.; FREDERIC, S. **Researching the Military**. New York: Routledge, 2016.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. 3. ed. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2010.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**. / Carl von Clausewitz, tradução de Michael Howard e Peter Paret. — (Oxford world's classics) Oxford University Press, 2007.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Historical and political writings** / Carl von Clausewitz, editado e traduzido por Peter Paret e Daniel Moran. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- CLAUSEWITZ, Carl von; HOWARD, M.; PARET, P. (Eds.). **On War**. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Two Letters on Strategy** / Carl von Clausewitz, editado e traduzido por Peter Paret e Daniel Moran. U.S. Army Command and General Staff College, 1984.
- COHEN. E.A. **Comando Supremo: soldados, estadistas e liderança em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.
- COKER, C. **Rebooting Clausewitz: “On War” in the Twenty-First Century**. London: Oxford University Press, 2017.
- CRAIG, G. A.; GILBERT, F. Reflexões sobre a Estratégia no presente e no futuro. *In*: PARET, Peter. **Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel à era nuclear/** Editado por Peter Paret com colaboração de Gordon A. Graig e Felix Gilbert, traduzido por Joubert de Oliveira Brízida. - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

CURINI, Luigi; FRANZESE, Robert. **The SAGE Handbook of Research Methods in Political Science and International Relations**. California, SAGE Publications, 2020.

DA CUNHA, Rafael Soares Pinheiro; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. As Ciências Militares e a configuração dos Estudos de Defesa como área do conhecimento científico. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, v. 13, n. 46, p. 9-28, 2019.

DELLA PORTA, Donatella; KEATING, Michael (Ed.). **Approaches and methodologies in the social sciences: A pluralist perspective**. Cambridge University Press, 2008.

DESCHAUX-DUTARD, D. **Research Methods in Defence Studies: a multidisciplinary overview**. New York: Routledge, 2021.

DINSTEIN, Y. **War, Aggression and Self-Defence**. 5 ed. Cambridge University Press. 2011.

ECHEVARRIA II, Antulio Joseph. **Clausewitz and contemporary war**. New York: Oxford University Press, 2007.

ECHEVARRIA, Antulio Joseph. **Clausewitz's Center of Gravity: Changing Our Warfighting Doctrine--Again!** Strategic Studies Institute, US Army War College, 2002.

ECHEVARRIA II, A. J. **Military Strategy: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

ECHEVARRIA II, Antulio J. **Reconsidering the American way of war: US military practice from the Revolution to Afghanistan**. Georgetown University Press, 2014.

EIKMEIER, Dale C. The Center of Gravity Still Relevant After All These Years? **Military Review**, 2017.

ENDER, M. G. **American Soldiers in Iraq: McSoldiers or Innovative Professionals?** New York: Routledge, 2009.

ENGLISH, J. "The Operational Art: Developments in the Theories of War." In: MCKERCHER, B. J.C.; HENESSY, M. A. **The Operational Art: Developments in the Theories of War**. Westport: Praeger, 1996.

FINLAN, Alastair. **The Gulf War of 1991**. The Rosen Publishing Group, Inc, 2003.

FIORI, José Luis (org.). **O poder americano**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

FREEDMAN, L. **Strategy: a history**. Oxford University Press, 2013.

FRIEDMAN, N. **Desert Victory: The War for Kuwait**. The Naval Institute Press. 1991.

FRIEDMAN, B. A. **On Operations: Operational Art and Military Disciplines**. Annapolis: Naval Institute Press, 2021.

GARDNER, Nikolas. Clausewitzian friction and autonomous weapon systems. **Comparative Strategy**, v. 40, n. 1, p. 86-98, 2021.

GEORGE, A. L.; Bennett, A. **Case Studies and Theory Development in the Social Sciences**. Harvard University, Cambridge, 2005.

GERRING, J. **Case study research: principles and practices**. Cambridge University Press, New York, 2007.

GORDON, M.; TRAINOR, B. **Iraque: um conflito polêmico** / Michael R. Gordon, Bernard E. Trainor; tradução Gleuber Vieira. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

GRAY, C. **Modern Strategy**. London: Oxford University Press, 1999.

GRAY, C. **The Strategy Bridge: Theory for Practice**. London: Oxford University Press, 2010.

GRAY, C. S. **War, Peace and International Relations: an introduction to Strategic History**. New York: Routledge, 2007.

GRAY, C.S. Why Strategy is difficult? *In*: MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader**. New York: Routledge, 2014.

GUSTAFSSON, Karl; HAGSTRÖM, Linus. What is the point? teaching graduate students how to construct political science research puzzles. **European Political Science**, v. 17, n. 4, p. 634-648, 2018.

HANDEL, M. **Clausewitz and Modern Strategy**. Taylor & Francis Group, 2004.

HANDEL, M. **Masters of War: classical strategic thought**. Taylor & Francis Group, 2005.

HANDEL, M. Who's Afraid of Carl von Clausewitz? *In*: MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader**. New York: Routledge, 2014.

HERBERG-ROTHER, Andreas. **Clausewitz's puzzle: the political theory of war**. Oxford University Press, 2007.

HOLMES, Terence M. Clausewitz's "Strange Trinity" and the Dysfunctionality of War. **The Philosophical Journal of Conflict and Violence**, v. 6, n.1, p.13-25, 2022.

HOWARD, M. **Clausewitz: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

HOWARD, M. The lost meaning of strategy. *In*: MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader**. New York: Routledge, 2014.

KALDOR, M. **New and old wars - organized violence in a global era**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

KALDOR, Mary. Inclusive wars: is Clausewitz still relevant in these Global Times? **Global Policy**, v. 1, n. 3, p. 271-281, 2010.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra** / John Keegan; tradução Pedro Maia Soares. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KREPS, S e FUHRMANN, M. Attacking the atom: does bombing nuclear facilities affect proliferation? *In*: MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader**. New York: Routledge, 2014.

LA MAISONNEUVE, E. de. **Metamorfosis de la violencia**: ensayos sobre la guerra moderna. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1998.

LUTTWAK, E. N. **Estratégia**: a lógica da guerra e da paz / Edward N. Luttwak; tradução Álvaro Pinheiro. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

MAHNKEN, T. G. Strategic Theory. *In*: Strategy in the Contemporary World: An Introduction to Strategic Studies, p.52-67, 2013.

MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader**. New York: Routledge, 2014.

MALKKI, K., MALKKI, J. The dynamics of Clausewitzian friction. **Tidskrift**, v.2, abr.-jun, p.31-60, 2011.

MCKERCHER, B. J.C.; HENESSY, M. A. **The Operational Art**: Developments in the Theories of War. Westport: Praeger, 1996.

METZ, Steven. **Iraq and the evolution of American strategy**. Potomac Books, Inc., 2008.

MEYER, Eystein L. The centre of gravity concept: contemporary theories, comparison, and implications. **Defence Studies**, v. 22, n. 3, p. 327-353, 2022.

MILLET, A. R., *et al.* **The Effectiveness of Military Organizations**. *In*: International Security, vol.11, n.1, p.37-71, 1986.

MILLET, A.; MURRAY, W. **Military Effectiveness – Volume 3: The Second World War**. 2ª Ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010.

MOITA, Sandro Teixeira; FRANCHI, Tássio. OS SABERES DA GUERRA: O PENSAMENTO DE CARL VON CLAUSEWITZ NO BRASIL. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 75-104. janeiro/abril. 2021

MURRAY, Williamson. Clausewitz out, computer in: military culture and technological hubris. **The National Interest**, n. 48, p. 57-64, 1997.

OSINGA, Frans. Postmodern Air Power and the Western Way of War. *In*: **Handbook of Military Sciences**. Cham: Springer International Publishing, p. 1-20, 2022.

PADOVAN, Gisela Maria Figueiredo. **Diplomacia e uso da Força: os painéis do Iraque**. Brasília: FUNAG, 2010.

PAPE, Robert. **Bombing to win: air power and coercion in war**. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

PARET, Peter. **Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel à era nuclear/** Editado por Peter Paret com colaboração de Gordon A. Graig e Felix Gilbert, traduzido por Joubert de Oliveira Brízida. - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

PARET, Peter; HOWARD, Michael; BRODIE, Bernard. **Ensaio introdutório**. In: CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. London: Oxford University Press, 1984.

PATRIOTA, A.A. **O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a articulação de um novo paradigma de segurança coletiva /** Antonio de Aguiar Patriota. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. 232 p.

POWNER, L. C. **Empirical Research and Writing: a Political Science Student's Practical Guide**. CQ Press, 2015.

PROENÇA JÚNIOR, Domício et al. **Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

QUACKENBUSH, Stephen L. Centers of gravity and war outcomes. **Conflict management and peace science**, v. 33, n. 4, p. 361-380, 2016.

QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa, Ed. Gradiva, 1995.

SCALES, Robert. **Certain victory: the U.S. Army in the Gulf War**. Washington, D.C., U.S. Army Command and General Staff College Press, 1994.

SCHUBERT, F.N.; KRAUS, T.L. **Tempestade do Deserto: operações da Guerra do Golfo**. Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos, trad. de Luis Cesar Fonseca. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

SCHWAB, Orrin. **The Gulf Wars and the United States: Shaping the Twenty-First Century: Shaping the Twenty-First Century**. ABC-CLIO, 2009.

SHIMKO, Keith L. **The Iraq wars and America's military revolution**. Cambridge University Press, 2010.

SHULTZ, R. H.; PFALTZGRAFF, R. L. **The Future of air power in the aftermath of the Gulf War**. Air University Press, 1992.

SOETERS, J., SHIELDS, P., RIETJENS, S. **Routledge Handbook of Research Methods in Military Studies**. New York: Routledge, 2014.

SOUCHON, L. **Strategy in the 21st Century: the continuing relevance of Carl von Clausewitz**. Springer, 2020.

STEWART, R.W. **War in the Persian Gulf - Operations Desert Shield and Desert Storm.** Center of Military History, 2010.

STONE, John. Beyond Clausewitz: Better ways of thinking strategically. **Comparative Strategy**, v. 36, n. 5, p. 468-478, 2017.

STRACHAN, Hew; HERBERG-ROTHE, Andreas. (eds.) **Clausewitz in the Twenty-First Century.** London: Oxford University Press, 2007.

STRACHAN, Hew. Michael Howard and Clausewitz. **Journal of Strategic Studies**, vol. 45, n.1, pp.143-160, 2022.

STRACHAN, Hew. **Sobre a Guerra de Clausewitz.** Tradução de Maria Luiza X.A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

STRACHAN, H. The lost meaning of strategy. *In*: MAHNKEN, T.; MAIOLO, J. **Strategic Studies: a reader.** New York: Routledge, 2014.

STRANGE, Joe; IRON, Colonel Richard; ARMY, U. K. What Clausewitz (Really) Meant by Center of Gravity. **Joint Force Quarterly**, v. 35, p. 20-27, 2004.

STRUNK, W., WHITE, E. B. **The elements of style.** Penguin, 2007.

TUCKER, Spencer C. (Ed.). **The Encyclopedia of Middle East Wars: The United States in the Persian Gulf, Afghanistan, and Iraq Conflicts [5 volumes]: The United States in the Persian Gulf, Afghanistan, and Iraq Conflicts.** ABC-CLIO, 2010.

TUCKER-JONES, Anthony. **The Gulf War: Operation Desert Storm 1990–1991.** Pen and Sword, 2014.

VAN CREVELD, M.; OLSEN, J.A. **The Evolution of Operational Art - From Napoleon to the Present.** Oxford: Oxford University Press, 2011.

VEGO, Milan. The Development of Schwerpunkt. **Military review**, 2007.

WALDMAN, Thomas. ‘Shadows of Uncertainty’: Clausewitz's Timeless Analysis of Chance in War. **Defence Studies**, v. 10, n. 3, p. 336-368, 2010.

WATSON, B. *et al.* **Military lessons of the Gulf War.** London, Greenhill Books, 1991.

WATTS, B.D. **Clausewitzian Friction and Future War.** Institute for National Strategic Studies. Washington, D.C., National Defense University, 2004.

WATTS. Friction in the Gulf War. **Naval War College Review**, vol. 48, n.4, pp. 93-109, 1995.

WEIGLEY, R. F. Estratégia Americana: Dos Primórdios à Primeira Guerra Mundial. *In*: PARET, Peter. **Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel à era nuclear/** Editado por Peter Paret com colaboração de Gordon A. Graig e Felix Gilbert, traduzido por Joubert de Oliveira Brízida. - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.